

**ROSÂNGELA CANOAS DE ANDRADE**

**QUESTÕES NEUROPSICOLÓGICAS E  
NEUROLINGÜÍSTICAS  
DE UMA AFASIA FLUENTE/ PROGRESSIVA:  
Inferências a partir de um estudo de caso para a clínica  
fonoaudiológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística na Área de Neurolingüística.

**ORIENTADORA: Profa.Dra. Rosana Do Carmo Novaes-Pinto**

**CAMPINAS  
2009**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Canoas-Andrade, Rosângela.

Questões neuropsicológicas e neurolingüísticas de uma afasia fluente e progressiva : inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica / Rosângela Canoas de Andrade. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Rosana do Carmo Novaes-Pinto.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia fluente e progressiva. 2. Estudo de caso. 3. Neurolingüística. 4. Neuropsicologia. 5. Fonoaudiologia. I. Novaes-Pinto, Rosana do Carmo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Neuropsychological and neurolinguistics questions of a fluent and progressive aphasia: inferences from a case study to the speech therapy.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Fluent and progressive aphasia; Case study; Neuropsychology; Neurolinguistics; Speech Therapy.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

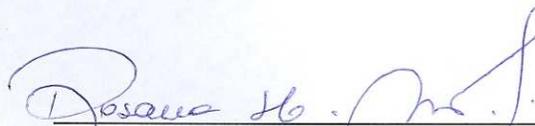
Banca examinadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes-Pinto (orientadora), Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry e Profa. Dra. Elenir Fedosse. Suplentes: Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire e Dra. Ivone Panhoca.

Data da defesa: 16/02/2009.

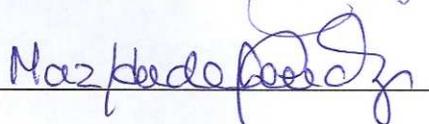
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

**BANCA EXAMINADORA:**

Rosana do Carmo Novaes Pinto

  
\_\_\_\_\_

Maria Irma Hadler Coudry

  
\_\_\_\_\_

Elenir Fedosse

  
\_\_\_\_\_

Fernanda Maria Pereira Freire

\_\_\_\_\_

Ivone Panhoca

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP

2009

Ao meu filho Gabriel,  
razão maior de meu viver.

Ao amigo Márcio Antônio de Moraes (*in memoriam*),  
meu primeiro contato com a UNICAMP e com o IEL.  
Saudades...

À minha mãe Sebastiana, por sua força, seu exemplo  
e seu esforço em fazer de nós, seus filhos,  
pessoas autônomas e sonhadoras.

Ao querido Pedro Sérgio, companheiro de todas as horas.

## **Minha gratidão**

“A gratidão é possível após a experiência da gratuidade: o favor que não é explicado senão pela boa vontade de quem favorece, sem qualquer merecimento do favorecido.

De vez em quando, somos invadidos por esse senso de gratuidade:  
uma alegria que nos faz tremer e imaginar o que teríamos feito para merecer tamanha beatitude; um êxtase que nos arrebatava, deixando a indelével lembrança que nos sustenta por dias a fio, mesmo tendo durado poucos segundos; um contentamento que se instala sorrateiro e que nos abraça, no abraço de alguém que amamos; uma quase vergonha de sermos tão bem cuidados pela vida, pelos outros, por Deus, na certeza de que o que experimentamos não se explica pelo princípio da causa e efeito, pois sabemos quem somos e sabemos que desfrutamos de muito mais do que deveríamos desfrutar.

A gratidão é também a expressão de uma consciência que foi apoderada pela convicção de ter sido favorecida com abundância tal que jamais poderá ser recompensada. Tem coisa que não há como pagar e, nessas horas, tudo o que se pode fazer é agradecer”...

( Ed René Kivitz)

**À Deus**

Pelo dom da vida e por Sua presença  
sempre a me guiar e fortalecer...

**À Prof.<sup>a</sup> Rosana Novaes-Pinto**

Por ter aceitado ser minha orientadora, mesmo sabendo o quanto eu teria que amadurecer, para ser capaz de incorporar todos “esses conhecimentos” às minhas reflexões e práticas.

Por ter me conduzido de forma tão dedicada e paciente no universo da Neurolingüística Discursiva.

Por ter sido mestra, transmitindo seus conhecimentos e experiências, quando poderia simplesmente ter sido professora. Pela sua amizade, incentivo, bom humor e carinho.

A você Rô, minha gratidão e o meu mais profundo respeito, o que sempre ser pouco, diante de tudo que me foi oferecido...

**À Prof. Maria Irma Hadler Coudry**

A você Maza, minha gratidão por propiciar a nós fonoaudiólogos, a oportunidade de rever nossas condutas e percorrer caminhos mais coerentes e mais efetivos.

**À Fernanda Freire**

A minha gratidão por participar no Exame de Qualificação desta Dissertação, e por suas observações sempre inteligentes e sensíveis.

**À Elenir Fedosse**

A minha gratidão por sua cuidadosa leitura e preciosas sugestões .

**Ao sujeito AJ**

que por meio de sua existência tem demonstrado  
que o ser humano é capaz de se resgatar do  
“pântano” da doença, contrariando os mais  
objetivos prognósticos da ciência...

**Ao sujeito OJ**

Meu companheiro de “viagem”!

**Aos afásicos,**

especialmente aqueles que tive oportunidade de acompanhar, que no início de minha  
carreira trouxeram tantas inquietações.  
Sentimento fundamental para a procura de novos conhecimentos.

**À CAPES**

Pelo auxílio financeiro.

“Porque o único sentido oculto das cousas é  
elas não terem sentido oculto nenhum.  
É mais estranho do que todas as estranhezas  
E do que os sonhos de todos os poetas  
e os pensamentos de todos os filósofos,  
que as cousas sejam realmente o que  
parecem ser.  
E não haja nada que compreender.”

Fernando Pessoa

## RESUMO

A Fonoaudiologia tradicional, com relação às alterações da linguagem, ainda sofre a forte influência teórica e metodológica dos discursos que circulam na área médica. As abordagens orgânicas são geralmente priorizadas, em detrimento de análises mais abrangentes dos fenômenos e, principalmente, dos sujeitos. Essa visão redutora, inevitavelmente, também é que vai dar as diretrizes para o acompanhamento terapêutico. Orientado pela abordagem teórica e metodológica da Neurolinguística Discursiva (ND), este trabalho apresenta um estudo longitudinal de um caso de Afasia Fluente Progressiva, para o qual contribuem o histórico neurológico – constituído por imagens tomográficas e laudos que revelam lesões em várias áreas cerebrais, em decorrência de AVCs focais e isquêmicos, clipagem de aneurismas e atrofia corticais e sub-corticais, além dos resultados de avaliações neuropsicológicas e as análises linguísticas de episódios dialógicos. Os dados analisados foram obtidos em episódios dialógicos ocorridos nas sessões semanais do Grupo III do CCA (Centro de Convivência de Afásicos) e em sessões individuais de acompanhamento fonoaudiológico, durante as quais também foram desenvolvidas algumas atividades metalingüísticas, com o objetivo de respaldar nossas hipóteses sobre suas dificuldades linguísticas e cognitivas. Trata-se de um caso que consideramos *singular*, pois revela os efeitos das práticas sociais e do exercício real com a linguagem, tanto no curso do desenvolvimento de sua afasia, como das alterações cognitivas. A instabilidade presente no caso de AJ, cujos enunciados às vezes em nada diferem da *normalidade*, outras vezes revelam dificuldades próprias de sua afasia e, em determinados momentos assemelham-se aos quadros iniciais de demência, contribui para a reflexão acerca da relação normal/patológico. Por fim, discute-se o impacto da abordagem da ND para a clínica fonoaudiológica, na avaliação da linguagem e, principalmente, no acompanhamento terapêutico de sujeitos afásicos ou com outras alterações linguísticas e cognitivas.

**Palavras-chave:** Afasia fluente e progressiva; Estudo de caso; Neurolinguística; Neuropsicologia; Fonoaudiologia.

## ABSTRACT

The traditional Speech Therapy, when the focus is language alterations, is still strongly influenced by the theoretical and methodological discourses from the medical field. Organic approaches are usually privileged in comparison to other approaches, other possibilities of analysis of the phenomena and, especially, of the subjects. This reductionist view, inevitably, is the one that will provide the guidelines for language therapy. Guided by the theoretical and methodological approach of Discursive Neurolinguistics (ND), this research presents a longitudinal study of a case of Fluent Progressive Aphasia. We present the neurological history of the case – which consists of tomography images and reports, which reveal lesions in various brain areas, due to strokes - focal and ischemic, clipping of aneurysms and cortical & sub-cortical atrophies. We also present the results of neuropsychological assessments and the analysis of linguistic episodes. Data were obtained during episodes occurred in the weekly discussion of Group III of CCA (Centro de Convivência de Afásicos) and in individual sessions of speech therapy, during which some metalinguistic activities were developed, with the aim of supporting our hypothesis about his linguistic and cognitive difficulties. This is a case that we consider *unique*, because it shows the effects of social and linguistic practices on the development of aphasia and on the cognitive changes. The instability that characterizes the case contributes to the debate about the relationship normal/pathological, for sometimes his language is close to normal, sometimes the features of his aphasia predominate and other times the linguistic-cognitive alterations reminds a initial dementia. Finally, this work aims to discuss the impact of the Discursive Neurolinguistics approach to Speech Therapy Clinic, in the evaluation of language and, more important, in the therapy procedures of aphasic subjects or patients with any other linguistic and/or cognitive alterations.

**Keywords:** Fluent and progressive aphasia; Case study; Neuropsychology; Neurolinguistics; Speech Therapy.

## **Lista de Figuras**

<b>Figura</b>		<b>página</b>
Figura 1	Organização dos Blocos I, II, e III, segundo o modelo de Luria	18
Figura 2	Tomografia realizada em 21/10/1997	33
Figura 3	Tomografia realizada em 02/09/1998	34
Figura 4	Tomografia realizada em 18/07/2004	35
Figura 5	Tomografia realizada em 18/07/2004	37
Figura 6	Tomografia realizada em 18/07/2004	37
Figura 7	Tomografia realizada em 13/07/2005	38
Figura 8	Tomografia realizada em 13/07/2005	39
Figura 9	Tomografia realizada em 13/07/2005	39
Figura 10	Seqüência cronológica das imagens, nas quais se observa lesão bilateral	40
Figura 11	Seqüência cronológica das imagens, nas quais se observa alargamento dos sulcos e fissuras cerebrais	40
Figura 12	Seqüência cronológica de imagens de cerebelo	41

## Lista dos Dados

		<b>página</b>
<b>Dado1</b>	Dado de CS( afasia fluente).	26
<b>Dado2</b>	Dado de CS (afasia fluente).	27
<b>Dado3</b>	Dado de AJ ( 1º Recorte do Dado Ponte Preta).	62
<b>Dado 4</b>	Dado de L1 sujeito não afásico de 81 anos ( Preti,1991).	79
<b>Dado 5</b>	Dado de CL , senhora afásica de 78 anos (Novaes- Pinto, 1999).	79
<b>Dado 6</b>	Dado de CI sujeito afásico de 54 anos (Morato et al. (2002).	79
<b>Dado 7</b>	Dado mostra um recorte do episódio I	81
<b>Episodio I</b>	Episodio I	85
<b>Dado 8</b>	Dado de AJ ( 2º Recorte do Dado Ponte Preta)	109
<b>Dado 9</b>	Dado de AJ ( 3º Recorte do Dado Ponte Preta).	111

# SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>01</b>
------------------------	-----------

## **CAPÍTULO 1 : QUESTÕES NEUROPSICOLÓGICAS E NEUROLINGÜÍSTICAS DE UMA AFASIA FLUENTE/PROGRESSIVA**

<b>1.1.Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2. Conceção de cérebro como Sistema Funcional Complexo.....</b>	<b>15</b>
1.2.1.Introdução.....	15
1.2.2. O cérebro como um Sistema Funcional Complexo.....	16
<b>1.3. A afasia de AJ: fluente e progressiva.....</b>	<b>23</b>
1.3.1. A noção de afasia fluente.....	23
1.3.2.A afasia progressiva.....	28
<b>1.4. Histórico do caso: dados neurológicos e relatos sobre as alterações.....</b>	<b>32</b>
<b>1.5. Considerações sobre o resgate do histórico neurológico e sobre a singularidade do caso de AJ.....</b>	<b>41</b>

## **CAPÍTULO 2: A AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA E NEUROLINGUISTICA DE AJ EM SITUAÇÕES EXPERIMENTAIS**

<b>2.1. Introdução.....</b>	<b>43</b>
<b>2.2. Avaliação Neuropsicológica.....</b>	<b>44</b>
2.2.1. Respostas de AJ durante a conversa informal e durante a realização de Tarefas do MEEM (Mini-Exame do Estado Mental).....	44
2.2.2. Avaliação de funções perceptivas, cognitivas e de orientação espacial .....	47
2.2.3. Reconhecimento de rostos famosos .....	55
2.2.4. Resultados de AJ no teste de nomeação de Boston (TNB).....	57
2.2.5. Avaliação de compreensão de frases e pequenas histórias.....	62

**CAPÍTULO 3:**  
**A LINGUAGEM DE AJ: ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO**

<b>3.1. Introdução .....</b>	<b>75</b>
<b>3.2. Preconceito lingüístico e social contra o idoso e sujeitos afásico .....</b>	<b>76</b>
<b>3.3. Considerações sobre aspectos metodológicos da pesquisa .....</b>	<b>82</b>
<b>3.4. A singularidade do caso de AJ .....</b>	<b>83</b>
<b>3.5. O Episódio I: um dado singular para a análise da linguagem de AJ.....</b>	<b>85</b>
3.5.1. A macro-estrutura dos enunciados de AJ.....	101
3.5.2. O desenvolvimento dos tópicos na linguagem dos idosos e a inserção de parentéticas .....	107
3.5.3. O circunlóquio .....	110
3.5.4. O fenômeno da digressão .....	111
3.5.5. Presença constante do passado na categoria “tempo” .....	113
<b>3.6. Alterações no sistema lingüístico.....</b>	<b>115</b>
3.6.1. Alterações sintáticas: a presença de anacolutos.....	115
3.6.2. Dificuldades para encontrar palavras ou selecionar as palavras .....	117
3.6.3. Aumento de pausas, hesitações, repetições e alongamento de vogais.....	120
<b>3.7. Considerações finais sobre as dificuldades lingüísticas e cognitivas de AJ.....</b>	<b>124</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>145</b>
Anexo I.....	146
Anexo II.....	162
Anexo III.....	182
Anexo IV.....	187
Anexo V .....	189

# INTRODUÇÃO

*Se não pudermos acreditar que nossa existência é parte de um projeto significativo e evolutivo, será difícil manter a determinação necessária para torná-lo realidade.*

(M. CSIKSZENTMIHALY)

Este estudo surgiu da necessidade de buscar respostas às várias questões que foram se avolumando durante meus 16 anos de experiência clínica como fonoaudióloga<sup>1</sup>, tanto acerca do papel deste terapeuta no processo de reorganização da linguagem do sujeito afásico, quanto àquelas que concernem os processos que ocorrem nas afasias, dentre as quais destaco as seguintes: por que dois sujeitos com lesões anatomicamente similares podem apresentar características de afasias tão diversas? Por que os mesmos procedimentos tradicionalmente sugeridos para “aparentemente” os mesmos tipos de afasia apresentam resultados tão diferentes? Por que durante o processo terapêutico observa-se tanta instabilidade? Por que um sujeito afásico leva tanto tempo para dizer uma palavra em determinado momento e, de repente, fala esta palavra sem esforço? Por que alguns sujeitos, que são capazes de realizar com relativa facilidade tarefas de nomeação, leitura, formação de frases e tantos outros “exercícios”, que os manuais<sup>2</sup> de tratamento fonoaudiológico consideram “de linguagem”, relatam que não se sentem recuperados? E, ao contrário, por que há sujeitos que se saem tão mal nas tarefas metalingüísticas e nem parecem afásicos em situações dialógicas?

---

<sup>1</sup> Usarei a primeira pessoa do singular em algumas passagens da Introdução deste texto, para salientar o fato de que esta dissertação é fruto de minha inquietação sobre os procedimentos de avaliação e terapia com casos de afasia, na clínica fonoaudiológica tradicional. Posteriormente, adotarei a primeira pessoa do plural, pela reflexão conjunta com minha orientadora e porque os pressupostos teóricos e metodológicos que adotamos vêm sendo construídos pelos pesquisadores da área de Neurolingüística, do IEL, desde os primeiros trabalhos de Coudry, na década de 80.

<sup>2</sup> Como exemplo, cito o Manual Papaterra de Habilidades Cognitivas (2000) que é bastante utilizado nas terapias com sujeitos afásicos.

Diante de tantas inquietações, como fonoaudióloga eu, geralmente, me via numa situação de impotência diante do sujeito afásico. Experimentei, muitas vezes, a sensação de que o trabalho de avaliação e acompanhamento fonoaudiológico mostrava de forma cruel apenas aquilo que foi perdido ou comprometido; o tratamento centrava-se, basicamente, no treino dos aspectos e habilidades alterados, com a ilusão de recuperar plenamente as funções impactadas pelas afasias. À medida que não se obtinha êxito nas tarefas propostas, muitas vezes estes sujeitos desistiam do processo terapêutico e se recolhiam ao isolamento ou, então, se conformavam com os limites que pareciam intransponíveis.

A bateria de testes para afasia geralmente utilizada em minha avaliação incluía itens como os descritos por Coudry (1988): repetição de fonemas ou palavras monossilábicas, repetição de logatomas, soletração e repetição de palavras, discriminação de palavras pareadas (pato/bato), formação de palavras a partir de fonemas iniciais, nomeação de objetos - oralmente ou por escrito, exercícios de linguagem automática - dias da semana, meses do ano e números, verificação da fluência verbal, descrição de figuras, leitura em voz alta de palavras e de frases, exercícios de morfologia (como dar o plural ou o feminino de), de sintaxe (exercícios para completar frases, formar sentenças passivas), fazer cópias de palavras e parágrafos, ditado de palavras, frases *etc.* Por meio de testes, supostamente, diagnosticava as dificuldades do sujeito – este sempre referido sempre como “paciente”, em diversas áreas da linguagem, para então traçar um plano terapêutico.

Devido à minha formação predominantemente organicista, própria das áreas da saúde, o processo de avaliação e acompanhamento fonoaudiológico que durante estes anos desenvolvi foram fortemente ancorados na concepção de língua(gem) como um sistema estático, fechado, no qual não há espaço para a variação, nem para a atividade dos sujeitos. Além disso, a atuação terapêutica centrava-se nas dificuldades que o sujeito apresentava nos testes, na tentativa de ensinar e “treinar” os aspectos alterados. Os sujeitos se apresentavam, a cada dia, mais desmotivados e eu, como terapeuta, sentia-me despreparada e desnecessária. Faltava-me o conhecimento tanto para melhor compreender o sistema formal da língua e seus aspectos - fonético/fonológico, semântico/lexical e sintático - quanto para melhor avaliar questões pragmáticas e discursivas, imprescindíveis para entender alterações nos processos de significação e relações de sentido, problemas com

pressupostos interpretativos, violação de leis conversacionais ou discursivas, dificuldades com operadores argumentativos, dificuldades com acesso lexical *etc.*

Todas as questões acima abordadas foram tratadas por Coudry (1986/1988), que criticou a utilização de testes metalingüísticos como único instrumento de avaliação e guia para condutas terapêuticas, pelo fato de serem descontextualizados e de não incorporarem o conhecimento desenvolvido pelas teorias lingüísticas discursivas, que consideram o sujeito e seu trabalho sobre os recursos da língua, na produção dos discursos.

Foi especificamente o contato com *O diário de Narciso: afasia e discurso* (COUDRY, 1986/1988), ao final da minha graduação, que pôs em cheque todo o conjunto de pressupostos teóricos e metodológicos da prática fonoaudiológica, que ficaram como questões que, a meu ver, seriam resolvidas com a experiência clínica.

Com o tempo, entretanto, percebi que a abordagem discursiva das afasias, proposta por Coudry, não influenciava, de fato, minha prática com os afásicos. Julguei, na época, que para realizar as atividades propostas no livro (*Diário de Narciso*) nem seria necessário ter uma formação clínica ou o domínio de questões orgânicas. Embora, muitas vezes, tenha feito uso de alguns dos procedimentos apontados por Coudry – trabalho com a *agenda*, álbum de fotos, com a leitura de jornais *etc.*, estes não surtiam o efeito desejado porque minha prática ainda estava ancorada em questões estruturais. Na minha concepção – equivocada - eu não poderia ficar apenas “conversando<sup>3</sup>” com o paciente, durante todo o tempo de sua sessão.

Os efeitos da abordagem discursiva só ficaram mais evidentes para mim quando recomendei a leitura do *Diário de Narciso* à minha irmã, que é pedagoga. Ela havia me pedido sugestões de atividades que pudessem ajudar um sujeito afásico que ela havia conhecido (OJ). Devido à sua formação não ser em fonoaudiologia e por se tratar de um sujeito com uma afasia motora grave, pensei que a abordagem discursiva pudesse orientá-la na compreensão da afasia, sobre o funcionamento da linguagem e seu comprometimento em decorrência do AVC. Coincidentemente, o caso de OJ era muito parecido com o do

---

<sup>3</sup>Esta é uma idéia que circula entre alguns profissionais, especialmente fonoaudiólogos, que de fato não conhecem o trabalho desenvolvido no CCA, nem os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam as atividades.

sujeito P, abordado por Coudry, e sugeri que minha irmã utilizasse os recursos propostos (trabalho com agenda, álbum de fotos, jornais *etc*), bem como praticasse o “exercício da linguagem”, em situações reais de comunicação. Em outras palavras, sugeri que fizesse o que *tradicionalmente não se faz* no ambiente clínico.

O fato é que OJ - que já era afásico há aproximadamente 7 anos e cuja produção se reduzia à estereotípia *papapá* e a palavras isoladas - passou a produzir enunciados em estilo telegráfico. Ele, segundo seu relato, compreendeu que seria necessário “adaptar” sua fala aos recursos que ainda tinha disponíveis (lexicais, sintáticos, semânticos) e fazia isso em função de sua interlocutora, (minha irmã), que lhe solicitava o tempo todo que se posicionasse como sujeito nas interações e que exigia que ele reformulasse o que tinha dito, cada vez que ela não conseguia compreender seus enunciados. Podemos nos reportar a um enunciado de OJ para ilustrar como ele se vê hoje, em relação aos 7 anos em que ficou praticamente sem terapia, depois do fracasso de uma terapia fonoaudiológica tradicional: *Antes, antes, mudo. Hoje, conversa.*

Fiquei intrigada com o fato de minha irmã conseguir resultados com OJ que eu, fonoaudióloga com vários anos de experiência clínica, respaldada por teorias e técnicas tradicionais para intervir sobre as afasias, não conseguia obter. Além disso, depois de anos atuando com afásicos, tendo muitos deles abandonado a terapia e estando insatisfeita com os resultados, cheguei a um impasse: ou parava de trabalhar com as afasias (hoje reconheço que naquela época trabalhava com as ‘afasias’ e não com os ‘afásicos’), ou procurava compreender mais a fundo as questões de lingua(gem) envolvidas. Em outras palavras, precisaria transformar minha atuação.

Foi então que decidi procurar o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (UNICAMP) e me matriculei como aluna especial na disciplina de Neurolingüística I, no ano de 2004.

Ao iniciar meus estudos no IEL e aprofundar meus conhecimentos acerca dos princípios teóricos e metodológicos da Neurolingüística Discursiva (doravante ND), comecei a observar minha prática e a analisar as transcrições que fazia das falas dos afásicos. Até então eu transcrevia os dados apenas para observar questões fonético/fonológicas e o que faltava (palavras) ou “como eles falavam”. Após aplicar os

testes, me perguntava para quê serviriam. Vale dizer que todas as reflexões críticas que apontei no início deste texto só foram possíveis a partir das discussões das quais participei e que me foram apresentadas no IEL<sup>4</sup>.

Comecei a transcrever os episódios dialógicos, à semelhança dos que foram apresentados no curso, e me surpreendi ao perceber que nem sempre era capaz de agir como uma interlocutora qualificada<sup>5</sup>. Muitas vezes não era capaz de esperar o enunciado do afásico, falava no seu lugar, ficava apegada às atividades nas quais eu podia assumir o controle da interação, intensificando a assimetria dos papéis. Pude observar que a forma como eu vinha conduzindo as atividades não favorecia ao sujeito afásico o exercício da linguagem, nem permitia que ele pudesse experimentar seus recursos lingüísticos e revelar suas formas de lidar com a afasia. Além disso, não me era possível compreender o caminho percorrido (o que ele não faz, o que faz e como faz, onde e por que “erra”), durante o tempo da sessão, o que limitava consideravelmente as alternativas de intervenção.

Resumindo, pude perceber como a concepção de linguagem como “código” direcionava as atividades para tarefas de comando, já que o que deveria ser dito e trabalhado estava pré-estabelecido, possibilitando a antecipação e a avaliação das respostas em termos de *erro* ou *acerto*. Este tipo de atitude é descrita por Coudry como uma forma de exclusão do sujeito no processo de interlocução:

O examinador ocupa uma posição de domínio da interlocução e detém um saber sobre o afásico e sobre a linguagem (muito próxima do saber “escolar”) a respeito do qual quer testar o sujeito, de modo a desfazer a simetria e interação, indispensáveis ao exercício da linguagem. (COUDRY, 1986/88, p.11)

---

<sup>4</sup> Cursei, como aluna especial, a disciplina Neurolingüística I, no primeiro semestre de 2006, com a Profa. Dra Rosana do Carmo Novaes Pinto, que viria depois ser minha orientadora.

<sup>5</sup> Este tema será desenvolvido mais adiante, mas vale adiantar que o que chamaremos de “interlocutor qualificado” diz respeito àquele que conhece o funcionamento da linguagem e é capaz de intervir adequadamente, para que o afásico reorganize sua linguagem. Em outras palavras, é aquele que constrói junto, podendo ou não ser um profissional da área da saúde, sendo que neste caso, o profissional tem a obrigação ética e moral de sê-lo. Beilke (2007) tem se utilizado desse conceito para falar da interação com sujeitos que têm diagnóstico de Demência de Alzheimer.

Para vivenciar, de fato, a abordagem teórica e metodológica da ND, passei a freqüentar semanalmente o Grupo III do Centro de Convivência dos Afásicos, doravante CCA<sup>6</sup>.

Logo de início, passei a interessar-me pelo sujeito AJ, sobretudo pela instabilidade que caracterizava seu quadro afásico: em uma semana ele nem parecia afásico, na semana seguinte parecia não estar nos compreendendo e apresentava-se confuso em relação a datas, não se recordava dos nomes dos outros participantes e, às vezes, nem dos próprios participantes. Aos poucos, outras dificuldades foram ganhando relevância, como a de memória. Passei a acompanhar também suas sessões individuais, com as estagiárias do curso de Fonoaudiologia, e a analisar os fatores que pudessem estar influenciando a organização ou desorganização do seu discurso.

Percebemos (minha orientadora e eu) que apenas um estudo longitudinal poderia iluminar as questões de sua afasia. A instabilidade do quadro também se refletiu nas formas como fomos nos referindo à sua afasia. De início, apenas *fluente*, com características semelhantes às que são descritas na literatura sobre os efeitos das lesões posteriores: fluentes, com dificuldades de compreensão, produções parafásicas, anosognosia, ausência de auto-correção, dentre outros *sintomas*.

Durante mais de um ano não tivemos acesso aos exames neurológicos de AJ. Com o passar do tempo, seu caso se configurava como uma afasia fluente e do tipo *progressiva*, já que parecia se agravar com o tempo, tanto nos aspectos lingüísticos – produção de mais parafasias fonológicas e lexicais, alterações sintáticas, produção de circunlóquios, dentre

---

<sup>6</sup> O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) originou-se de uma proposta formulada em 1989, com o objetivo de acompanhar pessoas afásicas, na convivência com pessoas não-afásicas, em diversas situações e práticas discursivas. O CCA é produto de um convênio entre o Departamento de Lingüística (DL) do IEL e o de Neurologia (DN), da FCM/UNICAMP. Até 1996, Coudry foi responsável pela área de Neurolingüística no IEL. O Prof.Dr. Benito Damasceno, docente, e a Profa. Dra. Edwiges Maria Morato, na época fonoaudióloga do DN, responderam por esse departamento. A partir de 1996, com a contratação da Profa. Dra. Edwiges Morato pelo DL, as responsabilidades de docência, pesquisa e extensão/assistência da área de Neurolingüística, do Laboratório de Neurolingüística (LABONE) e do CCA foram divididas. Deu-se início ao segundo grupo do CCA. O Grupo I ficou sob a responsabilidade da Profa. Dra. Edwiges Morato e o Grupo II com a Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry. (Fonte: Coudry, M.I.H. (2002), Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.42. Campinas: IEL/UNICAMP, Jan/Jun. 2002, p.99-129. Em agosto de 2004 foi contratada a terceira docente da área de neurolingüística, Profa. Dra. Rosana do C. Novaes Pinto que, em agosto de 2006 deu início às atividades do Grupo III do CCA.

outros – quanto em relação a outros aspectos cognitivos (atenção, percepção espacial, temporal etc.)

Ao tomarmos contato com as imagens e com os laudos dos exames radiológicos, fomos surpreendidas, em primeiro lugar, pela singularidade do caso, que põe em cheque a correlação entre *afasia do tipo fluente e lesão posterior*. As tomografias revelam lesão mais extensa em região anterior, incluindo a região de Broca. Mais surpreendente ainda é o fato de, apesar dos impactos de AVCs hemorrágicos e isquêmicos, cirurgias de clipagem de aneurismas e atrofia cortical e sub-cortical, AJ continua se constituindo como sujeito social e da linguagem.

O estudo deste caso pode dar visibilidade ao efeito das interações sociais, pelo uso efetivo da linguagem, nos mecanismos de plasticidade cerebral, que permitem sua reorganização.

Com o objetivo de checar as hipóteses acerca das dificuldades perceptivas e cognitivas de AJ, foi solicitada uma avaliação neuropsicológica, realizada pelo neurologista MB, na época doutorando do programa de Pós-Graduação em Neurociências, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM)/UNICAMP.

Também foram utilizados na pesquisa alguns protocolos adaptados de testes-padrão (Teste de Nomeação de Boston e Teste de Reconhecimento de Rostos Famosos) e alguns protocolos que elaboramos a partir das dificuldades de AJ que foram observadas nos episódios dialógicos, ao longo de quase dois anos de interação (Teste com frases e com histórias curtas). Os resultados confirmaram nossas hipóteses sobre algumas dificuldades perceptivas e cognitivas de AJ, dentre as quais destacamos as de orientação espacial e temporal, de atenção e de memória.

A análise de dados obtidos em episódios dialógicos, ocorridos nas sessões do Grupo III do CCA e em sessões individuais, revela os recursos lingüístico-cognitivos dos quais ele lança mão para driblar suas dificuldades. É possível observar também nos dados questões relativas à instabilidade do caso, que o colocam num contínuo entre a normalidade, a afasia progressiva e, talvez, o início de um quadro demencial.

Trata-se de um caso que nos permite refletir, portanto, sobre a relação da linguagem com outros processos cognitivos e sobre a relação do sujeito com suas dificuldades. Na análise dos enunciados dos interlocutores de AJ, ao longo dos episódios dialógicos, é possível também inferir a respeito da influência do interlocutor (terapeuta ou não), sobre a reorganização da linguagem, da memória, da percepção, da atenção, para minimizar os impactos na vida do sujeito.

Enfim, o estudo do caso - ao longo de aproximadamente dois anos - subsidiado pela literatura produzida na Lingüística e na ND, possibilitou colocar em cheque muitas das verdades assentadas na clínica tradicional e, sem dúvida, modificaram minha prática com os sujeitos afásicos.

Com objetivos didáticos, a fim de salientar questões teóricas e metodológicas deste estudo, esta dissertação está organizada em três capítulos, a saber:

**O Capítulo 1**, intitulado: **Questões neuropsicológicas e neurolingüísticas de uma afasia fluente e progressiva** apresenta, primeiramente, a concepção de cérebro que orienta a ND: um cérebro dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e cultural do homem; o cérebro como um Sistema Funcional Complexo (doravante SFC; Luria, 1981,1986).

Julgamos pertinente, à medida que apresentávamos questões relativas às unidades funcionais postuladas por Luria, ilustrar com dados do sujeito AJ que revelam dificuldades provavelmente relacionadas ao funcionamento alterado das várias unidades cerebrais.

Em seguida, justificamos a terminologia e a classificação sugeridas, uma *afasia fluente e progressiva*, para identificar as condições de linguagem e demais processos cognitivos no caso de AJ. Apesar dos limites, essa terminologia é utilizada, primeiramente, porque nos serve como *moeda lingüística*, nos espaços acadêmicos, para falar sobre um conjunto de fenômenos envolvidos. Apesar de as categorias clínicas serem consideradas geralmente como estanques, a noção de afasia progressiva prevê a instabilidade, o movimento.

. Apresentamos também, no Capítulo 1, o histórico neurológico e neuropsicológico/neurolingüístico do sujeito AJ, constituído por um rico conjunto de

documentos aos quais tivemos acesso. Foi possível recuperar, graças ao cuidado de TR, esposa de AJ, imagens tomográficas realizadas num período de aproximadamente dez anos, com seus respectivos laudos, acompanhados por relatos – uma espécie de diário - que TR fez sobre as alterações que foram ocorrendo ao longo do tempo com seu marido, de extrema relevância para uma melhor compreensão do caso.

No **capítulo 2**, que tem como título: **A avaliação neuropsicológica e neurolingüística de AJ, em situações experimentais** são apresentados os resultados de exames neuropsicológicos realizados em abril e maio de 2008, no Ambulatório de Neurologia do Hospital das Clínicas da FCM/UNICAMP. A avaliação foi solicitada, como já referido acima, para checar algumas hipóteses sobre as alterações perceptivas e cognitivas de AJ, que pudessem estar associadas às suas dificuldades lingüísticas e que justificariam conceber sua afasia como sendo do tipo *progressiva*.

São também discutidos resultados referentes à aplicação do Teste de Nomeação de Boston e do Teste de Reconhecimento de Rostos de Pessoas Famosas, além de resultados em experimentos realizados por nós e que foram elaborados a partir das dificuldades de AJ em sessões do CCA.

Ao final do capítulo 2, discutimos a contribuição das avaliações neuropsicológicas, realizadas em condições experimentais, para a compreensão do caso de AJ.

No **capítulo 3, Análise lingüística dos episódios dialógicos de AJ: a relação entre o normal e o patológico**, serão apresentados e analisados dados obtidos em episódios dialógicos, ocorridos nas sessões do Grupo III do CCA e também os dados de uma sessão de acompanhamento fonoaudiológico individual, com estagiárias do curso de Fonoaudiologia.

Serão destacados, para a análise, alguns fenômenos que são geralmente referidos na literatura tradicional como *sintomas* de afasias fluentes, de afasias progressivas e de quadros demenciais, dentre os quais a produção de “circunlóquios” e “digressões”, de parafasias fonológicas e lexicais, o aumento na ocorrência de pausas, hesitações e expressões cristalizadas e também a dificuldade para selecionar palavras. Com o objetivo de mostrar que muitos desses *sintomas* são características do *normal*, alguns fenômenos serão comparados aos dados de sujeitos idosos, saudáveis, discutidos por Preti (1991).

Fenômenos considerados como sendo da ordem do funcionamento discursivo em sujeitos não-afásicos, nas afasias são, por princípio, da ordem do patológico. Destacam-se, por exemplo, as estratégias para se ganhar tempo durante a comunicação, a fim de articular melhor um argumento ou para manter o turno.

A comparação entre dados de AJ e sujeitos normais tem como objetivo discutir até que ponto seus enunciados podem ser explicados como características do discurso do idoso que, segundo Preti, são próprias do envelhecimento normal, e até que ponto são resultantes das dificuldades lingüísticas e cognitivas de seu quadro.

Uma das noções utilizadas por Preti, em suas análises sobre o discurso do idoso, é a de “preservação da face”, postulada por Goffman (1967). O conceito se mostra interessante para explicar algumas situações em que o sujeito AJ, talvez para não se mostrar como *não-competente* na linguagem, utiliza recursos como o de repetir-se, produzir expressões cristalizadas (*na verdade... na verdade... de fato...*), referir-se ao tempo em que ainda trabalhava, contando em detalhes o que lhe é perguntado etc.

Serão destacados também episódios em que AJ produz parafasias lexicais ou fonológicas que comprometem o sentido de seus enunciados, situações em que ele geralmente não se auto-corrige. Mesmo quando chamamos a sua atenção com referência a fatos ou datas – como veremos em um dos dados em que diz que a Ponte Preta foi fundada em 1500 – ele não volta atrás. Quanto a isso, nos questionamos se AJ “se escuta” ou não. Há uma produção verborrágica de enunciados, como veremos no episódio I. Trata-se de verdadeiros monólogos, blocos de enunciados em que praticamente não há brechas para a entrada do interlocutor.

Os interlocutores de AJ, em geral, sentem dificuldade para dialogar com ele, por vários motivos: por não compreenderem muito bem seus enunciados e não saberem como dar *acabamentos* a eles (no sentido bakhtiniano); porque é difícil manter a atenção enquanto ele está falando, pois parece mudar de assunto a todo o momento ou perde-se em detalhes e, principalmente, porque sabem que em geral *não são ouvidos* por AJ.

Nas **Considerações Finais**, buscaremos *amarrar* as questões abordadas nos três capítulos, destacando a influência da abordagem da ND para o estudo do caso e, principalmente, para a clínica fonoaudiológica.

Não é objetivo desta dissertação esgotar o tratamento das questões apontadas acima, já que se trata de um quadro muito complexo. Entretanto, esperamos contribuir, primeiramente, para a teorização neurolinguística, acerca deste tipo de afasia, ao contrapor o histórico do caso e os dados que exibem a linguagem de AJ, que subsiste apesar do estado atual de seu cérebro, muito provavelmente em função da inserção do sujeito, de forma efetiva nas práticas sociais, pela linguagem. Em segundo lugar, mas não menos importante, desejamos que esta dissertação possa influenciar a prática fonoaudiológica com os afásicos, contribuindo para que, mesmo sob o impacto da afasia, redescubram - nas práticas interativas com a linguagem - o prazer da convivência social.

# CAPÍTULO 1

## Questões neuropsicológicas e neurolingüísticas de uma afasia fluente e progressiva<sup>7</sup>

### 1.1. Introdução

Antes de apresentarmos o caso de AJ, considerando questões neuropsicológicas e neurolingüísticas que justificam concebê-lo como um *caso singular*, este capítulo apresenta primeiramente a concepção de cérebro que orienta nossas análises e, logo em seguida, discute aspectos acerca da terminologia adotada. Buscaremos esclarecer o uso dos termos, apontando para a falta de consenso na literatura a esse respeito e justificando as opções feitas nesta dissertação, com destaque para o fato de caracterizarmos os fenômenos observados neste estudo de caso como uma *afasia fluente e progressiva*.

A Neuropsicologia e a Neurolingüística são fortemente guiadas pela necessidade de se classificar o sujeito ou uma patologia em uma categoria clínica estanque ou *síndrome*, definida como a co-ocorrência de um conjunto de sintomas. O estudo de um caso, quando realizado longitudinalmente, coloca em cheque as classificações estanques feitas por instrumentos de avaliação metalingüística, que congelam as dificuldades dos sujeitos em um momento artificial, da aplicação dos testes, e que impedem que se observe a linguagem e demais processos cognitivos em funcionamento.

Segundo Porter (1997), os rótulos atribuídos às doenças (ou síndromes) são *moedas lingüísticas* para a troca entre os profissionais de uma área de estudos. Para algumas comunidades científicas, ou mesmo para leigos, nomear a doença é a (única) possibilidade para a cura.

---

<sup>7</sup> De acordo com a literatura sobre a afasia progressiva, esta pode ser subdividida em *fluente e não-fluente* (Espert *et al.*, 2003; Serrano *et al.*, 2005 e Radanovic *et al.* 2001. Manteremos nesta dissertação o termo “fluente e progressiva”, já que “fluente” é um termo mais abrangente para caracterizar o quadro de AJ.

As instabilidades que caracterizam o caso de AJ justificam a dificuldade para classificar sua afasia em uma categoria estanque. A análise lingüística dos seus enunciados revela uma oscilação do sujeito entre a normalidade, a afasia e o comprometimento cognitivo (demência). É possível, como mostraremos adiante, analisar a cronologia dos episódios neurológicos – de que forma seu cérebro foi sendo comprometido por AVCs, cirurgia de clipagem de aneurisma e lesões difusas, reveladas pelas tomografias cerebrais.

Se não conhecêssemos o sujeito AJ e sua linguagem, a análise das imagens (Figuras 3 a 10) levaria a postular a hipótese de que AJ, provavelmente, estaria num estágio intermediário de demência, considerando-se as atrofia verificadas bilateralmente, além de déficits motores como hemiparesia e afasia não-fluente, motora.

A linearidade que se observa na degeneração de áreas corticais e sub-corticais, entretanto, não é verificada na linguagem e demais processos cognitivos, o que mostra um “cérebro em ação” (Luria, 1981), dinâmico, flexível, plástico. O cérebro de AJ revela isso de forma singular e pode ser explicado pela intensa atividade social e pela qualidade das interações com a família, em diversos círculos sociais, dentre os quais o CCA.

Esta discussão sobre a não linearidade nos fenômenos observados ao longo de um estudo de caso nos leva às questões discutidas por Canguilhem (1995), que trata da relação entre o normal e o patológico em termos de *continuidade* em um mesmo eixo, entre os dois pólos extremos – a doença e a saúde. Em outras palavras, os estudos de caso revelam a luta dos indivíduos para restabelecerem um equilíbrio, abalado pelo estabelecimento de uma patologia, como nos mostram os inúmeros relatos de Sacks (1995,1997).

O próximo item sintetiza questões relativas à concepção de cérebro que são pertinentes para o estudo de caso de AJ e que são compatíveis com a abordagem da ND. À medida que os conceitos forem sendo apresentados, buscaremos inserir dados sobre as dificuldades de AJ - evidenciados pelas tomografias, relatados por sua esposa (TR) ou resultante de nossas observações e análises, para esclarecer algumas correlações possíveis.

Como se trata de um caso muito complexo, esta dissertação certamente deixará de contemplar muitos aspectos, que deverão ser aprofundados em estudos futuros. Apesar de reunir uma grande quantidade de informações e dados dos episódios neurológicos, há algumas lacunas que merecem ser investigadas para que se possa compreender melhor a

evolução dos comprometimentos neurológicos e a correlação com os sinais cognitivos, lingüísticos e psíquicos<sup>8</sup>.

## **1.2. Concepção de cérebro como Sistema Funcional Complexo**

### **1.2.1. Introdução**

Em primeiro lugar é relevante esclarecer que só tivemos acesso aos dados neurológicos de AJ após praticamente um ano e meio do início dos trabalhos<sup>9</sup>, o que já indica que o “*cérebro* de AJ” não foi o ponto de partida para o estudo, como a clínica tradicional normalmente demanda. Não se pode negar, no estudo das afasias e das outras alterações cognitivas, a importância do conhecimento sobre a lesão - sua localização, extensão e etiologia, dentre outros aspectos do episódio neurológico. Entretanto, a concepção de cérebro como um sistema dinâmico e flexível, como será mais adiante abordado, é incompatível com abordagens que estabelecem correlações diretas entre a lesão e seus efeitos.

Desde o início do trabalho com o “*sujeito* AJ”, buscamos compreender não somente suas dificuldades lingüísticas e outras possíveis alterações cognitivas, mas também tudo o que estava preservado.

Sem o acesso aos dados dos exames neurológicos, a primeira hipótese que levantamos, a partir da análise lingüística dos enunciados, foi a de que ele tivesse uma lesão focal na região posterior esquerda, o que explicaria uma afasia do tipo fluente, com a produção de circunlóquios. À medida que se aprofundou o estudo do caso, passamos a considerar também a possibilidade de lesão difusa, bilateral, que seria parcialmente

---

<sup>8</sup> Embora julgemos de extrema relevância a análise de sinais relacionados às alterações psíquicas, esta dissertação não se propõe a contemplar este domínio.

<sup>9</sup> Havíamos solicitado os exames neurológicos à família de AJ, assim que ele começou a frequentar o Grupo III do CCA. Como estávamos envolvidos com o planejamento das atividades do grupo que se iniciava, a análise dos exames neurológicos acabou ficando para segundo plano. Apenas quando as imagens foram solicitadas pelo neuropsicólogo MB, por ocasião da avaliação neuropsicológica, tivemos acesso aos laudos e também seu ao diário feito por TR, no qual anotava as alterações que observava desde o primeiro episódio neurológico de AJ.

responsável pelo comprometimento de funções cognitivas como atenção e memória. Entretanto, fomos surpreendidos ao analisar as tomografias de AJ, que mais adiante serão mostradas e discutidas, que apontam uma lesão focal na região frontal, incluindo a área de Broca<sup>10</sup>, além da presença das lesões difusas, bilaterais, que serão detalhadas no item 1.4, no relato do caso.

### **1.2.2. O cérebro como um Sistema Funcional Complexo**

A concepção de cérebro que norteia os estudos da ND é fortemente ancorada nas teorias postuladas por Luria, que o concebe como um Sistema Funcional Complexo. Segundo Damasceno (1990, p. 149), “o modelo luriano de funcionamento neuropsicológico pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”.

O conceito de SFC também pressupõe que cada uma das funções cognitivas complexas seja concebida como um sistema complexo. Sobre a organização dessas funções, Luria afirma que: “não estão ‘localizadas’ em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em conjunto, cada uma das quais concorre com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional”. (LURIA, 1981, p. 27). No caso da presença de lesões cerebrais, estas podem levar a uma desorganização de todo o sistema funcional. O trabalho conjunto de todas as áreas possibilita rearranjos neurofuncionais para o restabelecimento das funções

---

<sup>10</sup> Chamamos a atenção para o fato de que AJ não apresenta hemiparesia, apesar da extensa lesão em regiões predominantemente motoras, nas regiões circunvizinhas da área de Broca. MB, o neurologista que avaliou AJ, também mostrou-se surpreso quando teve acesso às imagens e aos laudos, pois já havia avaliado AJ e os resultados mostravam alterações que não são compatíveis com a extensão das lesões, mesmo considerando-se as variações entre os casos e as estatísticas que correlacionam áreas lesadas e tipos de afasias. Segundo Dronkers (2000, *apud* Mansur & Radanovic, 2004), apenas cerca de 50 a 60% dos pacientes com lesão na área de Broca possuem uma “afasia de Broca persistente” e apenas 30% dos pacientes com lesão na área de Wernicke são afásicos de Wernicke crônicos. Há ainda cerca de 15% de pacientes com afasia de Broca crônica que não têm lesão na área de Broca e 35% de afásicos de Wernicke que não tem lesão na área de Wernicke.

comprometidas, segundo o princípio da *solidariedade*<sup>11</sup> que está presente já na plasticidade neuronal.

Antes de passarmos a explicitar o modelo luriano, apresentamos sinteticamente questões relativas à plasticidade cerebral, princípio fundamental para a concepção de cérebro que orienta os estudos em ND.

Segundo Annunziato (1995), persistiu durante muito tempo a idéia de que o Sistema Nervoso não era capaz de modificar seus circuitos e regenerar dendritos e axônios; que não apresentava possibilidades de recuperação. Atualmente, por meio de modernas técnicas de imagens, é possível observar fenômenos plástico-regenerativos<sup>12</sup>. Com relação aos fenômenos de regeneração do SN o autor afirma ainda que um grande número de neurônios que possuem contatos sinápticos sem atividade pode ser recrutado (fenômeno chamado de “recrutamento de sinapses silentes”). Ressalta que é possível observar a ocorrência de “brotamento” nos neurônios ao lado da área afetada, ou seja, “neurônios intactos do sistema funcional afetado ou mesmo neurônios de outros sistemas estão envolvidos no processo plástico-regenerativo” (ibidem,1995,p.72).

Em relação aos mecanismos de recuperação, o autor destaca que a adaptação que ocorre por meio desses processos de regeneração neuronal acarreta a diminuição dos efeitos das lesões. Os estudos confirmam a influência epigenética nos fenômenos plásticos do SN, ou seja, os efeitos que as atividades externas, sociais, intersubjetivas desempenham na organização neuronal e neurofuncional do cérebro. As atividades terapêuticas têm papel fundamental para a reorganização das atividades cerebrais. No último capítulo desta dissertação, esta questão será retomada, tendo por base os pressupostos da ND.

Voltando à questão da organização do cérebro, de acordo com o modelo de Luria, vemos que é constituído por cinco grandes regiões: subcorticais, frontais, parietais, occipitais e temporais, organizadas em três “unidades funcionais”, que denomina “Bloco I”,

---

<sup>11</sup> O princípio da *solidariedade* refere-se ao fato de que redes neuronais próximas àquela que foi danificada pela lesão se reorganizam para realizar a função que foi prejudicada.

<sup>12</sup> O autor descreve os princípios básicos de recuperação das funções neurais: i) a recuperação da eficácia sináptica; ii) potencialização sináptica e iii) aumento da sensibilidade de células desaferentadas. Não nos deteremos nos detalhes dos fenômenos plástico-regenerativos, mas destacamos a importância dessas descobertas para compreender os mecanismos de reorganização cerebral e também porque fundamentam questões sobre a eficácia das intervenções terapêuticas que influenciam esses mecanismos.

“Bloco II” e “Bloco III”, que trabalham em conjunto na realização de qualquer tipo de atividade mental. A ilustração abaixo mostra como as regiões cerebrais são organizadas no modelo luriano:

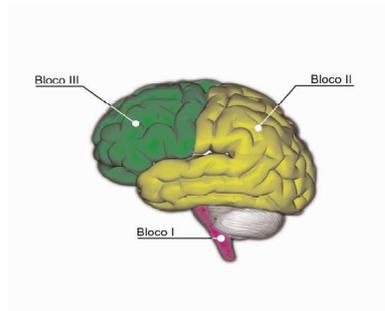


Figura 1: Organização dos Blocos I, II e III, segundo o modelo de Luria.  
Fonte: Melo, 2007, p. 28

O Bloco I, composto por estruturas que se localizam no subcórtex e no tronco cerebral (hipotálamo, tálamo ótico e sistema de fibras reticulares), tem como função regular o tono cortical, a vigília e a seleção dos estímulos, sendo o seu funcionamento um pré-requisito para todo o trabalho cerebral. Embora essas estruturas sejam subcorticais, segundo Luria, possuem uma dupla relação com o córtex, tanto influenciando o seu tono, quanto estando elas mesmas sujeitas à sua influência reguladora.

Estruturas do Bloco I podem aumentar ou diminuir o nível do tônus cortical, dependendo da atividade a ser realizada pelo sujeito (planejada no Bloco III). Nas palavras de Luria (1981, p. 29), “a manutenção do nível ótimo de tono cortical é essencial para o curso organizado da atividade mental”.

O comprometimento da atenção (em decorrência de alterações no funcionamento do Bloco I) pode explicar algumas das dificuldades de AJ para compreender e acompanhar até mesmo situações de conversa cotidiana. No grupo, por exemplo, quando não se está falando diretamente com AJ ou quando ele não está interagindo com outra pessoa (afásico ou não-afásico), chega a cochilar. Não descartamos que isso possa ser efeito da quantidade

excessiva de medicamentos<sup>13</sup> que toma diariamente, mas pode ser que a diminuição do tônus cortical esteja associada à falta de interesse que manifesta por alguns assuntos, como relataremos mais adiante.

O Bloco II, composto por estruturas das regiões laterais do neocórtex, sobre a superfície convexa dos hemisférios, ocupa a região posterior das superfícies laterais e consiste nos lóbulos occipital, temporal e parietal. É responsável pela recepção, síntese e registro das informações ambientais. A organização desse sistema é dividida em três áreas: i) áreas primárias - de projeção - cuja função é distinguir os estímulos visuais, auditivos e táteis; ii) áreas secundárias (ou gnósicas) – com a função de síntese da informação sensorial recebida da área primária; iii) áreas terciárias, situadas na fronteira entre os córtices occipital, temporal e pós-central. A maior parte das regiões terciárias é formada pela região parietal inferior e representa o nível mais complexo de processamento do Bloco II, responsável pela síntese intermodal.

A síntese intermodal implica que informações qualitativamente diferentes sejam simultaneamente integradas. Essa integração simultânea se reflete em atividades como encontrar um caminho ou usar um mapa. Tratando-se de níveis mais simbólicos, forma a base de complexos processos lingüísticos e cognitivos, como o entendimento de estruturais gramaticais e operações aritméticas. Segundo Luria (1981,p.60) as estruturas do Bloco II

---

<sup>13</sup> Faz uso contínuo de vários medicamentos: AAS infantil, biconcor, donepezil, enalapril, hidroclorotiazida, lovastatina, Omnic, Retemic e Tegretol. O Enalapril e o Biconcor (fumarato de bisprolol / hidroclorotiazida), betabloqueadores que agem dilatando os vasos sanguíneos e a hidroclorotiazida, um diurético, são medicamentos usados para o controle da pressão alta. O AAS infantil (ácido acetilsalicílico) é um medicamento usado como anti-coagulante e a Lovastatina como agente redutor do colesterol. O Retemic é um antiespasmódico urinário, indicado para o alívio dos sintomas urológicos relacionados com a micção, tais como: incontinência urinária, urgência miccional, noctúria e incontinência em pacientes com bexiga neurogênica espástica não-inibidora e bexiga neurogênica reflexa. O Omnic é usado no tratamento dos sintomas funcionais da hiperplasia prostática benigna (HPB). Fonte: <http://bulario.bvs.br> (consultado em 06\08\2008). O Tegretol originalmente usado para o tratamento da epilepsia, mas encontra bons resultados para o controle do Transtorno Afetivo Bipolar (antigo PMD). Além desta indicação pode também ser usado para controlar a agressividade em pacientes com outros tipos de transtornos mentais, como a demência, o retardo mental e com pacientes psicóticos. usado no tratamento de determinados tipos de crises convulsivas. O donepezil, comercializado como Aricept, é uma das muitas drogas aprovadas pela FDA (Food and Drug Administration) para diminuir a perda progressiva de memória que atinge pacientes com a doença de Alzheimer. Fonte: <http://www.psicosite.com.br/far/anm/tegretol.htm>. (consultado em 06\08\2008).

“são responsáveis pelo funcionamento coordenado dos vários analisadores e pela produção de esquemas supra modais (simbólicos), a base de formas complexas de atividade gnóstica”.

Algumas dificuldades de AJ podem estar relacionadas com o funcionamento do Bloco II. Além da presença de agnosia visual parcial, constatada na avaliação neuropsicológica, segundo relatos de TR, ele nem sempre é capaz de reconhecer os lugares que costumava freqüentar, mesmo na vizinhança. Ela relata que, certa vez, AJ saiu de casa sozinho e se perdeu. Quando foi encontrado, disse que iria visitar seu irmão e que achava que já estaria perto de sua casa. Entretanto, encontrava-se a uma distância de mais ou menos 20 minutos, de ônibus. Ficou bravo quando disseram que teria que voltar pra casa. Às vezes também perde a noção do tempo. Acorda no meio da noite achando que é hora da novela. Confunde-se em relação aos dias da semana e meses do ano. Veremos que isso também ocorreu durante a avaliação neuropsicológica, realizada em abril de 2008, quando afirmou já estar próximo do Natal. Provavelmente, tais dificuldades espaciais e temporais estejam relacionadas com o comprometimento de áreas associativas da região parietal.

Finalmente, a respeito do Bloco III, Luria postula que é composto por estruturas das regiões laterais do neocórtex sobre a superfície convexa dos hemisférios, ocupando a região anterior do cérebro que consiste nos lóbulos frontais. É responsável pela programação, regulação e verificação das atividades. Caracteriza-se por complexas conexões recíprocas, tanto verticalmente - com níveis inferiores do cérebro - como horizontalmente, com o resto do córtex.

O Bloco III divide-se em três áreas, primárias, secundárias e terciárias, porém de ordem hierárquica inversa ao Bloco II. No Bloco III os processos se iniciam nas áreas terciárias, responsáveis pela programação da atividade, seguindo para as áreas secundárias, onde os planos e programas motores são preparados para, finalmente, chegarem à área primária, responsável pela execução do movimento.

A área terciária do Bloco III planeja informações necessárias para a execução da ação e verifica sua eficácia. Pode ser considerado como o mecanismo regulador mais complexo do cérebro. É essencial para a atividade reflexiva, pois possui um rico sistema de conexões diretas com o Bloco I e demais regiões corticais.

A área secundária, com base nas informações recebidas da área terciária, prepara programas de ação. Nas palavras de Luria, compõe a “melodia cinética” do movimento, gerando condições para o funcionamento do aparelho motor.

A área primária, de natureza projetiva, recebe informações das áreas secundárias e as enviam para o mecanismo neuro-muscular, para a realização do movimento. Luria sintetiza as funções do Bloco III, dizendo que:

o homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria *intenções*, forma *planos* e *programas* para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas; finalmente, o homem *verifica* a sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo quaisquer erros que ele tenha cometido (Luria, 1981, p. 60).

Pela complexidade das atividades que dependem do funcionamento do Bloco III, bem como de qualquer outra região cerebral, qualquer tentativa de correlacionar sinais às áreas lesadas seria redutora. Apenas como ilustração de uma possível correlação entre os sinais apresentados por AJ e o funcionamento do Bloco III, citamos algumas alterações de comportamento que ocorreram após o comprometimento das regiões frontais, bilateralmente.

Segundo TR, esposa de AJ, antes ele tinha um temperamento forte, era muito bravo, não gostava de barulho, estava sempre repreendendo alguém. Depois dos episódios neurológicos (clipagem do aneurisma e AVC) *ele mudou muito*. Hoje é bem humorado e sorri freqüentemente. Não apresenta depressão, embora pareça mais emotivo e chore com facilidade, quando ouve uma música (segundo TR, se for um hino patriótico, “chora de engasgar”) ou quando fica sabendo de uma notícia ou de uma história triste. Nas palavras de TR, “ele não era assim antes”.

As alterações relatadas podem ser decorrentes, como afirmamos anteriormente, do funcionamento alterado do Bloco III, que regula o comportamento. Alterações lingüístico/cognitivas como a ausência de *auto-correção* quando produz parafasias, presença de *anosognosia* e mesmo alterações pragmáticas – como a de desconsiderar a fala

dos interlocutores, por exemplo – também podem ser explicadas em funções do comprometimento dos lobos frontais. TR afirma que AJ sempre foi muito falante, gostava de discursar e hoje, quando fala de um tema que domina, repete muitas vezes os mesmos enunciados, o que também observamos na análise dos dados em situações dialógicas. No capítulo 3, veremos que muitas das características da linguagem de AJ são próprias de sujeitos sem lesão cerebral, particularmente do discurso do *idoso*, como apontam os estudos de Preti (1991).

Antes de avançarmos para discutir a afasia que caracteriza o quadro de AJ, julgamos relevante apresentar algumas questões acerca da participação do hemisfério direito (doravante HD) nas funções complexas, uma vez que o sujeito também apresenta alterações decorrentes do seu comprometimento.

Na literatura neuropsicológica, o HD foi muito menos estudado que o hemisfério esquerdo, este considerado dominante na maioria da população e responsável pelas funções *nobres* do processamento cognitivo: linguagem, raciocínio lógico, pensamento. Estudos atuais mostram que o HD participa ativamente do funcionamento das atividades cognitivas como a linguagem, a memória, a percepção e o julgamento crítico e não apenas de funções como reconhecimento de rostos, habilidades artísticas *etc*, embora haja especializações com relação a essas funções, como Luria afirma.

Segundo Fonseca *et al.* (2006, p. 241), “o conjunto de sinais e sintomas observados após um acometimento neurológico no HD pode ser denominado de Síndrome do Hemisfério Direito – SHD”, que se caracteriza por déficits nas funções cognitivas: atenção, percepção, memória, praxias e funções executivas, presença de anosognosia, heminegligência sensorial, prosopagnosia, alterações de memória visuo-espacial e de trabalho, dispraxia construtiva e disfunção executiva. Quanto às habilidades comunicativas, a SHD, de acordo com Fonseca *et al.* (2006), engloba alterações nos componentes discursivo, pragmático-inferencial, léxico-semântico e prosódico. Dentre outras características, as autoras afirmam que:

Os déficits de processamento emocional incluem dificuldades de compreensão e produção de emoções a partir de expressões faciais ou emissões vocais e alterações neuropsiquiátricas. Há, no entanto, uma

heterogeneidade na sua manifestação. Tendo em vista essa variabilidade de sinais e sintomas, mais estudos de caso e de grupo com indivíduos lesados de hemisfério direito devem ser conduzidos para um melhor entendimento da SHD. (Fonseca et al. 2006, p. 241).

Vários dos sinais apresentados por AJ podem estar relacionados ao comprometimento de áreas do HD. Destacamos, por exemplo, a “prosopagnosia” (dificuldade para reconhecimento de faces), tanto em situações dialógicas, quanto na aplicação de um teste<sup>14</sup>. Olhando o jornal, na sessão de 01 de outubro de 2008, por exemplo, falávamos sobre as eleições que ocorreriam no domingo seguinte e foi perguntado a AJ quem era o político que estava na foto, em campanha. Tratava-se de uma foto de Geraldo Alkmin e ele respondeu, prontamente, que era o “Lula”.

No próximo item, apresentamos a caracterização da afasia de AJ e justificamos a terminologia adotada.

### **1.3. A afasia de AJ: fluente e progressiva**

#### **1.3.1. A noção de *afasia fluente***

Embora de uso corrente na literatura neuropsicológica, o termo “fluência” tem sido um dos mais questionados nos trabalhos realizados na Neurolinguística Discursiva. Ao lado das dicotomias que classificam as afasias de forma mais geral, como *Broca x Wernicke*, *emissivas x receptivas*, *de expressão e de compreensão*, *motoras x sensoriais*, a literatura também se refere ao par *fluente x não-fluente* relacionados, respectivamente, às lesões *anteriores* ou *posteriores*<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Decidimos avaliar esta dificuldade de AJ com um conjunto de fotos preparadas por Novaes-Pinto (2006), baseando-se no teste chamado “Famous Faces Recognition Test”. Os resultados serão comentados no capítulo 2.

<sup>15</sup> Os termos *anteriores* e *posteriores* denotam a localização da lesão em relação à fissura sylviana, que podem comprometer a região de Broca e/ou áreas adjacentes.

Scarpa (1995) critica o fato de que o conceito de *fluência* é definido em relação ao de *disfluência*, numa relação de oposição. Essa concepção de fluência é, para Scarpa, um mito, uma vez que a autora concebe a *disfluência* como constitutiva da *fluência*. É evidente que um sujeito, seja ele afásico ou não, varia a fluência de seus enunciados em função do conhecimento que tem do tópico discursivo, do gênero, dependendo de quem são seus interlocutores, do grau de formalidade da situação *etc.*

Nas afasias chamadas “não-fluentes”, a fala do sujeito é, em geral laboriosa, muitas vezes marcada pelas dificuldades articulatórias, pelas dificuldades do sujeito de passar de um fonema a próximo e com o encadeamento de elementos lexicais em cadeias sintáticas, que se caracterizam pelo estilo telegráfico - sobretudo nos casos de *agramatismo*, com ausência marcante de verbos, de flexões nominais e verbais e de palavras funcionais como artigos e preposições. (Novaes-Pinto, 1992). A dificuldade de encontrar palavras também é uma característica frequentemente observada nas afasias não-fluentes.

Nas afasias fluentes, apesar de muitos sinais serem os mesmos das afasias não-fluentes, (como as dificuldades de encontrar palavras e a presença de pausas e hesitações), em geral não há dificuldades articulatórias e o fluxo do discurso é contínuo. Há presença de parafasias (fonológicas e verbais) que podem, em casos graves, constituir uma *jargonafasia*.

A seguir, apenas para ilustrar as diferenças entre afasias não-fluentes e fluentes, justificando o fato de considerar a afasia de AJ como fluente, inserimos um dado do sujeito **OJ**, agramático, e dois dados do sujeito **CS**, com uma afasia que pode ser caracterizada como fluente.

O sujeito OJ é brasileiro, solteiro, representante comercial, e está atualmente com 54 anos de idade. O episódio relatado em março de 2007 aos participantes do Grupo III do CCA (que ele frequenta desde agosto de 2006), ocorreu em janeiro de 2007, quando sofreu um enfarte:

**OJ:** *Janeiro. Catorze. Seis horas.*

Irn: Seis da manhã ou da tarde?

**OJ:** *Tarde.*

Irn: E aí, o que aconteceu?

**OJ:** *Dor. Dor. Muita dor!*  
Irn: Dor onde?  
**OJ.** *Peito. Frio. Muito frio. Hospital. São Sebastião do Paraíso.*  
Irn: Quem te socorreu?  
**OJ.** *Maria José.*  
*(Mostra cicatriz no braço e no peito)*  
Irn: E aí? Precisou fazer cirurgia?  
**OJ.** *Amanhã. Ribeirão Preto.*  
Irn: Ah, no dia seguinte, foi para o Hospital em Ribeirão.  
**OJ:** *Isso.*

Novaes-Pinto & Santana (2009, no prelo) analisam este episódio, segundo os pressupostos de Jakobson (1956), caracterizando as dificuldades de OJ como sendo predominantemente de combinação, sem descartar a dificuldade do sujeito com a seleção de palavras funcionais, verbos e outros elementos como as conjunções. Seus enunciados são de estilo telegráfico: Não há verbos, nem conectivos, e a narrativa é construída na interação dialógica com a interlocutora (Irn).

Significativamente diferentes dos dados de OJ, os enunciados de CS, abaixo, ilustram as características mais significativas das afasias fluentes. Apesar da presença de pausas e hesitações e da dificuldade de encontrar palavras, o fluxo do discurso se parece muito com o de um sujeito não-afásico, em situação informal.

CS, brasileiro, comerciante, casado, tinha 41 anos de idade quando a pesquisa de Brandão (2008) foi realizada. Ele passou por uma cirurgia de clipagem de cisto<sup>16</sup> em 2005 e, em consequência, desenvolveu uma afasia fluente, sem alterações em outros domínios cognitivos que pudessem limitar significativamente suas atividades diárias. Depois de pouco mais de um ano da cirurgia, voltou a realizar praticamente todas as funções que exercia antes do episódio neurológico (inclusive como motorista de caminhão, para entregar os móveis de sua loja). A seguir, transcrevemos alguns dados que ilustram a linguagem de CS.

Vale destacar que, por não apresentar alterações cognitivas como dificuldades de memória ou anosognosia, o discurso de CS é marcado por expressões que revelam suas estratégias para lidar com as dificuldades, principalmente a de encontrar palavras. Uma das

---

<sup>16</sup> Ver nota 30, no item 1.4, a respeito do procedimento de *clipagem de aneurisma*.

expressões mais recorrentes de CS é “*você não tem idéia*” e outra delas é “*vamos se dizer*”. Segundo Brandão (*ibidem*), CS utiliza-se ainda de repetições de palavras e prolongamentos de vogais, na tentativa de “ganhar tempo” para formular seu discurso. Tais estratégias revelam a preservação de atividades epilingüísticas - quando CS se auto-corrige ou reformula sua fala - e metalingüísticas - quando utiliza-se da linguagem para refletir sobre a própria linguagem ou quando pergunta o nome de algum objeto: “*como é que chama?*”. Alguns exemplos:

### Dado 1 de CS:

CS: Vixi... **Cê naum faz idéia**... Sabe o que eu fiz? Oh... **Vamos se dizer**, antigamente... Antigamente não... **Vamos se dizer**, quase cinco anos atrás... Eu peguei um... navio... Daquele grande, enorme lá...

A: Sei...

F: Foi fazer um cruzeiro?

CS: É...

F: Ah, que legal

A: Cê gostou?

CS: Hum... Tem hora que é um lixo... (risos)

A: Por quê?

CS: Por que cê.... Aquele... Todo dia cê fica assim... Fica assim (**movimento de balanço**)

A: Nossa, cê ficou enjoado?

CS: É isso, é isso mesmo...

\*\*\*<sup>17</sup>

CS: Ó, vou te contar uma outra coisa, que a gente... **eu... eu...** quase “quebrei”. Não vou falar que é, mas eu tinha 8 loja.

[A: Aham

[ F: Hum...

CS: Aí, o que que aconteceu? Eu tinha, **vamos se dizer**, cinqüenta funcionário. Hum... **tipo assim**, eu tava doente. Na... eu era... **é... é... Como é que chama isso aqui? Não a... (apontando para a cabeça) Centro Médico, né?**

A: Aham

CS: Aí eu fiquei vinte dias na UTI e **num sei o quê**... Aí fiz... Aí pro fim a turma... Num pode falar, porque **é**, sempre tem gente fina... Aí **paguei, paguei, paguei, paguei, paguei**. Vendí a, o, quatro loja e eu vendí e eu paguei. Aí ce fica meio com medo agora... Cê vê...

---

<sup>17</sup> Verifica-se, neste ponto, uma mudança de tópico discursivo sem aparente relação com o que estava sendo desenvolvido antes. Isso sem dá sem um marcador conversacional, como: *mudando de assunto*, por exemplo.

## Dado 2 de CS:

[CS: Então, mas olha, faz quatro anos, hein... Cê imagina? **Oh, outra... outra coisa.** A gente fala assim que eu, conseguia falar português certinho, **num sei o quê.** Eu não conseguia falar nada!

F: Quando, depois da cirurgia?

[CS: É, eu... **vamos se dizer**, como é que eu falava... é... A minha esposa, irmão, é... primo... Eu não falava nada! **Eu só falava ca-chorro, ca-chorro, ca-chorro. E pra mim, ta ótimo... É só cachorro, cachorro, cachorro.**

[F: Uhum...

Além das características lingüísticas dos quadros afásicos, da localização e extensão da lesão, dentre outros, um aspecto pouco estudado nos estudos afasiológicos é o da relação do sujeito com sua afasia, que a torna, de fato, singular, como apontou o estudo de Novaes-Pinto (1999).

CS preocupa-se, o tempo todo, em não parecer afásico e relata que algumas pessoas nem sabem que ele teve um “problema no cérebro”. Em sua loja, quando chega um comprador procurando por um determinado produto e ele não consegue descrever o que tem, leva o cliente até o objeto ou ao estoque.

CA, outro sujeito afásico (brasileiro, divorciado, artista plástico, com 58 anos de idade), que frequentou o Grupo III do CCA (de agosto de 2007 a julho de 2008), com uma afasia fluente leve, se comparada ao caso de CS, interrompe seu discurso a todo o momento quando lhe falta a palavra desejada. Além de *patinar* no enunciado e, às vezes, perder o “fio da meada”, CA reclama de sua dificuldade, inconformado porque a palavra está “na ponta da língua” e ele não consegue produzi-la. Diz que todas as palavras vêm ao mesmo tempo e ele não consegue selecionar a que quer. Este relato é importante, primeiramente porque o sujeito é capaz de explicitar sua dificuldade, o que indica possibilidades terapêuticas e, também, porque dá pistas sobre o funcionamento da linguagem<sup>18</sup>.

Concluindo este item, justificamos a opção pelo termo *fluente* porque este refere-se ao fluxo do discurso, que nas afasias fluentes é contínuo - uma das principais características analisadas nos dados de AJ. Além disso, a opção parece ser mais adequada porque o termo

---

<sup>18</sup> Luria (1986) aborda as dificuldades de seleção e o fenômeno chamado *tip-of-the tongue*, inclusive o fato de que todas as palavras vêm ao mesmo tempo e o sujeito não consegue selecioná-las. Isso o leva a afirmar que não se trata de problemas de memória, mas de linguagem.

*fluente* - por ser mais geral, garante a comunicação com a comunidade científica e em relação às dicotomias que nomeiam as síndromes afasiológicas - não se refere diretamente ao local da lesão (anterior ou posterior); não se atém aos problemas de expressão ou de compreensão (expressiva ou receptiva), nem à terminologia clássica (Broca x Wernicke).

### **1.3.2. A afasia progressiva**

Vimos, acima, que dentre as semelhanças lingüísticas nos casos, destaca-se a dificuldade de encontrar palavras, o que gera muitas pausas e hesitações. As estratégias dos sujeitos para driblarem suas dificuldades são bastante diferentes das apontadas acima (OJ, CS e CA) e isso, certamente, está relacionado a fatores individuais, como a relação do sujeito com suas dificuldades. Além dos fatores individuais, deve-se considerar também o comprometimento de outras funções cognitivas no quadro de AJ., mas bastante preservadas nos casos de CA e de CS, que apresentam lesões focais mais delimitadas no hemisfério esquerdo, restritas às regiões inferiores do lobo temporal.

A caracterização do quadro de AJ apenas como uma *afasia fluente* seria, dessa forma, insuficiente para dar conta do conjunto de sinais que ele apresenta. O termo *progressiva*, por sua vez, relaciona-se na literatura neuropsicológica, tanto aos casos de afasia em que a linguagem vai gradualmente se deteriorando, evoluindo para o que tradicionalmente é chamado de *afasia global*, quanto para caracterizar fases iniciais de demências, como veremos a seguir. Os sinais (sintomas) apresentados são muito parecidos em ambas as patologias (afasias e demências) e o diagnóstico diferencial é geralmente feito a partir do agente etiológico que desencadeou os sintomas. Se for verificada uma lesão mais focal, decorrente de um AVC – hemorrágico ou isquêmico – e a linguagem for a função mais alterada, geralmente trata-se de afasia. Caso contrário, se for verificada uma lesão difusa e a alteração de memória for o sintoma mais saliente no início do caso, o diagnóstico provável é o de demência.

Radanovic *et al.* (2001) afirmam que a *Afasia Progressiva Primária* tem despertado o interesse dos estudiosos devido a aspectos particulares que as diferenciam das afasias clássicas (secundárias a lesões cerebrais focais) e dos quadros demenciais.

Segundo Espert *et al.* (2003), foi Mesulam quem, em 1982, introduziu o termo “afasia lentamente progressiva<sup>19</sup>”. Posteriormente, o fenômeno foi renomeado como “Afasia Progressiva Primária” (doravante APP) e, ainda, como “Síndrome de Mesulam”. Foram os estudos de Mesulam que deram início ao interesse pelas afasias progressivas, originadas por atrofia cortical focal.

Os autores afirmam, acerca deste tipo de afasia, que a dificuldade de acesso lexical é a mais relevante. Citam o estudo de Caselli & Jack (1992) no qual os autores afirmam que há uma relativa preservação da fonética e da sintaxe nos estágios iniciais. O acompanhamento longitudinal dos casos, entretanto, possibilita verificar que nos estágios mais avançados há uma deterioração da sintaxe e da compreensão semântica da linguagem.

Nos casos em que as funções mnêmicas, o processamento visual e a personalidade permanecem relativamente preservados, é possível fazer um diagnóstico diferencial entre APP e demência frontal, ou ainda Demência de Alzheimer (doravante DA).

Espert *et al.* (2003), num artigo em que fazem uma revisão sobre a APP, analisando publicações entre 1982 e 2002, sintetizam como esta síndrome pode ser caracterizada: uma patologia pouco freqüente<sup>20</sup>, de início gradual e comprometimento progressivo no âmbito da linguagem, em pacientes que não sofrem alterações em outras áreas cognitivas, sem impacto nas atividades de vida diária nas primeiras fases do processo demencial. Segundo os autores, a principal característica dessa síndrome é a relativa preservação da autonomia do paciente, durante pelo menos dois anos no início do quadro, ainda que posteriormente evolua para uma demência global<sup>21</sup>.

Chamamos a atenção para o fato de que os autores definem a APP recorrendo ao conceito de “processo demencial”. Esta definição é freqüente na literatura atual, como também aponta o trabalho de Serrano *et al.* (2005), que criticam a afirmação de que a APP

---

<sup>19</sup> Historicamente, segundo Espert *et al.* (2003), outros autores já haviam definido este tipo de afasia. Citam um trabalho publicado por Rosenfeld, em 1909, que apresentava dois casos clínicos de pacientes com atrofia cerebral parcial, sendo que um deles tinha uma degeneração progressiva de linguagem, de tipo anômico, sem outros déficits neuropsicológicos. Após a autópsia do paciente, verificou-se uma importante atrofia do lobo temporal esquerdo, semelhante à patologia que havia sido diagnosticada por Pick, que mais tarde foi denominada *Demência de Pick*.

<sup>20</sup> Os autores relatam que foram publicados apenas 370 casos em 20 anos de pesquisas, com perfil de início majoritariamente pré-senil.

<sup>21</sup> Segundo Espert *et al.* (2003), os estudos de neuroimagem estrutural e funcional revelam, respectivamente, uma atrofia em lobo temporal e/ou frontal e uma hipoperfusão e hipometabolismo no hemisfério esquerdo.

seja o início da Demência de Alzheimer (doravante DA), que ocasiona um declínio cognitivo gradual, até o ponto de interferir no funcionamento das atividades instrumentais da vida diária. A esse respeito, Goldblum *et al.* (1994, *apud* Espert *et al.*, 2003) acreditam que a síndrome conhecida como APP seja um subgrupo da DA. Um argumento contra a hipótese de que a APP seja o início da DA é que um dos critérios para o diagnóstico da DA é justamente o de se excluir a presença de lesão focal, presente na maioria dos casos de APP.

Espert *et al.* (2003) dizem que há uma discussão acerca de se considerar a afasia progressiva como entidade clínico-patológica própria ou como uma forma de demência generalizada e esta indefinição pode levar a cerca de 15% de erros nos diagnósticos feitos como demência, devido à baixa frequência de casos, somada à ambigüidade etiológica verificada.

Baseados nos trabalhos de Mesulam (2003), Serrano *et al.* (2005, p. 528), afirmam que a “APP é um conceito sindrômico, que reúne uma grande variedade de manifestações clínicas, incluindo formas afásicas tanto fluentes como não-fluentes”, com maior prevalência das formas fluentes. O diagnóstico é feito quando a linguagem é a única área em que há uma disfunção saliente e progressiva, durante pelo menos dois anos no quadro inicial da doença. Serrano *et al.* (2005) afirmam que, com a evolução do caso, uma afasia fluente pode tornar-se não-fluente. Sobre a presença de alterações cognitivas, apontam que muitos casos apresentam sinais e sintomas concomitantes, como disartria, transtorno de função executiva, redução da capacidade de aprendizagem de listas de palavras, dentre outros, concordando com Espert *et al.* quanto ao fato de não impactarem as atividades cotidianas.

Espert *et al.* (2003, p. 1/10), após realizarem estudos histológicos post-mortem de 44 pacientes diagnosticados com APP, concluem que se trata de uma patologia muito heterogênea:

El resultado de esta revisión muestra que la neurohistopatología de esta enfermedad cortical degenerativa es muy heterogénea, sugiriendo que la APP puede ser una variante atípica de la enfermedad de Pick, demencia tipo Alzheimer, espongiosis cortical focal, enfermedad de Creutzfeldt-Jakob, demencia disfásica, demencia córticobasal, gliosis astrocitaria, acromasia neuronal focal o demencia del lóbulo frontal, todas ellas

englobadas bajo el concepto "complejo de Pick". Algunos trabajos recientemente publicados sugieren que la APP no es una variante genética de la enfermedad de Alzheimer sino que tienen rasgos distintivos.

Serrano *et al.* (2005, p. 527), entretanto, afirmam se tratar de uma evolução clínica diferente do habitual das doenças de Pick ou Alzheimer, como vemos no trecho abaixo:

Mesulam describió en 1982 a seis pacientes que sufrieron una alteración afásica lentamente progresiva en ausencia de otros trastornos adicionales de tipo cognitivo o comportamental, es decir, que presentaron una evolución clínica diferente de la habitual en las enfermedades de Pick o Alzheimer. Los síntomas habían comenzado casi siempre en etapa presenil, y se observaba un deterioro del lenguaje continuo y gradual después de los cinco años de seguimiento. En contraste con la enfermedad de Alzheimer (EA), que generalmente comienza con olvidos, el paciente con afasia progresiva primaria (APP) refiere dificultades en el hallazgo de palabras, en la comprensión del significado de éstas o patrones anormales de habla. El diagnóstico clínico de la APP se hace cuando otras facultades mentales como la memoria para sucesos de la vida diaria, habilidades visuoespaciales y el comportamiento se hallan relativamente preservadas, cuando el lenguaje es el área predominante de disfunción progresiva – por lo menos durante los dos primeros años del trastorno – y cuando las neuroimágenes cerebrales no muestran una lesión específica, sino más bien atrofia en las áreas perisilvianas.

Todos os autores acima mencionados tratam da importância de se realizar estudos longitudinais para melhor compreender este tipo de afasia (APP). Espert *et al.* (2003) apontam que, além da necessidade de se ampliar o número de estudos *post-mortem*, uma vez que em 20 anos apenas 44 casos se valeram das análises histológicas, é fundamental realizar estudos que descrevam a evolução das características lingüísticas da afasia progressiva e suas manifestações clínicas. Serrano *et al.* (2005) julgam que o fato de a evolução ser lenta e progressiva permite que se investigue a neurodegeneração focal e os mecanismos neuropsicológicos envolvidos nos processos lingüísticos. Também Radanovic *et al.* (2001) afirmam que o fato de ser um processo lento e gradual fornece um interessante modelo de observação dos mecanismos subjacentes ao processamento lingüístico.

Como veremos adiante, AJ apresenta alterações nos processos de atenção, percepção e memória, que podem ser detectadas na análise lingüística dos episódios dialógicos e confirmadas pelos resultados de alguns testes neuropsicológicos. No início, essas alterações não chegavam a impactar de forma drástica as atividades cotidianas de AJ, segundo o relato de TR. Atualmente, entretanto, AJ não é mais capaz de desenvolver atividades simples, como tarefas domésticas, compras no supermercado, dentre outras, sem acompanhamento.

Este estudo busca evidenciar que a afasia que caracteriza o quadro de AJ dá visibilidade à relação de interdependência entre a linguagem e os demais processos cognitivos e refletem a dificuldade de se classificar o caso em categorias clínicas estanques.

Os dados que veremos nos próximos capítulos revelam que a instabilidade observada no caso de AJ é constitutiva do normal e o sujeito se movimenta no eixo normal-patológico em busca de um equilíbrio, como aponta Canguilhem (1995). As oscilações que fazem parte da normalidade nos organismos vivos, segundo o autor, permitem que se observe, no mesmo sujeito, estados normais, estados afásicos e estados em que o ele chega a “perder-se de si mesmo”<sup>22</sup>.

#### **1.4. Histórico do caso: dados neurológicos e relatos sobre as alterações<sup>23</sup>**

O sujeito AJ, com 73 anos de idade, brasileiro, casado, economista<sup>24</sup>, freqüenta o Grupo III do CCA desde agosto de 2006. Exerceu, dentre outras funções, a de economista da Secretaria de Planejamento do Palácio do Governo e a de funcionário da UNICAMP,

---

<sup>22</sup> Relato de Auguste D., primeiro caso de demência precoce diagnosticada pelo Dr. Alzheimer que deu origem às pesquisas sobre as síndromes mais tarde batizadas como Demência de Alzheimer ou Demência de Alzheimer.

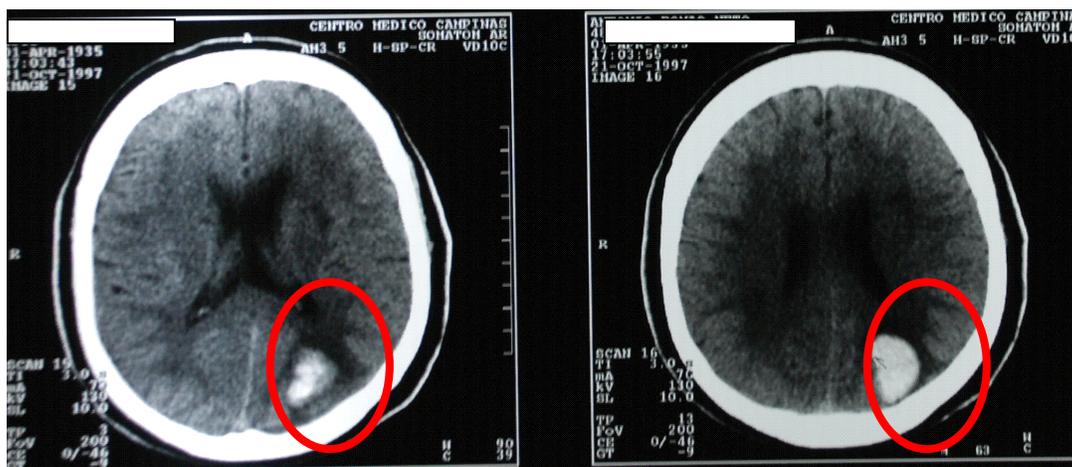
<sup>23</sup> Os dados apresentados neste capítulo são extraídos de três fontes principais: i) laudos e imagens de tomografias realizadas ao longo do período de 1997 a 2008 e ii) relatos de TR, esposa de AJ e iii) anotações feitas por mim, durante a realização dos testes neuropsicológicos.

<sup>24</sup> Atualmente, segundo relatos de TR, sua esposa, não é capaz de fazer contas, nem de conferir extratos bancários. Na avaliação neuropsicológica realizada em Maio de 2008, não conseguiu solucionar um problema que, para um economista, poderia ser considerado bastante simples.

responsável pelo orçamento-programa e orçamento-plurianual da universidade, no período de 1969 a 1991, quando então se aposentou.

No período de 1991 a 1997 montou com a família, em casa, um jornal: “Jornal de Campinas”, de edição semanal e distribuição gratuita. Era responsável pelo editorial, pelos comentários esportivos e pela coluna de economia.

Em outubro de 1997 começou a apresentar dificuldades visuais. Sua queixa era a de que não estava conseguindo enxergar direito quando assistia TV. Consultaram um oftalmologista que o encaminhou a um neurologista. O diagnóstico revelou a ocorrência de um AVC hemorrágico em região posterior occipital esquerda. A imagem a seguir (Figura 2) mostra a localização e a extensão do extravasamento de sangue logo após o episódio, compatível com as seqüelas observadas: perda temporária da visão direita e perda permanente da visão periférica, que persistem até o presente.



**Fig.2** (1997): As imagens revelam a presença de lesão hiperatenuante<sup>25</sup> homogênea, regular e bem definida, circundada por um discreto halo de edema<sup>26</sup> em topografia occipital esquerda<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> Imagem que mostra região mais clara é chamada de “hiperatenuante” e é sugestiva de lesão recente.

<sup>26</sup> Imagem que mostra um traçado escuro em volta da lesão é chamada “halo de edema” que, no caso de AJ, é discreto.

<sup>27</sup> Descrições foram feitas por JP, radiologista de São Sebastião do Paraíso, a pedido da autora.

Em janeiro de 1998, após a realização de uma angiografia cerebral<sup>28</sup>, foi detectado um pequeno aneurisma na região temporal direita. Um novo exame, em agosto do mesmo ano, mostrou o aumento no seu tamanho<sup>29</sup>. No início de Setembro de 1998, antes da cirurgia para a clipagem do aneurisma<sup>30</sup>, foi realizada uma tomografia (abaixo inserida), onde se observa imagem sugestiva de pequenos AVCs lacunares em região frontal esquerda e região fronto-têmporo-parietal direita.



**Fig. 3** (1998); Presença de área hipoatenuante<sup>31</sup> na substância branca do lobo frontal esquerdo e do lobo temporal direito. A imagem também sugere a presença de lesões lacunares na região fronto-têmporo-parietal esquerda.

<sup>28</sup> A angiografia (arteriografia) cerebral é uma técnica utilizada para a detecção de anomalias dos vasos sanguíneos cerebrais - como uma dilatação arterial (aneurisma), uma inflamação (arterite), uma configuração anormal (malformação arteriovenosa) ou uma obstrução vascular (Acidente Vascular Cerebral). Foi inventada pelo médico português António Egas Moniz, que a realizou pela primeira vez com sucesso num doente vivo em 1927. É injetado contraste radiopaco (substância visível com o Raio X) numa artéria que irriga o cérebro, revelando assim o padrão do fluxo sanguíneo cerebral nas radiografias. A Ressonância Magnética também pode ser utilizada para mostrar o padrão do fluxo sanguíneo das artérias do pescoço e da base do cérebro, mas as imagens apresentam uma qualidade inferior às da angiografia cerebral. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Angiografia\\_cerebral](http://pt.wikipedia.org/wiki/Angiografia_cerebral)).

<sup>29</sup> Não tivemos acesso às imagens, nem ao lado referente a esse episódio.

<sup>30</sup> Clipagem de aneurisma é um procedimento cirúrgico (uma micro-cirurgia), que permite a colocação de cliques, de titânio ou cobalto, que proporcionam a oclusão do aneurisma, a fim de evitar que o mesmo se rompa ou que surja um novo sangramento. Estes cliques permanecem implantados no paciente. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Angiografia\\_cerebral](http://pt.wikipedia.org/wiki/Angiografia_cerebral))

<sup>31</sup> Áreas hipoatenuantes - são áreas escuras, sugestivas de gliose e relacionadas às lesões mais antigas.

A craniotomia para clipagem do aneurisma (em topografia de artéria cerebral média à direita), realizada em setembro de 1998 se deu na região fronto-têmporo-parietal direita. Não temos imagens de tomografia realizada logo após a clipagem, mas a que foi feita em 2004 revela a área da cirurgia. Como seqüela, segundo TR (esposa de AJ) ele apresentou perda da sensibilidade olfativa, o que é compatível com a lesão que se estendeu para a região parietal.



**Fig. 4** (2004): Craniotomia fronto-temporal direita. Clipe metálico em topografia supra-colar direita, provocando artefatos (ver nota 30).

Na época, segundo TR, AJ não apresentou seqüela cognitiva ou lingüística. Entretanto, a própria esposa relata que, após a cirurgia, AJ nem mesmo “tomou conhecimento” do jornal. Não apenas parou com as atividades de edição, produção e distribuição, como nem mesmo chegou a discutir o assunto com os familiares.

Considerando-se que as atividades de AJ no jornal era as que possibilitavam exercer sua subjetividade plenamente, pois escrevia sobre economia, esportes, política, sobre o distrito onde morava *etc*<sup>32</sup>, podemos questionar se a sensibilidade olfativa foi, de fato, a única seqüela da cirurgia. É de se estranhar que AJ tenha abandonado uma atividade que talvez fosse para ele a mais relevante naquele momento. Isso nos mostra que as regiões

---

<sup>32</sup> O jornal era também sustentado financeiramente por AJ e toda a sua família era envolvida com a publicação e circulação.

comprometidas pela clipagem (temporal e parietal direita) embora especializadas em receber e associar estímulos externos, também participam de funções cognitivas mais complexas e, quando comprometidas, podem resultar, por exemplo, em alterações pragmáticas (Fonseca *et al.*, 2006). Essas questões foram parcialmente contempladas no item 1.2, quando abordamos a concepção de cérebro, da solidariedade entre suas partes e da participação do hemisfério direito no processamento da linguagem e de funções complexas.

Em dezembro de 2003, AJ apresentou segundo relato de TR, *AVC isquêmico (em local diferente da clipagem) com perda temporária da fala*<sup>33</sup>.

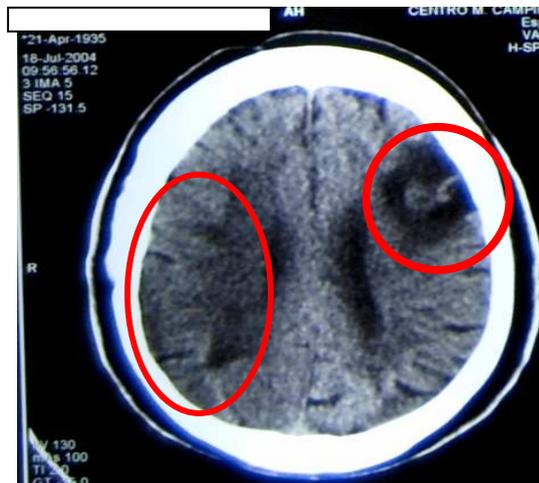
Em julho de 2004, AJ apresentou um quadro convulsivo, que resultou em “alterações de memória e de linguagem” (sic, relato de TR). Após o episódio, apesar de não apresentar dificuldades motoras (como hemiplegia), não era capaz nem de contar até 5, só falava *no no no* e, às vezes, produzia enunciados automatizados, como: “Meu Deus do céu”, “Ai minha Nossa Senhora” e “Puxa vida”. Essas características, como vimos acima, lembram a definição de afasias não-fluentes. O quadro de AJ, entretanto, evoluiu gradativamente para uma afasia fluente, que será descrita nos capítulos 2 e 3. Segundo TR, nessa época, ele não conseguia mais se “expressar” e tinha dificuldades para compreender: *é como se as palavras não fizessem mais sentido* (SIC, relato de TR)<sup>34</sup>.

As imagens da tomografia exibidas na figura 5 revelam áreas isquêmicas nos dois hemisférios. À esquerda compromete o lobo frontal, estendendo-se para o parietal e ínsula. À direita, compromete os lobos frontal, temporal e occipital.

---

<sup>33</sup> A descrição foi feita por TR, que copiou as informações do referido laudo. Este laudo de 2003 foi extraviado.

<sup>34</sup> TR exemplifica as dificuldades de AJ nesta época, dizendo que quando pediam para que colocasse um pote na geladeira, ele andava pela casa e voltava dizendo não ter encontrado a geladeira.



**Fig. 5** (2004): Presença de áreas hipodensas<sup>35</sup>, mal definidas, em topografia fronto-temporal e insula, à esquerda, e fronto-occipito-temporal à direita<sup>36</sup>.

As imagens também apontam para o comprometimento do hemisfério cerebelar esquerdo, como podemos observar na fig.6:

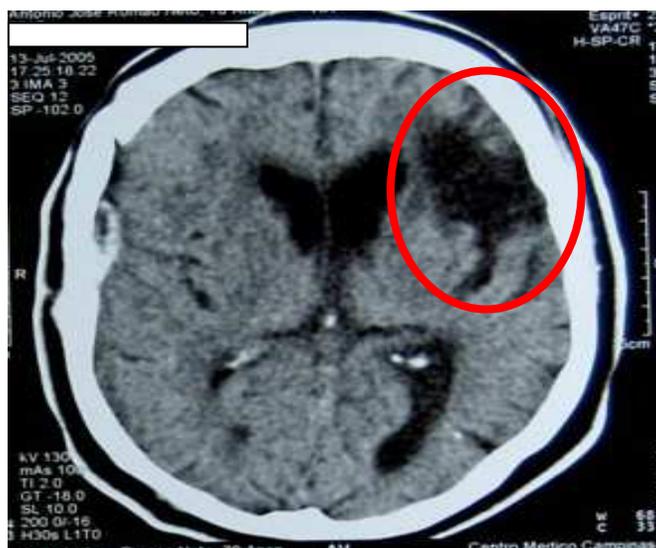


**Fig. 6** (2004): Presença de imagem hipodensa, mal definida, compatível com áreas isquêmicas localizadas em hemisfério cerebelar esquerdo.

<sup>35</sup> Áreas hipodensas: ver a descrição de hiperatenuantes (ver nota 25)

<sup>36</sup> Conforme descrições do laudo médico emitido em 18/07/2004

Em julho de 2005, em função do acompanhamento neurológico, foi realizada uma nova tomografia. O laudo indica lesão hipoatenuante regular e bem definida em topografia fronto-parietal esquerda, mostrada na figura 7:



**Fig. 7** (2005): Lesão hipoatenuante regular e bem definida em topografia fronto-parietal esquerda.

Observa-se ainda, na figura 8, as imagens de áreas hipodensas compatíveis com gliose<sup>37</sup> nos lobos temporal direito e frontal esquerdo e sinais de atrofia córtico-subcortical.

A figura 8, também da tomografia de 2005, mostra imagens que revelam a presença de alargamento dos sulcos e fissuras cerebrais.

<sup>37</sup> Denomina-se *gliose* o aumento no número e/ou volume dos astrócitos e deposição de fibrilas gliais no tecido nervoso central. É o achado mais comum na vizinhança de infartos, hemorragias e abscessos, meses ou anos após a fase aguda da lesão. (Fonte: <http://anatpat.unicamp.br/taneutecnervpatol.html>)



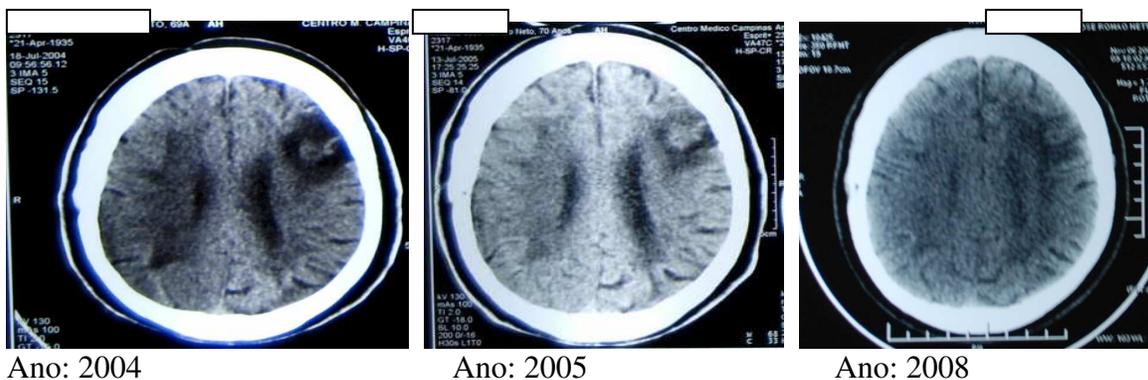
**Fig.8** (2005): Áreas hipodensas compatíveis com gliose nos lobos temporal direito e frontal esquerdo e sinais de atrofia córtico-subcortical



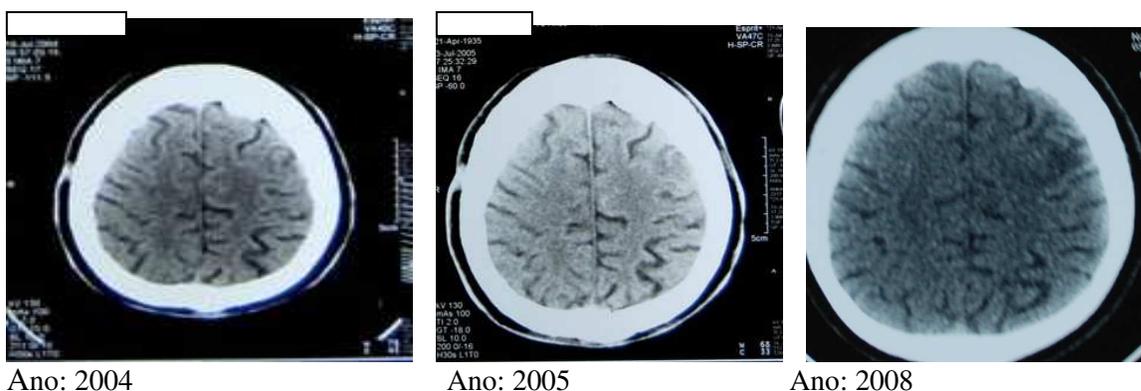
**Fig. 9** (2005): Presença de alargamento difuso de sulcos e fissuras cerebrais

A seguir, inserimos uma seqüência cronológica de imagens, organizada por regiões cerebrais, para que se possa melhor visualizar as alterações neurológicas ocorridas ao longo do período (1997 – 2008)<sup>38</sup>. Essas alterações nos ajudam a compreender parcialmente as bases neurológicas das alterações cognitivas, dentre as quais a linguagem, pela presença tanto de lesão focal quanto de lesões difusas, o que justifica um diagnóstico provável de afasia progressiva que, como vimos anteriormente, pode culminar numa afasia global, ou ainda ser concebida como a fase inicial de uma demência.

**Fig. 10:** Seqüência cronológica das imagens, nas quais se observa lesão bilateral:



**Fig. 11:** Seqüência cronológica das imagens nas quais se observa alargamento dos sulcos e fissuras cerebrais:

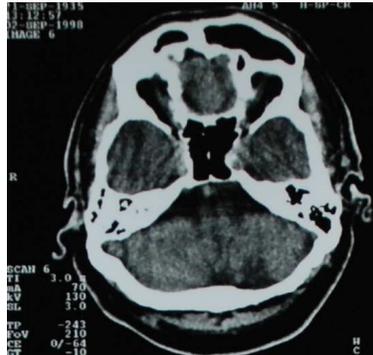


<sup>38</sup> Agradecemos a Fernanda Freire por esta sugestão, feita no exame de qualificação, em Dezembro de 2008.

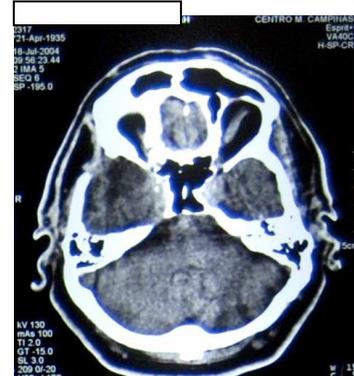
**Fig. 12:** Sequência cronológica de imagens de cerebello<sup>39</sup>:



Ano:1997



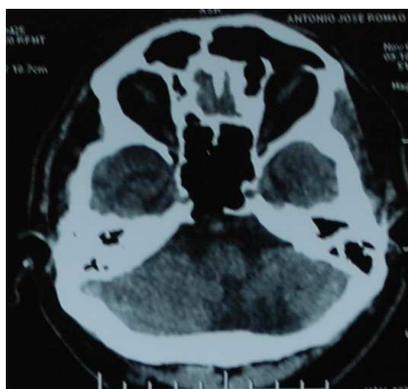
Ano: 1998



Ano: 2004



Ano: 2005



Ano:2008

## 1.5. Considerações sobre o histórico neurológico e sobre a singularidade do caso de AJ

É importante ressaltar que só foi possível resgatar o histórico do caso, graças ao cuidado de TR, esposa de AJ, que guardou os exames realizados e laudos, registrou em forma de diário as alterações que observou ao longo de todo o processo e também copiou os laudos das tomografias em seu diário. Este fato, entretanto, é apenas um dos aspectos de

<sup>39</sup> Não foi possível, nesta dissertação, tratarmos de questões referentes às lesões de cerebello e suas implicações para o estudo do caso.

como ela se constitui como uma “interlocutora qualificada”<sup>40</sup>, assim como seus filhos e netos, o que foi fundamental para que AJ, apesar de todo o comprometimento cerebral, tenha resistido como *sujeito* social e da linguagem.

Tendo em vista todo o histórico neurológico acima descrito, os relatos de TR e as análises dos dados que emergiram das situações dialógicas no Grupo III do CCA, que serão vistas a partir do próximo capítulo, julgamos interessante solicitar uma avaliação neuropsicológica<sup>41</sup>, para respaldar nossa hipótese de que se tratava de uma afasia do tipo *progressiva*. A avaliação nos ajudaria, ainda, a compreender se alguns dos sinais poderiam ser considerados como indícios de fase inicial de uma demência.

O caso de AJ surpreende não apenas por ele ter lesão na área de Broca e não apresentar uma *afasia de Broca* característica, nem por apresentar uma afasia fluente, com características de lesão posterior<sup>42</sup>. O que mais surpreende é observar como ele ainda se mantém como sujeito social e da linguagem, apesar de todos os episódios neurológicos ocorridos num período de aproximadamente dez anos.

A singularidade do caso será evidenciada ao longo dos próximos capítulos.

---

<sup>40</sup> Mais adiante, nas análises dos episódios dialógicos e nas considerações finais, explicitaremos o conceito de “interlocutor qualificado”.

<sup>41</sup> Em abril de 2008, foram realizadas duas avaliações neuropsicológicas com o sujeito AJ pelo Dr. Marcio Balthazar (MB), na época doutorando do programa de Neurociências da FCM/UNICAMP. A primeira foi realizada no CCA e a segunda no Ambulatório de Neurologia do HC.

<sup>42</sup> É interessante, como exercício teórico-metodológico, pensar quais teriam sido o diagnóstico e o prognóstico dados ao sujeito AJ, caso tivéssemos tido acesso primeiramente aos exames tomográficos. Este é, geralmente, um dos primeiros instrumentos usados na avaliação do “paciente cérebro lesado” na clínica de abordagem tradicional.

## Capítulo 2

### A avaliação neuropsicológica e neurolingüística de AJ, em situações experimentais

#### 2.1. Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar os dados de avaliação neuropsicológica e neurolingüística de AJ em situações experimentais, que foram sendo realizadas ao longo do estudo do caso. Alguns experimentos foram elaborados por nós, a partir das dificuldades observadas nas sessões dialógicas do CCA, como os que serão relatados no item 2.2, visando checar principalmente, questões relativas às suas dificuldades de compreensão. Dentre os instrumentos validados na literatura neuropsicológica, utilizamos o Teste de Nomeação de Boston e uma adaptação feita por Novaes-Pinto (2007) do Teste de Reconhecimento de Faces (Famous Face Recognition Test).

Solicitamos a MB<sup>43</sup> uma avaliação neuropsicológica do sujeito AJ, para verificar questões referentes à orientação espacial, agnosia visual, atenção, memória e função executiva, para que pudéssemos confirmar algumas de nossas hipóteses sobre alterações nesses domínios, respaldando nossas afirmações de que muitas das dificuldades de AJ não eram exclusivamente lingüísticas, mas também de natureza cognitiva.

MB utilizou-se de instrumentos diagnósticos como o MEEM (Mini-Exame do Estado Mental), alguns sub-itens da bateria de avaliação de Luria: Luria's Neuropsychological Investigation (LNI) e o Teste de Aprendizagem Auditivo-Verbal de Rey. Esses instrumentos serão explicitados ao longo deste capítulo.

---

<sup>43</sup> MB é a sigla que utilizaremos para nos referir ao neuropsicólogo que realizou a avaliação neuropsicológica, atendendo à nossa solicitação. Na época, MB era doutorando do Programa de Pós-Graduação em Neurociências da FCM/UNICAMP.

## **2.2. Avaliação Neuropsicológica**

Citowic (1996) defende que vários pontos de vista sobre o mesmo objeto são fundamentais para a compreensão dos fenômenos complexos que envolvem o estudo do cérebro e da mente. É nesse sentido que buscamos compreender a contribuição do histórico neurológico, dos relatos feitos pela família e dos resultados obtidos na avaliação neuropsicológica, para melhor compreendermos o caso de AJ.

Para o autor, a Neuropsicologia é multidisciplinar, um empreendimento conjunto, que busca explicar o comportamento em termos de funções cerebrais, visando compreender como estímulos separados são “juntados” em um único objeto. Em outras palavras, como os sinais (sintomas) observados fazem parte de um único sistema, caracterizado por Luria como SFC (item 1.2 do Capítulo 1). Citowic exhibe uma visão diferenciada em relação à maioria dos trabalhos recentes em neuropsicologia, que visam *localizar* funções complexas (como a linguagem) em regiões cerebrais discretas, geralmente utilizando-se de técnicas de neuroimagem. A esse respeito, o autor afirma que uma imagem não pode ser considerada *a palavra final* de uma análise. A lesão mostrada em uma tomografia não é isolada, sendo necessário considerar o caráter múltiplo da neurofisiologia, a interação da área lesada com outras anatomicamente remotas e também a restauração (reorganização) das funções.

### **2.2.1. Respostas de AJ durante a conversa informal e durante a realização de tarefas do MEEM (Mini-Exame do Estado Mental)**

Em primeiro lugar, esclarecemos que a avaliação realizada com o sujeito AJ, por MB, não pode ser considerada como uma aplicação do MEEM *stricto sensu*. Em primeiro lugar, porque não se pautou por critérios quantitativos, que tradicionalmente determinam a classificação do sujeito em uma categoria clínica e, em segundo lugar, porque o objetivo não era o de propor um diagnóstico, a partir do levantamento de sintomas.

Vale ressaltar ainda que houve um esforço, por parte do neuropsicólogo, para tentar responder às nossas questões sobre as hipóteses que tínhamos a respeito do caso. Ele se

utilizou de alguns testes objetivos para avaliar AJ procurando, na medida do possível, ajustar as questões às experiências do sujeito.

O primeiro contato de AJ com MB foi no ambiente do CCA, ocasião em que conversaram informalmente sobre a vida de AJ, sobre a profissão que exerceu, seus locais de trabalho, sua vida social e em família *etc.* Durante os relatos, foi possível observar questões relativas às suas dificuldades cognitivas, como as de memória - especialmente para contar fatos recentes em uma ordem cronológica coerente - e dificuldades lingüísticas, como a de encontrar palavras e a produção de várias parafasias.

Quando foi questionado pelo médico a respeito de onde se formou, por exemplo, respondeu: “*ele morreu em Santo André*”, provavelmente para “*eu me formei em Santo André*”<sup>44</sup>. Ao se referir à política, sobre a eleição do presidente do Brasil, AJ diz: “*ele enclausurou a beleza do outro*”<sup>45</sup>. “*Enclausurou*” poderia ser apenas referida como uma parafasia. Na literatura tradicional dificilmente os autores se arriscam a postular que haja uma relação semântica com a palavra alvo. Entretanto, não podemos descartar que “*enclausurou*” tenha uma relação de sentido com a palavra pretendida, muito possivelmente uma relação de sentido que Luria (1986) concebe como “*afetiva*”, baseando-se em Freud (1981/1977). Em afasias como a de AJ, em que há sinais de anosognosia e um menor *controle* sobre o que é dito, muitas das parafasias poderiam ser concebidas, de fato, como *atos-falhos*.

Após a conversa informal com AJ e a partir dos relatos de TR (esposa de AJ) sobre as suas dificuldades<sup>46</sup>, MB optou por utilizar uma versão adaptada do MEEM (Mini Exame do Estado Mental)<sup>47</sup> para avaliar possíveis comprometimentos cognitivos de AJ, principalmente quanto às dificuldades de orientação espacial e temporal.

---

<sup>44</sup> Coudry tem se interessado de forma especial, em suas análises, pelos enunciados nos quais os afásicos referem a si mesmos como “*ele*” ou “*ela*”. Para Coudry, trata-se de um fenômeno psíquico que revela uma espécie de ruptura do sujeito, antes e depois da afasia.

<sup>45</sup> No contexto em que o enunciado ocorreu, ficou claro que “*ele*” referia-se ao *Lula* e “*o outro*” a *Fernando Henrique*.

<sup>46</sup> Alguns dos relatos das dificuldades de AJ já foram referidos no capítulo 1, item 1.2, quando abordamos a organização cerebral em Unidades Funcionais.

<sup>47</sup> O Mini Exame do Estado mental (MEEM) é *um método* para classificar o estado cognitivo dos pacientes, que são solicitados a realizar tarefas do seguinte tipo: a) dizer o dia semana, do mês e do ano b) sem olhar no relógio, dizer que horas são c) identificar o local em que está, no momento da entrevista d) realizar operações matemáticas, como por exemplo: 200-7, 193-7, 186-7 *etc.*; e) atender a comandos verbais, escritos ou falados;

A primeira avaliação foi realizada por volta das dez horas do dia 15 de abril de 2008, uma terça-feira. AJ, quando perguntado que horas mais ou menos seriam naquele momento, acertou o horário. Entretanto, relatou a data como sendo 05 de dezembro de 2008. Questionado se estaríamos próximos do Natal, respondeu que sim. Quanto ao local, respondeu que estávamos no CCA, com o seguinte enunciado: “*fica dentro da lingüística, língua, linguagem.*” Quanto ao bairro, respondeu “*crítico*”. Acertou a cidade (Campinas) e o estado (São Paulo).

No teste de memória que faz parte do MEEM, MB pediu a AJ que tentasse se lembrar de três palavras, que seriam mais tarde solicitadas: *carro*, *vaso* e *tijolo*. AJ repetiu as três palavras. Entretanto, quando solicitado a dizer as palavras, disse: “carro” e “mundo”, sendo esta última usada no teste anterior – soletrar “mundo”.

Embora AJ tenha respondido conforme o esperado na maioria das questões do MEEM, chama a atenção certa desorganização temporal – como achar que já seria dezembro (estando em abril) – e, por exemplo, algumas respostas inadequadas, como produzir “crítico” quando se perguntou o nome do bairro onde ele morou a vida inteira.

Nas operações lógico-matemáticas apresentou algumas dificuldades. Quando foi pedido que realizasse a operação  $100 - 7$  (100 *menos* 7), respondeu 203. Considerando-se que AJ era economista e responsável exatamente pela área de planejamento financeiro de uma instituição, a primeira resposta: 203 (duzentos e três) parece corroborar as dificuldades lógico-matemáticas de AJ. A operação de subtrair “7” de “100” demanda que o sujeito “mova” elementos das *unidades* para as *dezenas* (movimentos para a esquerda), o que ocorre na tarefa por repetidas vezes: subtrair 7 de: 93, 86, 72, 65 etc<sup>48</sup>.

AJ parece não se dar conta de que o número que deu como resultado da subtração (203) era maior que 100. Veremos, mais adiante, que ele faz o mesmo na solução de problemas mais complexos. Suas respostas são “irrefletidas”. Quando questionado como chegou àquela resposta, ri e murmura palavras ininteligíveis. Na operação  $93-7$ , respondeu 83 e para  $86-7$ , não respondeu. Neste caso parece que, ao perceber que não era capaz de realizar a tarefa adequadamente, preferiu não finalizar o teste. Essa mesma atitude – de não

---

f) escrever frases; g) fazer cópias de figuras geométricas e de desenhos que lhe são apresentados; h) nomear objetos ou figuras apresentadas; i) repetir série de palavras, frases ou números. (Cruz, 2004).

<sup>48</sup> É interessante observar que muitos sujeitos acertam apenas operações como as de subtrair 7 de 79.

terminar a resolução de um problema - é relatada por TR. Segundo ela, quando AJ não consegue produzir uma palavra pretendida ou uma idéia que queira apresentar, ele desiste e diz que *depois fala*. Nesses momentos, podemos questionar se não se trata de uma estratégia que AJ desenvolveu para ocultar suas dificuldades (o que também consta na literatura como um sinal freqüente nos quadros iniciais de demências), mas, sem dúvida, o tipo de resposta dada por ele é característica de comprometimento dos lobos frontais.

Quando foi solicitado que soletrasse a palavra MUNDO, “de trás para frente”, diz “o”, “d”, “n” e pára de falar. Quando questionado se não haveria mais letras, diz que não. Nesta fase do teste, AJ já demonstrava cansaço. Cabe lembrarmos que soletrar palavras não é usual na nossa cultura, muito menos “de trás para frente”. MB resolveu pedir para AJ esta tarefa porque ele não havia se saído bem na anterior (100 – 7)<sup>49</sup>. Esclarecemos que ambas objetivam avaliar o funcionamento das operações lógico-matemáticas que, segundo a literatura neuropsicológica, necessitam do funcionamento intacto de regiões associativas do lobo parietal e da integridade dos lobos frontais<sup>50</sup>, envolvidos na resolução de problemas. Vimos, anteriormente, que ambas as regiões cerebrais estão comprometidas em AJ, em função dos vários episódios neurológicos, de forma mais acentuada após o AVC de 2005.

## **2.2.2. Avaliação de funções perceptivas e de orientação espacial cognitivas**

Os relatos de TR evidenciam as dificuldades de AJ com orientação espacial e com a noção de tempo. Ele perde-se facilmente em lugares familiares, acorda no meio da noite pensando que já é hora de levantar ou hora da novela, dentre outros.

Para avaliar as dificuldades de orientação espacial, MB utilizou-se de um sub-teste da Luria's Neuropsychological Investigation (LNI) em que há desenhos representando um menino (apenas o vulto). Em todos os desenhos o menino tem a mão direita pintada

---

<sup>49</sup> Na aplicação do MEEM o avaliador geralmente opta por uma das duas tarefas.

<sup>50</sup> Não estamos defendendo aqui que a competência de AJ com operações lógico-matemáticas ou lógico-gramaticais esteja *localizada* nas regiões comprometidas. Seguindo o raciocínio de Luria e de seus seguidores, tais áreas contribuem para a realização dessas funções complexas.

(informação que AJ não tinha). Em algumas figuras, o menino está com a cabeça para cima e em outras com a cabeça para baixo. Foi solicitado a AJ que mostrasse a MB a *mão direita* do menino. AJ acertou apenas uma das quatro tentativas.

O teste pressupõe que o sujeito deva avaliar as figuras em relação ao seu próprio corpo, que é a referência para julgar os desenhos. Pelo grau de dificuldade do teste, foi mais significativo para nós o relato de TR quanto às dificuldades de AJ com orientação espacial, apresentadas cotidianamente.

Outro sub-teste da LNI foi utilizado para avaliar possíveis alterações de atenção. A tarefa era a de bater com uma caneta na mesa, a cada vez que a vogal “a” fosse pronunciada. AJ apresentou, em geral, respostas tardias, como em vários outros testes, indicando uma lentidão para processar os comandos e para executar o que se pedia. Às vezes batia a caneta segundos após a vogal ter sido evocada pelo médico. Outras vezes parecia não perceber quando a vogal era produzida pelo examinador. Apenas para efeito de comparação, a mesma tarefa foi realizada, no mesmo dia, com o sujeito OJ, que percebeu todas as ocorrências da vogal e respondeu acertadamente, batendo com a caneta na mesa logo que a vogal era produzida.

Com relação às tarefas que visavam avaliar a compreensão – oral e escrita – AJ saiu-se razoavelmente bem. Executou o comando verbal oral: “pegue uma folha de papel com a mão direita, dobre-a ao meio com as duas mãos e coloque-a no chão” e o comando verbal escrito: “feche os olhos”. Quando foi solicitado que AJ escrevesse uma frase “com começo, meio e fim, ele escreveu: “Não deixe o fragma para o fim”.

As tarefas de compreensão presentes nos testes neuropsicológicos, em geral, são extremamente redutoras (não só no MEEM, ao qual nos referimos neste momento, mas em todas as baterias de avaliação). Além da concepção de língua como *código a ser decifrado*, como nos comandos acima citados, a própria concepção do que seja *compreender* é equivocada. Não se trata de um ato mecânico, o reverso de *produzir*. Ao contrário, é um processo extremamente complexo. Entretanto, é um dos sintomas mais listados como evidência de comprometimento cerebral nas afasias e nas demências.

Em situações dialógicas, nem sempre é possível saber se AJ está compreendendo seus interlocutores. Muitas vezes, quando lhe perguntamos algo, responde qualquer coisa,

sem conexão com o que foi perguntado. Talvez faça isso para se manter no jogo dialógico da linguagem. Deve-se ressaltar que, mesmo no início da sessão de avaliação, AJ respondeu de forma inadequada à maior parte das perguntas feitas pelo médico. MB perguntava uma coisa e AJ respondia outra, aparentemente não relacionada. Vemos, portanto, que nem todas as dificuldades e fracassos de AJ nos testes podem ser explicadas pelo *cansaço* ao longo da avaliação. Na conversa informal com MB, indícios de dificuldades de compreensão são até mais evidentes do que os resultados obtidos nos testes. Isso significa que é possível obter dados fidedignos sobre a linguagem e demais processos cognitivos sem recorrer aos testes padronizados.

É evidente que a descontextualização das tarefas, a artificialidade, a fragmentação, como apontou Coudry (1986/1988), desde seus primeiros estudos, contribuem para que o sujeito *erre* na maioria das tarefas. Não vamos nos ater, neste momento, na crítica aos testes<sup>51</sup>. Conhecendo o sujeito AJ e suas dificuldades, nos utilizamos dos instrumentos de avaliação valorizados na neuropsicologia, como *dados a mais*, para respaldar nossas hipóteses sobre os déficits cognitivos associados aos problemas lingüísticos do sujeito.

Para evitar o cansaço decorrente da avaliação, foi marcada uma segunda sessão do exame neuropsicológico, realizada no Setor de Neurologia do Hospital das Clínicas da UNICAMP, no dia 08 de maio de 2008. Interessava-nos, neste segundo momento, avaliar melhor algumas questões relativas às alterações de atenção e de memória.

Inicialmente, foi pedido ao sujeito AJ que nomeasse alguns objetos (caneta, relógio e carimbo). Ele nomeou adequadamente *caneta* e *relógio* e para o *carimbo* diz “*caneta, caneta não. Esferógrafo*”, um neologismo, já que parece ter aglutinado uma característica da caneta – esferográfica, com uma espécie de “aparelho” - como mimeógrafo, por exemplo.

Em um novo teste, para avaliar a presença de agnosia visual, que consiste em apresentar ao sujeito figuras de vários objetos entrelaçados, o investigador mostrou uma delas, para orientar AJ sobre o tipo de tarefa que estava sendo pedida. Apontou para uma faca e AJ a nomeou. Posteriormente, foi solicitado que ele dissesse quais as outras figuras

---

<sup>51</sup> Vários trabalhos produzidos na área de ND tratam desta questão, dentre os quais: Coudry 1986/1988, Novaes-Pinto, 1992, 1999).

que estavam contidas no quadro. AJ não reconheceu as demais figuras, sem auxílio. Após distinguir a figura de uma *enxada*, a nomeou como “martelo” – mesmo campo semântico. Para a figura de um *ferro de passar* roupa, ele produz “uma coisa para apoiar” e não nomeou *jarra*. Numa prancha com várias formas geométricas, foi capaz de reconhecer apenas o “círculo”<sup>52</sup>.

Outra tarefa que envolvia percepção visuo-espacial era a de escolher, dentre várias figuras, aquela que completava um desenho, como um quebra-cabeças. AJ não conseguiu apontar para a figura correta, mesmo após várias tentativas. O investigador explicou que é como se “a figura fosse comparada a um bolso de uma calça, que foi cortado”. Mesmo assim, AJ não obteve sucesso na tarefa.

Em um teste para avaliar memória recente, vários objetos foram escondidos em diferentes lugares da sala: os óculos atrás do aparelho de fax, a tesoura em cima da geladeira, o relógio na gaveta da sua mesa e uma chave dentro de um armário. Após algum tempo, foi pedido ao sujeito AJ que tentasse dizer “o quê” foi escondido e “onde” estavam os objetos. AJ diz: “atrás deste (apontando para o fax) tem um computador” (ao invés de dizer *óculos*); “a tesoura está em cima da geladeira”; “no armário tem tesoura” (ao invés de “chave”).

MB decidiu aplicar o Teste de Aprendizagem Auditivo-Verbal de Rey, que é bastante utilizado para avaliar memória recente e a capacidade de aprendizagem<sup>53</sup>. O teste foi realizado da seguinte forma: o investigador, após apresentar uma lista de dez palavras (casa, boi, pão, noite, sino, luz, ponte, mesa, pé e chuva), solicitou ao sujeito AJ que repetisse as que constavam na lista e foi anotando as que eram lembradas pelo sujeito, assim como a ordem em que foram ditas. O mesmo procedimento foi repetido 10 (dez) vezes. Por último, ofereceu uma nova lista de palavras, que incluía a primeira, acrescida de

---

<sup>52</sup> Considerando apenas estes dados, não é possível dizer que ele produziu parafasias. As dificuldades de AJ no teste são devidas, provavelmente, à agnosia visual, resultante das lesões em áreas associativas da região parietal do hemisfério direito (ver figura 3).

<sup>53</sup> Novaes-Pinto chama a atenção para o fato de que a memória episódica é descrita, na literatura, como sendo aquela que é codificada pela experiência pessoal. A autora critica a utilização do Teste de Aprendizagem Verbal de Rey para avaliar este tipo de memória. As alterações nos processos de atenção podem explicar, parcialmente, o fracasso do sujeito AJ na tarefa que é extremamente cansativa, até para quem está apenas acompanhando a avaliação.

palavras que não constavam na lista original e o sujeito foi solicitado a dizer se faziam ou não parte da primeira lista.

A seguir, apresentamos os resultados de AJ no Teste de Aprendizagem Verbal de Rey, que indicariam uma dificuldade significativa em memorizar informações novas.

Na primeira coluna constam as palavras da lista original e nas demais as dez tentativas de recordação. Os números nas colunas verticais indicam a ordem em que AJ apresentou as palavras, da primeira tentativa (T1) até a décima (T10). A marcação de números nas linhas (horizontais) mostram que somente aquelas palavras foram referidas por AJ. Exemplo: Na primeira tentativa (T1), AJ produziu *boi, casa, leão e casa*. Na linha da palavra *boi*, portanto, encontra-se o número 1, que foi a primeira palavra produzida. Palavras que não constavam da lista, como *leão*, são colocadas na última linha, também na ordem em que foram pronunciadas.

Palavras	T1	T2	T3	T4	T5 <sup>54</sup>	T6	T7	T8	T9	T10
Casa	2, 4	3	2	2	1	2				
Boi	1		1	1	5	1			4, 5	
Pão		1						1		1
Noite		5		5	3	3, 7				
Sino										
Luz			5			4, 6, 8		5,7		
Ponte			6			5, 9	1, 7, 10	4, 6		
Mesa		2	4, 7				3, 4, 8	2, 3	1	2
Pé			3	3, 7	2		2, 5,9		2, 3	3, 6
chuva		4		4, 6	4				6	4, 5
<b>Palavras que não estavam na lista</b>	3- Leão			8- arregaça			11- Agripina, Sei lá...	8- poste <sup>55</sup>		

<sup>54</sup> Nesse ponto já demonstra extremo cansaço com a atividade.

<sup>55</sup> AJ vai repetindo, baixinho, as palavras que o médico diz, tentando memorizá-las.

Neste teste, é possível observar que a repetição da atividade por dez vezes consecutivas, além de não auxiliar AJ na memorização da lista, tem o efeito contrário: ele vai piorando, provavelmente devido ao cansaço imposto pela tarefa. As palavras “leão”, “ponte”, “arregaça” e “agripina” são inseridas quando AJ tenta se lembrar da lista. *Leão* é produzida na primeira tentativa (T1), *arregaça* na quarta tentativa (T4), *agripina* na sétima (T7), junto com um expressivo “Sei lá” e *poste* na oitava tentativa.

A seguir, relatamos resultados interessantes que AJ apresentou para os problemas que envolviam soluções lógico-matemáticas, que também constam na Bateria de Avaliação de Luria:

	Problemas	Soluções dadas por AJ
01	Antonio tem 4 bananas e José tem 2 bananas a mais que Antonio. Quantas bananas têm os dois juntos?	<b>AJ:</b> “6 (seis), quatro mais dois, seis”.
02	Nós dois juntos temos dezoito vacas. Eu tenho o dobro que o senhor tem. Quantas vacas tem cada um? (MB mostra o problema também na forma escrita).	<b>AJ</b> inicialmente não responde. Depois de um tempo diz: “um tem dez e o senhor tem oito. Quem tem dez, tem oito”.
03	Antônio é mais alto que João e mais baixo que José. Quem é mais baixo?	<b>AJ</b> diz: “é... o mais baixo... é o José”.

Segundo Coudry (2008)<sup>56</sup>, o tipo de resposta dada por AJ aos problemas apresentados no teste é “irrefletida” e pode ser explicada pelo enfraquecimento do papel regulador da linguagem, neste caso para a solução dos problemas, assim como acontece com crianças, no processo de aquisição de linguagem. Quando perguntadas se querem, por exemplo, *sorvete ou chocolate*, elas respondem “chocolate” e quando a pergunta é se querem *chocolate ou sorvete*, respondem “sorvete”, num processo de especularidade com a fala do interlocutor.

No caso de lesões cerebrais em que há comprometimento dos lobos frontais, Freire (2005), apoiada em Luria (1981) afirma que pode haver a desintegração de programas complexos de atividade, que seriam substituídos por formas de comportamento mais simples e mais básicas. Um exemplo disso é quando se pede ao paciente que reproduza e memorize a série de palavras: *casa, floresta, gato* e, em seguida, a série *carvalho, noite, mesa*. Se for solicitado que ele reproduza novamente a primeira série, ele não consegue fazê-lo porque os traços da última série são tão “inertes” que não permitem que ele volte à primeira série. O sujeito começa a repetir a última série, sem hesitação. A autora ressalta que:

os pacientes com lesões maciças bilaterais dos lobos frontais, além de perderem o programa que lhes é atribuído – substituindo-os por ações elementares, ecopráticas ou estereotípicas – perdem também a noção do próprio erro” (Freire,2006, p.126)

Citando Luria (1981), a autora afirma que a atividade intelectual desses sujeitos apresenta distúrbios envolvendo desde as formas mais simples até as mais abstratas:

devido à perturbação da retenção de um programa complexo e consecutivo exigido pelo ato intelectual. Neste caso, o paciente substitui a atividade intelectual por uma série de palpites impulsivos, fragmentários, ou reproduz estereótipos inertes em lugar do programa adequado e adaptável do ato intelectual. Só para se ter uma idéia, quando se pede que o paciente analise o

---

<sup>56</sup> Anotações das discussões feitas durante a qualificação desta dissertação.

significado de uma figura temática qualquer, ele se prende a um detalhe específico da figura e, imediatamente, sem qualquer análise adicional, arrisca um palpite. Essa hipótese impulsiva e errônea não permite que o sujeito faça uma comparação entre a sua resposta e a hipótese inicial, estando impedido de qualquer possibilidade de correção (Freire, 2005, p.127).

Conforme nos aponta Freire, referindo-se à abordagem luriana, apesar da lesão frontal não afetar a organização do sistema lingüístico, o que se observa é *uma função diferente da fala, a saber, a sua função reguladora; o paciente não mais consegue dirigir e controlar o seu comportamento com o auxílio da fala; seja a sua própria, seja a de outra pessoa* (Luria, 1981, *apud* Freire, 2005, p.127). Os sujeitos também apresentam dificuldades em tarefas de soluções de problemas verbais, pelo comprometimento da função reguladora da linguagem, como vimos acima nas respostas de AJ. Segundo Luria,

esse tipo de situação envolve análise dos elementos componentes, formulação de estratégia para a solução, efetuação de operações requeridas por essa estratégia, comparação dos resultados com as condições iniciais. *É esse complexo processo de formação de um programa que está além da capacidade de um paciente com uma lesão no lobo frontal* (Luria, 1981 *apud* Freire, 2005, p. 128).

Como dissemos acima, os testes neuropsicológicos foram aplicados em abril e maio de 2008, quase dois anos depois do início das atividades com AJ no CCA, como elementos complementares às análises qualitativas, para dar maior visibilidade às dificuldades observadas nos episódios dialógicos, nas sessões do CCA e nas sessões individuais.

Apesar dos limites impostos pela artificialidade das tarefas e pelas formulações inadequadas de muitas delas, foi possível obter um conjunto de dados que nos serviram para confirmar nossas hipóteses iniciais sobre as dificuldades cognitivas de AJ, associadas às suas dificuldades lingüísticas: presença de agnosia visual, dificuldades de orientação, de atenção, de memória e com a função executiva (solução de problemas).

Podemos argumentar que, ao acompanhar o sujeito no exercício real da linguagem, uma sólida formação em Lingüística e ancorada na ND permite que se possa inferir não só sobre alterações lingüísticas – tanto no sistema formal da língua, quanto nos aspectos

pragmáticos e discursivos - mas também a respeito de outras alterações cognitivas que também se mostram nas atividades realizadas com a linguagem e sobre a linguagem.

Enfim, os experimentos metalingüísticos e metacognitivos (inclusive de natureza quantitativa) podem servir para respaldar as análises qualitativas, como argumentaram Luria (1986) e Vygotsky (1934/1989), como abordagens complementares, desde que bem conduzidas. Os resultados devem ser analisados como índices de alterações e até de reorganização/adaptação por parte do sujeito e não como uma janela direta para o próprio déficit.(NOVAES-PINTO, 1999).

A seguir, passaremos a relatar os resultados de AJ em algumas das avaliações metalingüísticas elaboradas ou adaptadas por nós para checar dificuldades lingüísticas, também observadas em episódios dialógicos.

### **2.2.3. Reconhecimento de rostos famosos**

TR relata que AJ não “se lembra” dos nomes dos filhos, dos netos, de parentes próximos e amigos, o que vem se agravando ao longo do tempo. Para checar especificamente este tipo de dificuldade, aplicamos o teste de reconhecimento de pessoas famosas (Famous Faces Recognition Test), adaptado por Novaes-Pinto (2007), a partir do estudo de Snowden, Thompson & Neary (2004). O teste foi aplicado sem a preocupação de quantificar os resultados, analisando qualitativamente a evocação de nomes próprios, para que pudéssemos compreender se as dificuldades eram devidas realmente à memória – ao esquecimento dos nomes – à presença de *prosopagnosia* - uma dificuldade específica com o reconhecimento de faces familiares, geralmente relacionada a lesões de Hemisfério Direito ou a problemas de funcionamento lingüístico-cognitivo como os *delays* – lentidão no acesso ao nome. Geralmente a aplicação dos testes em ambientes clínicos é feita de forma contínua, esperando-se alguns segundos apenas para que o indivíduo nomeie a figura.

Não nos preocupamos com o tempo de espera. Dissemos a AJ que ele poderia levar o tempo que fosse necessário para dizer o nome. Quando achasse que não sabia ou que não

iria lembrar, passaríamos adiante. Este procedimento fez toda a diferença para que pudéssemos inferir a respeito de suas dificuldades, como veremos a seguir.

Foram apresentados a AJ 30 cartões contendo fotos das seguintes personalidades: 1) Roberto Carlos, 2) Lima Duarte, 3) Parreira, 4) Pelé, 5) Jô Soares, 6) Robinho, 7) Antonio Fagundes, 8) Francisco Cuoco, 9) Ana Maria Braga, 10) Glória Pires, 11) Zagalo, 12) Gugu, 13) Pedro Bial, 14) Junior (cantor), 15) Lula, 16) Bush, 17) Rainha Elizabeth, 18) Papa João Paulo II, 19) Ronaldo (fenômeno), 20) Ayrton Senna, 21) Tony Ramos, 22) Silvio Santos, 23) Ratinho, 24) Ronaldinho Gaúcho, 25) Ivete Sangalo, 26) Angélica e 27) Luciano Huck. Algumas fotos foram apresentadas com personalidades em duplas: 28) William Bonner e Fátima Bernardes, 29) Chitãozinho e Xororó, 30) Zezé de Camargo e Luciano<sup>57</sup>.

AJ foi capaz de reconhecer e nomear rapidamente apenas *Roberto Carlos, Pelé e Jô Soares*. Para a foto do Papa João Paulo, produziu *Padre Bento*, o nome do atual Papa. Se a aplicação fosse tradicional, talvez tivesse acertado apenas estes quatro nomes. Seria provavelmente considerado errado quando produziu *Ronaldo* para Fátima Bernardes. Entretanto, pode ter havido apenas um *delay* na busca pelo nome do jogador, cuja foto tinha sido apresentada antes – com um intervalo de quatro fotos entre eles. O mesmo ocorreu com outros nomes. Por exemplo, para Parreira, nomeou *Antônio Fagundes* (três nomes depois da foto de Antônio Fagundes). As demais fotos ou não foram reconhecidas ou, se reconhecidas, não foram nomeadas.

A hipótese do *delay* nos parece provável, porque veremos que isso também ocorreu no Teste de Nomeação de Boston (TNB), o que nos faz também retomar o fato de que, nas baterias tradicionais, geralmente se concebe a substituição de um nome por outro como sendo a produção de uma parafasia. O tempo para a resposta, como já dissemos, é pré-

---

<sup>57</sup> O objetivo de ter, no nosso protocolo de avaliação, fotos de duplas famosos, é o de saber se quando oferecemos o *prompt* de um dos nomes: Chitãozinho, por exemplo, a estratégia ajuda o sujeito evocar o outro nome. Em nomes de duplas mais “cristalizados” como “Chitãozinho e Xororó” e “Sandy & Júnior” isso geralmente ocorre. Já no caso de William Bonner e Fátima Bernardes, dizer “William Bonner”, nem sempre ajuda que o sujeito evoque “Fátima Bernardes”. Salientamos, ainda, que nosso protocolo contém mais de 30 cartões e não é fixo, sendo as personalidades escolhidas de acordo com o sujeito com o qual estamos trabalhando, levando em conta os círculos sociais nos quais estas personalidades se inserem – em shows da TV, política, esportes, etc. Necessariamente, assim como no teste original, os famosos têm que estar “vivos durante o tempo de vida do sujeito”.

estabelecido. Quando se esgota, passa-se para outra figura. Desconsidera-se que o sujeito pode ainda estar “trabalhando” sobre as possibilidades de seleção lexical.

Esta lentidão percebida nos testes pode estar subjacente também nos processos dialógicos, com o agravante de que nas interações reais AJ não tem tempo para ficar buscando as palavras desejadas. Isso o levaria a perder o “fio da meada” e, pragmaticamente, não seria adequado fazer isso (ficar buscando o nome) o tempo todo<sup>58</sup>. Sua estratégia é muito mais adequada, como veremos mais adiante, no Capítulo 3: diz que não sabe o nome, que vai se lembrar, que tem raiva porque não lembra. A seguir, destacamos algumas questões interessantes que surgiram a partir da aplicação do teste de nomeação de Boston.

#### **2.2.4. Resultados de AJ no teste de nomeação de Boston (TNB)**

Durante o Teste de nomeação (TNB)<sup>59</sup>, AJ nomeou rapidamente as figuras: cama, árvore, lápis, relógio, tesoura, pente, martelo, helicóptero, vassoura, cenoura, cabide, raquete, barco, coroa, cactos, funil e chupeta – 17 figuras dentre as 60 da bateria, a maioria delas referentes à primeira parte do teste, cuja frequência na língua é alta.

Há casos em que se observa, como dissemos anteriormente, um *delay* na nomeação. AJ produz, por exemplo, *apontador* para termômetro (sendo que, com a ajuda de investigadora, havia nomeado a figura do apontador seis figuras antes); produz *rede* para pirâmide (que também nomeou com a ajuda da investigadora, três figuras antes) e *pergaminho* para esfinge (portanto, no mesmo campo semântico, que também já havia nomeado). AJ ainda produz novamente *tesoura* quando vê as figuras de polvo e caramujo.

Outras vezes, entretanto, AJ produz “parafasias”, como quando nomeia camelo e rinoceronte com a palavra *bode*. Embora sendo do mesmo campo semântico, não havia a figura de um bode no teste. Na literatura, este fenômeno poderia ser caracterizado como

---

<sup>58</sup> Esse tipo de estratégia pode manter o sujeito AJ na interlocução, ao contrário de outros sujeitos afásicos que suspendem o diálogo e ficam buscando o referente pretendido, como é o caso de **SI** – senhora afásica do Grupo I do CCA - que, muitas vezes, levanta a mão e diz a palavra que estava buscando, mesmo após uma mudança de assunto.

<sup>59</sup> A transcrição do episódio dialógico em que as condições de aplicação do TNB ocorrem (contexto, explicação do teste etc) e as respostas de AJ estão integralmente inseridas no ANEXO II.

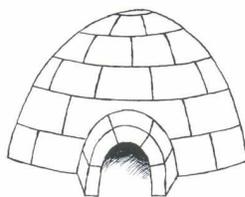
uma perseveração. Mesmo tendo errado na primeira vez, a palavra reapareceu mais adiante para nomear outra figura. Podemos retomar aqui as colocações de Freire sobre as dificuldades dos sujeitos com lesão frontal, quando se fixam em alguns elementos de uma figura (tanto camelo, quanto rinoceronte, são animais quadrúpedes), e dão um “palpite”, sem refletir sobre outras hipóteses possíveis:

quando se pede que o paciente analise o significado de uma figura temática qualquer, ele se prende a um detalhe específico da figura e, imediatamente, sem qualquer análise adicional, arrisca um palpite. Essa hipótese impulsiva e errônea não permite que o sujeito faça uma comparação entre a sua resposta e a hipótese inicial, estando impedido de qualquer possibilidade de correção (Freire,2005, p.127).

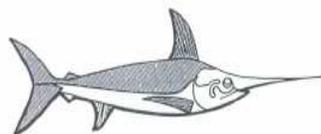
Outros exemplos de produções possivelmente parafásicas de AJ, mas sem aparente relação semântica, foram: *avião* para peixe-espada; *um monte de setas* para a figura de um aspargo (um dos piores desenhos do teste), o que nem consideraríamos como um *erro*; e *uma cesta para receber sementes*, para iglu. Estes erros talvez pudessem ser explicados parcialmente pela sua agnosia visual, considerando-se os formatos das figuras, como podemos observar nas figuras abaixo<sup>60</sup>:



Aspargo



Iglu



peixe-espada

Há algumas produções aparentemente sem explicação ou cuja motivação não foi possível de ser estabelecida em nossas análises. AJ produz, por exemplo, *vestido* para globo terrestre. Quando questionado por que falou “vestido”, ele diz que serve “para dar

---

<sup>60</sup> As figuras do TNB estão ilustradas na íntegra no anexo II

orientação para a turma”, o que é bastante pertinente para a figura do globo terrestre. Para a figura da casa, produz *bordó* e depois diz “é o que faz a casa”.

Há ainda processos metonímicos em evidência nos dados de AJ. Por exemplo, podemos dizer que *cavalo* para unicórnio é metonímico, já que a figura do unicórnio pressupõe parcialmente a figura do cavalo – AJ toma a parte pelo todo. Há, entretanto, a possibilidade de que ele não conheça a palavra “unicórnio”. Não se pode descartar esta possibilidade quando se aplica o teste de nomeação, já que muitas das figuras remetem a referentes da variante padrão e formal da língua: ábaco, esfinge, pergaminho etc. Há desenhos muito ruins, como do aspargo, fucinha, pernas de pau, martelo etc.<sup>61</sup>.

Outros exemplos do teste evidenciam relações semânticas nos processos de nomeação. AJ produziu *careta* para máscara; *semente* para avelã e *sorvete* para doce.

Houve casos também de produção de parafasias fonético/fonológicas, muitas vezes chamadas na literatura como neologizantes, como as que AJ utilizou *cativo*<sup>62</sup> para se referir a pelicano; *picapi dijunto* para apontador e *diaco* para pegador de gelo.

Há fatores que não podem ser desconsiderados quando se analisa qualitativamente o desempenho do sujeito afásico em testes de nomeação ou em qualquer outra bateria metalingüística. Um deles é o cansaço do sujeito ao longo da tarefa. Quando AJ está menos cansado e, portanto, mais atento, mais cooperativo e motivado com a atividade proposta, a seleção parece ser mais adequada (ver dados de nomeação das primeiras figuras, no ANEXO II). Não se pode desconsiderar, entretanto, que as figuras que mais acertou são as de mais alta frequência na língua, como já dissemos.

Quando AJ parece estar mais cansado, seu desempenho é claramente modificado. Isso também foi verificado na avaliação neuropsicológica realizada por MB. Durante a nomeação das últimas figuras do teste, apresentou uma piora no desempenho. As últimas figuras da bateria são as de baixa frequência na língua: ábaco, esfinge, pergaminho, estetoscópio etc.

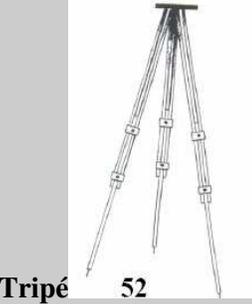
---

<sup>61</sup> A respeito das dificuldades dos sujeitos afásicos para nomearem figuras, em função da má qualidade dos desenhos, ver Novaes-Pinto (1999) e Forigo (2008).

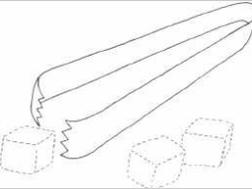
<sup>62</sup> Embora não seja possível, achamos pouco provável que ele tenha produzido a palavra “cativo” para atribuir alguma qualidade a pelicano, no sentido de *capturado*.

Abaixo, a transcrição (em negrito) de alguns momentos em que percebemos que AJ não está mais tão disposto a buscar o nome da figura. Ele também brinca com a situação de teste – o que não fez em nenhum momento na presença do médico, MB.

Palavra-alvo: *tripé*

52.		<p>AJ- <b>Ah... isso é um MONte de coisa...</b>          Irn- tá acabando falta só mas sete...          AJ- só <b>...olha ó:: a ainda bem que ta acabando...          é:::um apontador...um apontador ...pode dizer...</b>          Irn- isso serve pra colocar em cima uma câmara...          uma máquina fotográfica...uma filmadora...o que que          é? tem três pés... tri?          AJ- <b>não...</b>          Irn tripé          AJ- <b>tripé....</b></p>	
-----	---	---	--

Palavra alvo: *pegador de gelo*

54.	<p><b>Pegador de gelo</b></p> 	<p>AJ- <b>é::: ta ruim.... isso aqui é:::....diaco\diaco</b>          Irn- pegar....pegar o que?          AJ- <b>de pegar de pegar qualquer coisa...</b>          Irn-isso aqui o que que é          AJ-<b>isso é dado...</b>          Irn- isso é gelo... então isto aqui é um pegador          de...          AJ- <b>de gelo</b></p>	faz gesto de pegar
-----	---	--	-----------------------

Apenas quando AJ produz *dado* percebemos que ao invés de olhar o pegador, ele havia se concentrado na figura do gelo, um cubo, que foi nomeado como *dado*. O fato pode estar relacionado à agnosia visual de AJ, aliado à má qualidade da figura.

Palavra-alvo: *esfinge*

55.	<p><b>Esfinge</b></p>	<p>AJ- <b>ai meu deus do céu... mas ai tem coisa hein...</b>          Irn- tá acabando... isto aqui é lá do Egito...es...          AJ- <b>pergaminho...não sei...não to sabendo...</b>          Irn- esfin...          AJ- <b>pergaminho...pergaminho...</b>          Irn- esfinge...esfinge..</p>	Expressão de surpresa
-----	-----------------------	--	--------------------------



## AJ- suspira.. também

Durante o teste de nomeação, também foi possível observar “saídas pragmáticas” de AJ, como no caso da palavra “rede”. Irn apresentou várias “dicas” para auxiliar AJ na evocação da palavra como, por exemplo, “aqui as pessoas deitam pra descansar um pouco..”, pode ser na cama, no sofá... mas onde as pessoas também gostam de deitar pra descansar?”, “os índios gostam muito de dormir na..” Como AJ não foi capaz de evocar a palavra, ele diz: *eles gostam de dormir mesmo...(risos) eles gostam de dormir*, provavelmente se referindo à indolência dos índios, conceito difundido no Brasil do passado e até nos dias de hoje.

AJ apresentou, para a palavra “cabresto”, enunciados do tipo: *como é que chama esse troço? isso aqui usava muito no::; nos...nos meu::ti...tios lá la.. em mi... mi...em Guaxupé... ele...usava muito isso aqui...* Esse tipo de estrutura, além de revelar a atividade metalingüística requisitada nos testes – *dar o nome de*, é semelhante à estrutura que aparece com muita frequência nos enunciados de episódios dialógicos, quando AJ abre alguns “parênteses” para se referir a pessoas ou objetos que não consegue nomear ou mesmo para explicar conceitos ou fatos desconhecidos de seus interlocutores. Preti (1991) chama essas estruturas de *parentéticas*, justamente por terem o objetivo de explicar, esclarecer para os interlocutores sobre os temas discursivos e que têm também o objetivo de “preservar a face”, conceitos que serão explicitados no próximo capítulo<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> Mais adiante, no Episódio I (a partir da linha 85) isso se mostrará de forma mais interessante.

### 2.2.5. Avaliação de compreensão de frases e de estórias curtas

Como já foi dito anteriormente, nas situações dialógicas muitas vezes nos questionamos até que ponto AJ está nos compreendendo. Dependendo do tópico desenvolvido na sessão, se não for assunto de seu interesse, ele se “desliga”. A manutenção da atenção é fundamental para os processos de compreensão e em AJ certamente a atenção está comprometida, em função do mau funcionamento da Unidade I (Bloco I, de LURIA), tanto pelo efeito das lesões quanto pela enorme quantidade de medicamentos que ele toma.

Antes de apresentarmos algumas questões do teste que elaboramos para checar aspectos de sua compreensão, transcreveremos um dado de um episódio dialógico, que chamaremos de Dado Ponte Preta, em que o assunto era de seu interesse e que foi depois retomado em uma situação metalingüística. Falávamos sobre a Ponte Preta, mais especificamente sobre um trabalho que havia sido feito com ele pela estagiária de Fonoaudiologia, durante três semanas nas sessões individuais, resgatando a história de seu time e da época em que AJ tinha sido tesoureiro da Ponte Preta.

#### Dado 3<sup>64</sup> (Ponte Preta) de AJ:

Nota: Ic refere-se à fonoaudióloga; Irn à pesquisadora que coordena o grupo III do CCA; SR é outro afásico que participa do grupo; EI refere-se a *enunciado ininteligível*

Sigla locutor	Transcrição	Observações	Enunciados
Ec	Como que era o nome do estádio? Será que todo mundo sabe o nome do estádio da Ponte Preta?	Ele demora a responder	30
Irn	Como era o nome do estádio?	A mesma pergunta é repetida	31
	IH... agora pegou...agora sim... Porque o estádio da Ponte		

<sup>64</sup> O Dado 3 é um recorte do “Dado Ponte Preta” pode ser visto na íntegra no ANEXO V.

<sup>65</sup> EI refere-se a “enunciados ininteligíveis”. Preferimos essa sigla a SI (segmentos ininteligíveis), como sugere o Projeto NURC porque adotamos o conceito bakhtiniano de *enunciado* para qualquer produção lingüística (verbal ou não-verbal) dos sujeitos.

AJ	Preta ...o estádio da Ponte Preta.... (EI) <sup>65</sup> ... <b>jogava na ponte Preta</b> fizeram o estádio da Ponte Preta, mas <b>deram o nome</b> de.....	Longa pausa	32
SR	Moises Lucareli..	fala bem baixinho	33
AJ	<b>Deram o nome de Ponte Preta porque.. era só ali.. que ..a ... pessoa</b>		34
Ic	Tinha um grupo de amigos. Como é que é?		35
AJ	Tinha um grupo de amigos que jogavam ali...na ... dentro da Ponte Preta e <b>deram o nome de... Ponte Preta...</b>		36
Irn	Mas tinha uma ponte ali perto? Porque chama Ponte Preta?		37
AJ	<b>A ponte... a ponte existe...já existia uma ponte preta.</b> Mas, na verdade, <b>surgiu primeiro na... Ponte Preta...</b> foi justamente este grupo de amigos que jogavam lá em 1580...		38
Irc	Em 1500 não pode ser... Cabral chegou ao Brasil em 1500!	Brincando com AJ para ver se ele percebia que não podia ser esta data	39
AJ	Se bem que... <b>é bom lembrar que já existe...(EI) que a Ponte Preta nasceu em 1500 e pouco...</b>		40

AJ poderia ter simplesmente dito que não se lembrava do nome do estádio, que não sabia ou ainda que o único nome era Ponte Preta. Entretanto, no primeiro de seus enunciados (enunciado 32), vemos que AJ não responde à pergunta e produz enunciados do tipo “circunlóquio”, repetindo algumas vezes a palavra *estádio* e introduzindo elementos que não foram requisitados por suas interlocutoras. Nota-se também que o enunciado de SR, embora dito “baixinho”, com o nome do estádio – Moisés Lucarelli – foi ouvido por todos, mas ignorado por AJ. Como já foi dito, o tema havia sido trabalhado com a fonoaudióloga por três semanas antes de ser trazido para o grupo.

Quando interpelado a respeito da data em que o time teria sido fundado, o ano de 1580, AJ não procura se corrigir. Parece que ele não se dá conta do absurdo da data, e enfatiza: *Se bem que... é bom lembrar que já existe...(EI) que a Ponte Preta nasceu em 1500 e pouco.*

O episódio acima é tomado apenas como um exemplo do que ocorre com frequência nos enunciados do sujeito AJ. Não é só o fato de não se auto-corrigir quando produz palavras indesejadas, datas equivocadas *etc*, mas o fato de que não percebe e, mesmo quando interpelado pelo seu interlocutor, não reelabora, não reorganiza.

Buscando compreender algumas destas dificuldades, surgiu a idéia de elaborar um protocolo com alguns enunciados de AJ que já haviam sido transcritos. Primeiramente elaboramos enunciados curtos, com algumas frases e, num segundo momento, narrativas curtas, a partir de episódios dialógicos ocorridos em sessões individuais e em sessões do CCA. Os temas foram todos relacionados às suas preferências e experiências: história da UNICAMP, da Ponte Preta, a música “Chico Mineiro”, referida por AJ como uma das que mais gosta e assuntos ligados à história e economia do Brasil, já que ele era economista e tinha tido um jornal, dentre outros.

Buscávamos checar se ele seria capaz de reconhecer os erros nos enunciados, dentre os quais alguns que ele mesmo havia cometido em diferentes momentos nas sessões do grupo do CCA ou com a estagiária da Fonoaudiologia, nas sessões individuais. Não explicitaremos, aqui, todas as ocorrências para explicitar de onde extraímos as frases abaixo transcritas. Apenas para exemplificar nosso procedimento, retomamos um trecho do dado 3 , acima apresentado:

### Trecho do Dado 3 :

<b>Irn</b>	<b>Mas tinha uma ponte ali perto? Porque chama Ponte Preta?</b>	<b>Observações</b>	<b>Enunciados</b>
			<b>37</b>
<b>AJ</b>	<b>A ponte... a ponte existe...já existia uma ponte preta.</b> Mas, na verdade, <b>surgiu primeiro na... Ponte Preta...</b> foi justamente este grupo de amigos que jogavam lá em 1580...		38
<b>Irc</b>	Em 1500 não pode ser... Cabral chegou ao Brasil em 1500...	Brincando com AJ para ver se ele percebia que	39

		não podia ser esta data	
AJ	Se bem que... é bom lembrar que já existe...(EI) que a Ponte Preta nasceu em 1500 e pouco...		40

Foi solicitado a AJ que avaliasse o seguinte enunciado, para avaliar se estava correto. Se não estivesse, deveria apontar para o trecho com o problema.

**No ano de 1500, bem perto de uma ponte de madeira pintada de negro, nasceu a Ponte Preta.**

A resposta de AJ, diferentemente do que ocorreu no grupo, foi a seguinte:

**A ponte preta nasceu em... mil... a:::: noves/ mil novecentos e pouco...**

Os dados acima nos mostram que, embora seja uma tarefa metalingüística e apesar de AJ não acertar precisamente o ano da fundação do time, está mais concentrado e foi capaz de perceber que não poderia ser o ano de 1500. Sua resposta não foi ecológica, como no dado 1.

Vejamos algumas das demais respostas dadas por AJ, no protocolo que elaboramos. As partes em que há um “erro” estão sublinhadas. O protocolo completo encontra-se no Anexo III (teste de compreensão de frases e histórias curtas), ao final desta dissertação.

**1- Cada time de futebol tem uma mascote. A mascote do Santos é o peixe e a da Ponte Preta é a raposa.**

**AJ:** Da ponte preta é a macaca.

*Observação:* AJ acertou a resposta rapidamente.

**3- Moises Lucarelli foi um dos mais importantes jogadores da Ponte Preta.**

**AJ.** não... ele foi\ simplesmente deram o nome ...pra ...pra ele...a:: deram o nome pra ele... (suspira) de ...de... ah...dERam o nome pra ele de Moises Lucarelli no..no...(suspira) a: nu\ nu... Irc: estádio...

**AJ-** estádio

Irc Mas por que puseram o nome dele? Não foi porque ele foi um bom jogador?

**AJ:** não não foi por causa disso...é que parece que ele foi um dos... batalhadores e tal... é::: ponte preta..pra\ponte preta ....ele num...num..eu não sei que ele... que ele seja um bom jogador..

*Observação:* Moisés Lucarelli foi um torcedor fanático. AJ refere-se ao fato de ter sido um dos batalhadores, o que está também correto.

#### **4- O time do Guarani era chamado veterano campineiro.**

**AJ:** nOSSa senhora... esse não...(risos)

Irc: por que não? Ele não era chamado de veterano campineiro?

**AJ:** não era pra dá o nome de veterano não ...por que ...os vetERAno ... seria gente do esporte...(EI) batalharam pelo futebol...

Irc:...veja o gUARAni era chamado de veterano campineiro.

**AJ:**o guarani é também...não...não é veterano campineiro.. não... eu não sei...eu não sei di...di campineiro...ele só pode ser...é::: (suspira) não... não é veterano...não é...

Irc: tem algum time que o senhor conhece que era chamado de veterano campineiro?

**AJ:** campineiro.. si... si...tivesse algum algum time assim...poderia entra (EI) a:::por exemplo... si... a si...a: do a dogoa do guarani tem um monte de nome que eu não vô lembrá ....

*Observação:* Embora AJ tenha imediatamente estranhado e dito *Nossa senhora... esse não*, não disse que o nome “veterano campineiro” era atribuído à Ponte Preta.. Não podemos dizer que aqui ele errou, pois provavelmente seu foco foi tentar se lembrar de outro nome dado ao Guarani.

#### **5- Walter Hadler foi o primeiro reitor da Unicamp**

**AJ:** não...o primeiro reitor da Unicamp...o primeiro reitor da da unicamp não foi o valter não sei o nome... não ...não foi...

*Observação:* o primeiro reitor da UNICAMP foi Zeferino Vaz. AJ acertou em sua resposta, porque Walter Hadler foi professor do Instituto de Biologia, mas AJ não conseguiu evocar o nome de Zeferino Vaz no momento do teste.

#### **6- A Unicamp foi oficialmente instalada no ano de 1866.**

**AJ:** Mil oitocentos e sessenta e seis? não ... ela foi instalada em mil novecentos e alguma coisa...<sup>66</sup>

*Observação:* Embora não tenha precisado a data, reconheceu que não poderia ter sido em 1866.

#### **7- Dos meios de transporte atuais, os mais velozes são: avião, carro, charrete e ônibus.**

**AJ:** . eles não são os mais velozes...não .... só pode ser os aviões...

---

<sup>66</sup> Na questão 06 do teste de frases, assim como no dado 1 (Ponte Preta), AJ é capaz de perceber o erro, porém não consegue precisar a data, e diz “*ela foi instalada em mil novecentos e alguma coisa.*” Diríamos que dificuldades desse tipo são bastante frequentes, mesmo com sujeitos não-afásicos.

*Observação:* AJ reconhece imediatamente que *charrete* não pode estar entre os mais velozes e reforça que os aviões são mais velozes

**8- Em 1968 é inaugurado o primeiro edifício do campus da Unicamp, que alojou o Instituto de Educação.**

**AJ:** alojou... não... o::: instituto... não ... só pode ter sido algum..... a::::problema d de educação ... não sei...

**Irc:** vou repetir ... em 1968 é inaugurado ....

**AJ:** não foi alojado o... instituto de educação...não...foi alojado primeiro a faculdade de medicina, que seria a medicina e::: e nem...nem..dodo educação veio depois...

*Observação:* AJ reconhece imediatamente o erro. Não foi a Faculdade de Educação. De fato, como instituto foi o de Biologia, mas este veio depois da Faculdade Medicina. AJ estava, portanto, absolutamente certo.

Na maior parte das afirmativas, em frase mais curtas, os erros foram rapidamente percebidos, embora nem sempre AJ tenha conseguido corrigí los adequadamente. Ele saiu-se muito bem nos enunciados 1 e 7, por exemplo. Em outros, percebeu o erro, mas não foi capaz de dizer os nomes corretos, como no caso do Prof. Hadler (enunciado 5). Isso aconteceu, apesar do fato de AJ se referir frequentemente a Zeferino Vaz, primeiro reitor da UNICAMP (como veremos no Episódio 1). Entretanto, não consegue evocar seu nome na situação do teste.

A seguir, destacamos algumas das pequenas narrativas<sup>67</sup>, nas quais é possível perceber que AJ tem mais dificuldades para compreender do que em enunciados curtos. Vejamos a narrativa 9:

**9- Em 1950, Getulio Vargas voltou ao poder através de eleições democráticas. Neste governo, continuou com uma política nacionalista. Criou a campanha “O Petróleo é Nosso”, que resultaria na fundação da Petrobrás. Em agosto de 1959, Getulio Vargas é assassinado no Palácio do Catete, com um tiro no peito.**

**AJ:** estranho era o assassinato de Getúlio... porque ele não foi...não foi assassinado pela pela prática ....de...de dizer que é esse é esse e tal... é o::: o::: o::: o Getúlio ele teve grande...grande... ele era gremista ... era grande... dos pobres dos pobre e dos rico... ele era gremista dos pobre e dos rico...i eu não sei quANdo ele foi assassinado...ele não foi assassinado... o que ele foi ...o que ele foi... é::::borburado pela.. por uma câmara de ... de... (EI).

---

<sup>67</sup> Manteremos, nas narrativas, os mesmos números que constam no Anexo III.

É interessante notar que AJ estranha imediatamente a afirmação de que Getulio Vargas tenha sido assassinado. Afirma que ele *não foi assinado*, insere algumas afirmações não pertinentes para a tarefa e que não estavam no texto: *ele era gremista, era grande, dos pobres e dos ricos*. Chega a dizer que não sabe *quando ele foi assassinado*, mas logo em seguida reafirma que “não foi”. Em vez de dizer, por exemplo, que Getulio cometeu suicídio<sup>68</sup>, AJ diz: *o que ele foi ...o que ele foi... é:::borburado pela.. por um câmara de ... de...* Aparentemente, *borburado* poderia ser tomado como um neologismo. No entanto, quando complementa com *por um câmara de... de...* fica a impressão de que ele queria dizer *torturado por uma câmara de .....*, o que poderia indicar um problema de memória. Entretanto, em vista do conjunto de dados que temos de AJ, acreditamos que a seqüência produzida *borburado pela... por um câmara de ... de...* tem como causa a dificuldade de seleção, portanto de natureza lingüística, não um problema memória. Neste tipo de afasia, muitas palavras vêm à tona de uma única vez e o sujeito não sabe qual delas escolher. A esse respeito, Luria (1986, *apud* NOVAES-PINTO, 2008) afirma o seguinte:

Conforme assinalado por uma série de autores (Reese, 1962, Noble, 1952 e outros), a palavra não somente gera a indicação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior etc. Sendo assim, a palavra *jardim* pode evocar involuntariamente as palavras *árvores, flores, banco, encontro etc.* e a palavra *horta*, as palavras *batata, cebola, pá etc.* Deste modo, a palavra converte-se em elo ou nó central de toda uma rede de imagens por ela evocadas e de palavras “conotativamente” ligadas a ela. Aquele que fala ou que escuta contém, inibe, toda esta rede de palavras e imagens evocadas pela palavra, para poder escolher o significado imediato ou denotativo necessário no caso ou situações dadas.(Luria, 1986, p.35)

Mais adiante, o autor diz que

o campo semântico manifesta-se com toda evidência nos fenômenos amplamente conhecidos na literatura psicológica de dificuldades de

---

<sup>68</sup> Se se tratasse apenas de dificuldade de acesso lexical, ele poderia ter feito o gesto de *se matar*. AJ, entretanto, apresenta também muitas dificuldades com a atividade gestual. Ele praticamente não utiliza os gestos como recursos alternativos para significar.

recordar palavras, estados nos quais a palavra procurada encontra-se como se estivesse na ponta da língua (o conhecido *tipo of tongue phenomen*, descrito por Brown e McNeill, 1966) ou quando a palavra procurada é substituída por outra, tomada do campo semântico comum. (Luria, 1986, p.37)

Segundo Luria, (*apud* NOVAES-PINTO, 2008), as forças inibitórias igualam-se nas patologias às forças de estímulo, ou são ainda mais fracas, o que poderia explicar as dificuldades dos sujeitos afásicos para selecionarem, dentre as palavras possíveis, a adequada:

Se cada palavra evoca um campo semântico, está unida a uma rede de associações que aparece involuntariamente, é fácil verificar que a recordação de palavras ou a denominação de objetos de nenhuma forma é a simples atualização de uma palavra. Tanto a recordação de uma palavra como a denominação de um objeto são um processo de escolha da palavra necessária dentre todo um complexo de enlaces emergentes e ambos os atos são, por sua estrutura psíquica, muito mais complexos do que se costumava acreditar (Luria, 1986, p. 88).

Luria afirma que *há fatores que determinam a escolha da palavra, como a frequência na língua e a experiência anterior do sujeito*. Novaes-Pinto (2008) enfatiza que, para Luria, este fato não pode ser explicado como uma questão de memória, mas de linguagem. Citando Luria, *tratam-se menos de insuficiências da memória do que de resultados do excesso de palavras e conceitos que emergem involuntariamente e que dificultam substancialmente o ato da escolha* (Luria, 1986, p. 89, *apud* NOVAES-PINTO, 2008).

Os enunciados de AJ no exemplo acima (9) revelam que a compreensão está relativamente preservada: ele sabe de quem se está falando, percebe que o problema com a narrativa é justamente a questão do assassinato, mas não consegue resolver o impasse.

No próximo exemplo (11), a narrativa é a que prefacia a música “Chico Mineiro”, uma das favoritas de AJ, que havia sido trabalhada com ele na sessão individual com a estagiária de Fonoaudiologia. AJ ouviu atentamente a leitura, emocionado.

11- Cada vez que me "alembro" do amigo Chico Mineiro, das viagens que eu fazia era ele meu companheiro. Sinto uma tristeza, uma vontade de chorar, se "alembro" daqueles tempos que não há mais de voltar. Apesar de ser patrão, eu tinha no coração o amigo Chico Mineiro, caboclo bom e decidido, na viola delorido e era peão de boiadeiro. Hoje, porém, com tristeza, recordando as proezas das viagens e motins, viajamos mais de cem anos, vendendo queijo e goiabada e quindim. Mas, porém, chegou o dia que o Chico apartou-se de mim.

*Observação:* A letra original diz, referente ao trecho sublinhado: *viajamos mais de dez anos, vendendo boiada e comprando, por esse rincão sem-fim*.

**AJ:** é... só pode ter sido ...o **apartou-se de mim**...de momento assim (risos) **eu acho que todos os chico mineiro ... toda a rota do chico mineiro ...tinha um companheiro que ficava perto dele...era um companheiro pra pode narrar a viagem dele...passava a viagem... passava pelo pelo chico mineiro ...** mas eu não vejo...

Irc enfatiza a passagem que contém o erro, repetindo o trecho:

Irc: **Hoje, porém, com tristeza, recordando as proezas das viagens e motins, viajamos mais de cem anos, vendendo queijo e goiabada e quindim. Mas, porém, chegou o dia que o Chico apartou-se de mim.**

AJ: é chegou o dia que... (risos)

Irc: foi embora..

AJ: é **ta tudo certo**...

O último enunciado de AJ confirma que ele não estranhou a passagem “intrusa” na narrativa, apesar de já ter ouvido a música inúmeras vezes: *tá tudo certo*. Além do fato de não perceber *cem anos*, no lugar de *dez*, absurdo por se tratar do período em que o *narrador* acompanhou o Chico Mineiro, AJ também não percebeu a brincadeira feita com os versos que afirmam que passaram mais de cem anos “vendendo queijo, goiabada e quindim” (versos que rimam com os originais “*vendendo boiada e comprando, por esse rincão sem-fim*”).

Entretanto, é interessante observar que AJ se refere a um detalhe sutil da estória – ao fato de que o narrador era companheiro de Chico Mineiro, que o acompanhava e depois relatava suas estórias. *toda a rota do chico mineiro ...tinha um companheiro que ficava perto dele...era um companheiro pra pode narrar a viagem dele...passava a viagem...*

*passava pelo pelo chico mineiro.* Este foi o foco de AJ nesta narrativa, o que pode explicar como deixou passar despercebido o enunciado *vendendo queijo, goiabada e quindim.*

Um último exemplo será dado, para ilustrar as dificuldades de AJ em compreender por completo os enunciados, perceber sua idéia central e também o fato de que ele se apega a alguns detalhes, sem analisar o todo da narrativa, o que pode nos ajudar a compreender o que ocorre nas situações dialógicas.

**13- Devido ao seu grande progresso, também ficou conhecida como "Princesa d'Oeste", referência esta por estar ao oeste da capital do estado. Destaca-se na agricultura, pela produção de café e destaca pelo moderno parque industrial e tecnológico, fruto de um plano de instalação de "tecno-pólos", e de renomadas instituições de ensino superior, como a Universidade Estadual de Campinas e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas.**

**AJ:** bom... que...se bem que que... eu acho que existe.... uma uma grande diferença entre a PUC de Campinas e a UNICAMP são inversas..... são... esse se... por razão de ser... havia uma certeza entre a PUC a UNICAMP... a PUC a UNICAMP ... a UNICAMP era :::geral... de maneira gera... ia:::: a:: PUC era de maneira inquisitiva (EI)a:: a.....a PUC tinha certos planos que.. não chocavam com a UNICAMP..a UNICAMP tinha planos completamente diferentes da PUC

Irc novamente enfatiza o trecho onde estava o problema, mostrando seu estranhamento por ele ter escolhido como foco ou explicação para o crescimento de Campinas a existência da PUC e da UNICAMP:

**Irc:** sei ...mas campinas também era conhecida como princesa do oeste...se destacou pela cultura do café, cresceu por conta da puc e da unicamp?

**AJ:** não não foi... por PUC e da UNICAMP... a PUC já existia.. já existia... a UNICAMP veio depois... veio depois..é:::existia uma grande diferença entre a PUC e a UNICAMP.

Irc: E campinas ficou conhecida por “Princesa do Oeste” por estar a oeste do estado?

**AJ:** não...ela foi conhecida ...foi alguma....a\alguma...alguma... oeste... porque ela tinha... tinha...a:::grande grande grandes ini\iniciativas...

Irc: ela também se destacou pela monocultura do café?

**AJ:** não... porque fico a monocultura do café... ffoi ...campinas ...de maneira geral... que fico e até hoje chama-se monocultura do café..

Irc: Campinas cresceu também em função da monocultura do café?

**AJ:** não... não... porque existia... a:::o que realmente... o que se falava.-se..no no era... no era... o.... era a.... monocultura do... do café assim.. e que dava o nome de campinas.

O exemplo 13 ilustra bem o que ocorre muitas vezes nas interações com AJ e, que de certa forma, nos lembra suas estratégias já explicitadas acima, na solução de problemas, nas tarefas de nomeação, dentre outras situações. Neste dado, especificamente, há momentos em que ele parece se ater ao tópico, como quando diz que a cidade ficou conhecida porque ela tinha.... tinha...a:::grande grande grandes in\iniciativas. A maior parte do tempo, entretanto, ele se atém a detalhes - como nos últimos enunciados em que repete “monocultura do café” - sem analisar o que isso significa no todo da narrativa e, neste caso, trata-se exatamente do trecho equivocado.

Nas narrativas mais longas, AJ tende a se fixar nas últimas palavras de seu interlocutor ou nas palavras de maior freqüência no texto do texto. Este fenômeno pode estar associado às dificuldades de manter o foco de atenção durante o curso da tarefa, relacionado às lesões de lobo frontal. A atividade intelectual desses sujeitos apresenta distúrbios desde as formas mais simples até atividades mais abstratas.

Uma das vantagens deste tipo de abordagem metalingüística, diferente das avaliações tradicionais, é que estamos comparando o sujeito com ele mesmo, em diferentes momentos, o que pode nos dar outros parâmetros para discutir a relação entre o normal e o patológico. Vimos, no capítulo 1, que a instabilidade é uma das marcas mais fortes do quadro de AJ.

O que aprendemos com a análise desses episódios, em situações experimentais, nos ajuda a analisar e a compreender as dificuldades de AJ não só em atividades metalingüísticas, mas também nos episódios dialógicos, que serão abordados no Capítulo 3. A diferença observada quando trabalhamos com enunciados curtos, nos quais geralmente AJ não perde o foco, e quando lidamos com enunciados mais longos também nos dá pistas para o acompanhamento terapêutico. Assim como nós nos perdemos em seus longos enunciados, nos quais vamos apenas “pescando” uma ou outra coisa que nos faça sentido, parece que também AJ faz o mesmo com os nossos enunciados.

Isso nos leva a pensar ainda em um tema que não será abordado neste trabalho, mas que tem sido bastante discutido na área e que merece maior aprofundamento. A literatura

tradicional geralmente aborda os processos de produção e compreensão como sendo opostos, distintos.

Os dados de AJ corroboram a hipótese de que produção e compreensão são duas faces do mesmo processo, o que não significa que não haja especificidades, tese defendida por. Kolk *et al.* (1985, *apud* Novaes-Pinto, 1999)<sup>69</sup>, quando aborda a hipótese do paralelismo entre produção e compreensão no agramatismo. O estudo deste caso poderia também contribuir para esse debate.

No Capítulo 3, a seguir, apresentaremos os dados de AJ nos episódios dialógicos, salientando suas dificuldades tanto no sistema formal da língua, quanto outras de natureza pragmática e discursiva, dando especial enfoque na questão que relaciona o normal e o patológico, a fim de melhor compreender sua afasia.

---

<sup>69</sup> KOLK, H., van GRUNSVEN, M. & KEISER, A. (1985). "On parallelism between production and comprehension in agrammatism". In: KEAN, M. (Ed.). *Agrammatism*. New York: Academic Press.

# Capítulo 3

## A linguagem de AJ: entre o normal e o patológico

*Ai meu deus do céu... mais aí tem coisa hein?*  
(AJ, durante atividade com o Teste de Nomeação)

### 3.1. Introdução

Neste capítulo 3, apresentaremos a análise de episódios dialógicos de AJ, ocorridos nas sessões do Grupo III do CCA e em sessões individuais, também de “fala espontânea<sup>70</sup>”, ao longo do período de aproximadamente dois anos (agosto de 2006 a outubro de 2008).

Sempre que necessário, retomaremos questões do Capítulo 2 – referentes aos resultados de AJ em situações experimentais - e ao Capítulo 1, relativas aos dados do seu histórico neurológico, para corroborar ou questionar as dificuldades observadas nos dados deste capítulo.

Antes de passarmos às análises, entretanto, julgamos relevante iniciar o capítulo apresentando uma reflexão acerca do envelhecimento e do preconceito lingüístico e social presente na nossa sociedade contra o idoso e contra os sujeitos acometidos por patologias de linguagem. Ao longo do texto, a relação entre estas questões e a linguagem de AJ será evidenciada, justificando a inclusão deste tema em nossas discussões.

---

<sup>70</sup> Geralmente, na literatura tradicional, a fala espontânea é a que é produzida pelos sujeitos num intervalo de tempo pré-determinado. Na avaliação de Boston, por exemplo, há uma figura – Roubo dos biscoitos – sobre a qual os sujeitos devem falar durante um minuto. Neste trabalho, a fala espontânea é todo enunciado produzido em situações dialógicas, mesmo que um tema tenha sido proposto como tópico discursivo.

### **3.2. Preconceito lingüístico e social contra o idoso e contra sujeitos afásicos**

Questões sobre a linguagem no envelhecimento são trazidas para esta reflexão, uma vez que muitas das características atribuídas às afasias fluentes – caso de AJ - são também características da linguagem normal e, particularmente, do discurso de idosos (cf. Preti, 1991), como a presença de pausas, hesitações, circunlóquios e digressões. Ligada ao tema do envelhecimento, outra questão merece destaque: a que diz respeito aos preconceitos sociais e lingüísticos contra os idosos e contra os sujeitos afásicos ou acometidos por qualquer outra patologia que comprometa a linguagem. Apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre esses dois tópicos.

A literatura considera idosa a população acima de 60 anos de idade, tendo por base o critério da Organização das Nações Unidas para países em desenvolvimento, sendo este o parâmetro para levantamentos demográficos e políticas públicas. Segundo Silva (2007, p.16), este dado, embora oficial, “diz pouco sobre a experiência de ser velho”. Segundo a autora, cada um sente e encara esta experiência de formas diferentes, uma vez que o envelhecimento humano é um fenômeno que encerra aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000), a população de brasileiros velhos passou de 9 milhões e 708 mil, em 1990, para 14 milhões e 536 mil, no ano 2000. Estima-se que em 2025 o Brasil tenha 31 milhões e 365 mil pessoas com 60 anos ou mais.

Goldfarb (1998, p.117), afirma que “a velhice [então] não tem idade fixa ou conveniente para começar, e cada sujeito inaugura o “tempo de ser velho” quando esse é imposto e opera com ele de acordo com aquilo que sua história lhe determina”. Além disso, como aponta Silva

não há uma relação direta entre o declínio das funções biológicas e das outras capacidades do individuo como aprender, conhecer, ensinar, refletir, criar, amar, desejar etc.” uma vez que o envelhecimento pode ser

visto como “um fenômeno subjetivo que fala de experiências singulares, como cada um vive seu envelhecer e como internaliza esta condição (SILVA, 2007, p. 17)

Ainda segundo a autora, mesmo podendo manter-se ativos, tendo capacidades para executar diferentes atividades, alguns esperam que os idosos “cedam seu lugar, retirem-se para a vida privada e arrumem algo para passar o tempo à espera do fim, como se não tivessem mais nada com que contribuir” (ibidem, p.21). Salienta que socialmente o idoso é visto como um fardo, um membro da comunidade que não produz riquezas, que apenas gasta, uma parcela da população no qual não vale a pena investir. Sua condição fica sempre ameaçada e à mercê das decisões dos adultos e, dificilmente, sua opinião é levada em conta. Seu lugar depende do valor que lhe é atribuído pelos membros adultos da sociedade, de acordo com a época, situação social e as condições econômicas.

Para sintetizar estas questões relativas ao envelhecimento, citamos um trecho de Goldfarb (2006):

(...) embora, a partir dos investimentos das últimas décadas, sejam reconhecidos como sujeitos, sendo incluídos no panorama cultural contemporâneo ( até porque seria impossível não incluir o grupo etário que mais cresce), os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, são reconhecidamente obrigados a uma subjetividade ancorada na passividade, a uma pobreza de trocas simbólicas e à renúncia ao papel de agentes sociais. (...) ante a perda das funções produtivas e reprodutivas, na contemporaneidade, não há substituição por algo que seja investido simbolicamente pela cultura (...) o lugar social do velho seria quase um não lugar. (GOLDFARB, 2006, p. 77-78)

Preti (1991), ao tratar da linguagem dos idosos, diz que a sociedade se refere aos velhos como “um grupo de minoria, sujeito a um tratamento estigmatizador por parte da comunidade, a ponto de não conseguirem mais definir um papel social que lhes permita preservar a própria imagem social”, e ressalta que o velho, perante a sociedade, passa a ser alguém sem identidade, profissão ou status. Segundo o autor, características como lentidão, dependência, passividade, fraqueza, incompetência e pobreza foram associadas aos idosos, num estudo da avaliação de gravações de fala de idosos por ouvintes jovens, realizado por

Sebastian, Ryan e Abott (1981). Além disso, os idosos foram associados a “pessoas fisicamente incapazes, menos inteligentes, deficientes quanto ao nível educacional e de baixo status financeiro”.

Marcuschi (1991:10), no prefácio do livro de Preti (1991), refere-se aos idosos como um grupo social discriminado e marginalizado, muitas vezes condenado ao silêncio e à reclusão. Comenta ainda que, se alguém perguntar a respeito do que se entende por “conversa de velhos”, certamente serão lembradas características como: “uma conversa comprida, sem fio, arrastada, pausada, cheia de histórias, lembranças do passado e por aí afora”. O autor diz que, se por um lado isso contém algumas verdades, por outro “revelaria uma atitude preconceituosa e estigmatizadora” e afirma, ainda, que se trata de uma “comprovação clara de que a linguagem é mais do que um simples instrumento de comunicação; é também um componente decisivo na formação de preconceitos sociais”.

Para ilustrar a questão do preconceito lingüístico e social, do ponto de vista dos sujeitos idosos, serão transcritos três episódios dialógicos. O dado 4 ocorreu em uma entrevista com um sujeito não-afásico, L1, de 81 anos, citado por Preti (1981, p.29). O dado 5 é relatado por Novaes-Pinto (1999, p 223), em que uma senhora afásica, CL, de 78 anos à época, conversa sobre as dificuldades e o preconceito que passou a sentir após ter se tornado afásica. Ela mesma incorpora esse preconceito, se vê como não-falante, se esconde das situações sociais. O dado 6, citado por Morato et al. (2002, p. 37-40), mostra o depoimento do sujeito, CI, de 54 anos, com uma afasia fluente de grau *leve*, gerente de uma multinacional que foi afastado do trabalho, não por sua afasia, que não é prevista como doença nas leis trabalhistas, mas por sua hemiparesia<sup>71</sup>. CI afirma que o sujeito afásico é afastado do trabalho e das interações sociais e condenado a uma vida de isolamento e inatividade. Esta é uma realidade que podemos observar não só para os sujeitos afásicos, mas também para os idosos, como vimos acima. Os enunciados em negrito, nos dados 4 a 6, são os que se referem aos discursos dos sujeitos onde o preconceito e a exclusão são evidenciados.

---

<sup>71</sup> Hemiparesia: dificuldade motora que acomete os membros superiores e inferiores, dependente da intensidade do derrame e da região cerebral que foi afetada.

#### Dado 4:

- Doc : não: eu vou desligar mas esTÁ ó::tímo está muito bom ( )  
L1 : não... a gente não tem mais eu não tenho mais pro:: as eu não tenho mais nada sabe?
- Doc que nada? como não? O senhor falou aí oitenta minutos!  
L.1 ( )  
Doc sem paRaR... (o senhor acha que não tem nada?)  
L1 [ahn:: **mas falei só tolice...**  
Doc ahn?  
L1 **só tolice...**  
Doc não:: ( )  
L1 [**nada nada do que eu queria falar não falei... nada daquilo que eu queria falar... Não falei porque não vem a momento não vem a a::...a...**  
L2 éh...  
L1 : a senhora está percebendo **minha cabeça está cansada né não vem... não vem mais ao::**

#### Dado 5:

- CL **Eu não sei falar, eu falo muito pouco...** Quando eu falo dá pra entender, mas faço força pra eu falar, mexe aqui... *//faz gesto sobre o peito indicando que faz um grande esforço//* **Agora eu fujo de festa... fujo de tudo...** eu fui agora...né...no aniversário de dois netinhas... bisnetas...  
Fono Gabriela e Laís
- CL Eu, esse nome, eu num guardo.  
Fono Laís
- CL Gabriela tá na escola... Laís...tem um ano...  
Iem **A senhora fez tudo pra não ir na festa delas?**  
CL Eu fui...fui no aniversário e até escrevi pra ela...  
Iem Fala um pouco mais sobre esta conduta da senhora...procurar não ir às festas...  
CL **Não ir porque ninguém sabe que eu tenho assim... e vão falar comigo e eu não posso responder, então...**  
Iem Talvez a senhora não queira, mas a senhora pode...  
CL **Eu respondo, mas fica mal pra mim assim. Acho que não gosto...Agora casou a neta da minha irmã, eu não fui...**  
Iem A senhora não quer se expor, falando dessa maneira, não é isso?  
CL **Eu não quero expor porque vem conversar comigo e eu não posso responder direito né, então...prefiro não ir... (..) Mas eu fui numa festa que houve agora. Então eu procurei ficar perto de uma senhora velha que sabia que eu tava doente... eu falei só com ela. Com os outros não falei. Eu fui cumprimentar as crianças, dei presente, mas não falei...com ninguém.**

#### Dado 6:

- Iem Quer dizer, além de toda dificuldade que a pessoa tem, com relação ao corpo, com relação à fala, tem outra. Na verdade, por conta disso, a falta do trabalho, a ausência de círculo social, quer dizer, isso também é uma coisa que afeta.  
Imc Perdas, quer dizer...

**CI Foge, todo mundo foge ! Os parente, até os parente foge ...**  
 Iem É mesmo?  
**CI É, até os parente foge. Só pai, mãe, irmãos, que não!**  
 Imc Mas talvez fujam porque não sabem lidar ...  
**CI E eu recuperei. A família protege muito e tem muitos afásico, muitos hemiplégico que, que tá em casa! Que não sai de casa!**

Iem Quer dizer, não só não tem tratamento, como tá apartado da vida.  
**CI Um rapaz que mora pertinho de casa, pertinho é...é...é ... hemiplégico e afásico ! (...) A família protege e não sai de casa!**  
 Imc É, esconde ...  
 Iem Isso revela um ...  
 Imc preconceito ...  
**CI Os irmão sai, as irmã sai, ele não sai de casa! Só televisão, só televisão ... só televisão**  
**O isolamento social é uma coisa muito grave, né ?**  
 Imc **Pra qualquer pessoa ! Não é só pra pessoa que tem um problema!**  
**CI Acorda de manhã, liga a televisão, vai dormir, desliga a televisão.**  
 Iem (dirigindo-se a EF, um senhor afásico) O senhor mostrou com a mão isso aqui, o senhor conhece quatro pessoas? Afásicas ? O senhor tem contato com elas?  
**EF Tenho...tenho !**  
 Iem E elas tão como, na vida ? Elas têm, elas procuraram algum tipo de ajuda, de terapia?  
**EF Não, não, não .**  
 Iem Não?  
**CI Só televisão, só televisão ... só televisão ... Quem é trabalhador, aí sente muita falta ...**  
 Iem Por quê?  
**CI Perde o trabalho; perde o trabalho! Porque as empresas não considera é-é-é ... quem gosta de trabalhar!**  
 Imc MC: Hum, hum ... quer dizer: **uma vez que você não consegue falar direito, já era!**  
**CI Então a aposentadoria não é pra-pra depressão, só a hemiplegia, né ? Não é hemiplegia, é falta e tra ... de continuar a mexer... a trabalhar, voltar a trabalhar. Aí aposenta, aposenta por invalidez**

Iem Tá.  
**CI Mas a afasia não é aposentadoria...Todo mundo perdeu, individualmente, nós perdemos ... muitas coisas, né? ... Dinheiro! Agora ... afásico... nós não é ... aposentadoria não é considerada na lei trabalhista ...**

**CI É difícil a pessoa entender, ter paciência, pra entender a gente falar!**  
**JB É! Aí...ah**  
**EF Fásico! Fásico!**  
 Iem Aí você fica assim?  
**EF Fásico! Fásico!**  
**CI Não tem paciência pessoa pra entender afásicos, não tem, não tem. Paciência zero!**  
 (...) corte no dado  
**CI Porque a casa vivia cheia de gente, aí quando teve derrame cerebral...**

Os dados acima revelam que muitas vezes não é só a idade, nem a gravidade da afasia que afetam a vida dos sujeitos, mas a qualidade da relação social do afásico e do idoso com a comunidade. O fato de não conseguirem mais definir um papel social que possa preservar sua imagem pode trazer como conseqüências o preconceito, o isolamento e atitudes de auto-desvalorização. Novaes-Pinto (2008, no prelo), em um texto sobre

preconceito lingüístico e exclusão social, explicita a relação entre o preconceito contra “variantes lingüísticas desprestigiadas socialmente” e o preconceito contra a linguagem de sujeitos idosos e afásicos. Esses sujeitos sentem-se vítimas do preconceito e inferiorizados nas interações; não acreditam mais em sua competência lingüística. A autora aponta para as particularidades quanto às dificuldades lingüísticas de cada grupo e ao tipo de reação do interlocutor. No caso dos idosos, segundo a autora não há paciência, porque eles *falam demais*, porque se remetem ao passado a todo o momento (por meio da inclusão de estruturas parentéticas), mudam de tópico discursivo frequentemente etc. No caso dos afásicos, geralmente, não há paciência para esperar que organizem seus enunciados ou então para interpretar suas falas muitas vezes elípticas, telegráficas ou repletas de pronúncias “distorcidas”, com trocas de palavras etc.” Afirma ainda que o “preconceito lingüístico é um fato muitas vezes gerado pela ignorância sobre a natureza e funcionamento da língua(gem)”. (ibidem, 2008).

Embora o caso de AJ seja singular também no sentido de ser completamente acolhido pela família e por um grupo como o CCA, não podemos dizer que nunca tenha sentido preconceito em outros círculos sociais e que não se sinta desvalorizado em função de sua afasia.

No dado 7, a seguir, temos um trecho no **Episódio I** em que AJ mostra como se sente. Vejamos o momento em que isso parece estar implícito nos seus enunciados (Enunciados 70 a 72).

### Dado 7:

AJ	então... ele pode ter o conhecimento daquela fazem que a universidade não paga...por exemplo a::::: ..... agora ela falou a pouco tempo ai... quando você::::: você ... dá um uma a a fásico cê dá pro afásico pro....		70
Irc	uma aula?		71
AJ	o afásico sem nada ... pro afasico sem nada quando ela ela começa a ter noção que aquilo lá ...que aquilo que ela qué...tem		72

que se... tem que ser anotado aquilo lá... por exemplo ... hoje...  
hoje hoje você pega sssai sai...da de uma afase tá... como diz a  
professora (se referindo a Irn) vou dá:: só conhecimentos pro cês  
hoje vou conhece todo mundo muito bem  
i:::sso.....

### 3.3 Considerações sobre aspectos metodológicos desta pesquisa

Os episódios dialógicos do Grupo III do CCA são filmados, digitalizados e arquivados em um banco de dados, do qual foram selecionados os dados de AJ e transcritos<sup>72</sup>, para posterior análise, com base nas normas do Projeto NURC<sup>73</sup>, as quais são apresentadas no AnexoIV

Quanto às sessões individuais, selecionamos apenas um episódio dialógico<sup>74</sup> – **Episódio 1** - para a análise que nos interessa nesta dissertação. Após observarmos a transcrição deste longo episódio, ocorrido em 12/06/2007, este se configurou como o mais relevante para a discussão das dificuldades lingüísticas e cognitivas de AJ. Tornou-se o *ponto de partida* para discutir também a questão da intervenção terapêutica e a influência da Neurolingüística Discursiva nos estudos sobre as afasias.

Guiados pelo princípio de que todo o enunciado é dialógico (Bakhtin (1929/1997)), os recortes dos dados foram feitos respeitando-se os turnos do sujeito AJ e também os de seus interlocutores, a fim de analisar como se deu o desenvolvimento dos temas, como AJ dribla suas dificuldades, reorganizando (ou não) seu discurso e para analisar também a influência reguladora do interlocutor/terapeuta neste processo.

Vale ressaltar que, somente após a transcrição do Episódio I, foi possível observar algumas características do discurso de AJ que não tinham sido notadas no decorrer da

---

<sup>72</sup> A pesquisadora esteve presente em todas as sessões das quais os dados foram extraídos e foi também quem os transcreveu.

<sup>73</sup> As normas para transcrição do projeto NURC (Norma Urbana Culta) constam do primeiro volume organizado por Castilho e Pretti (1983). Nossa transcrição são adaptações a partir das principais marcações utilizadas no NURC.

<sup>74</sup> Os dados de situações experimentais, obtidos nas sessões individuais, já foram relatados no Capítulo 2.

interação. A impressão que tínhamos, por exemplo, de que ele se perdia completamente no tópico discursivo, foi desfeita após analisarmos os dados. Esta questão será melhor desenvolvida ao longo do capítulo.

### **3.4. A singularidade do caso de AJ**

Reconhecer a singularidade de um caso ou mesmo de um dado não é tarefa fácil. Ishara (2008) nos adverte que “não é qualquer teoria que propicia o olhar do pesquisador para a singularidade”. Citando Abaurre (1991), a autora enfatiza que apenas uma teoria para a qual importa indagar-se diante das “marcas inequívocas da presença de um sujeito da e na linguagem” orienta o olhar do pesquisador. Abaurre 1996 e Novaes-Pinto, 1999 nos convidam a adotar uma atitude de “perplexidade” frente aos dados. Essa postura contrapõe-se àquela de uma Fonoaudiologia tradicional, que se limita a buscar o desvio, o anormal, tendo como referência um “normal ideal”, o que leva a uma listagem de sintomas e ao enquadramento desses sintomas em uma categoria clínica, já que é a categoria que orienta as condutas terapêuticas. Adotar uma postura de perplexidade frente aos dados implica em buscar enxergar além do que está na superfície. Por exemplo, uma coisa é descrever que “o sujeito tem dificuldades em encontrar palavras”, outra coisa é se perguntar por que a palavra não veio naquele contexto, se veio outra no lugar e qual a relação entre a palavra pretendida e a produzida, observar nas pausas e nos silêncios o que não foi possível dizer, a ação da língua sobre o sujeito, a tentativa de reformulação etc.

Novaes-Pinto (1999, p.96) discute a relevância das análises qualitativas em relação às quantitativas nos estudos da linguagem e afirma que “o que faz com que o pesquisador opte por um ou outro método é sua concepção de língua/linguagem e também sua concepção de *ciência*.” E que esta escolha atua “sobre as decisões que definem desde a coleta de dados até a interpretação ou análise”. Citando Abaurre (1996), afirma que a análise qualitativa dos dados permite a compreensão de processos mais gerais, a partir de fenômenos observados em episódios individuais, singulares e que, frente a esses dados, a maioria das teorias lingüísticas existentes não dão conta de explicitar a relação entre o

sujeito e a linguagem. A autora também ressalta que teorias lingüísticas centradas apenas nos recursos lexicais e estruturais da língua não dão conta de descrever e muito menos de explicar os processos lingüísticos e cognitivos envolvidos, uma vez que o sentido na língua/linguagem não é dado, mas construído nas interações sociais.

Já colocamos, na Introdução deste trabalho, a justificativa para conceber o caso de AJ como singular. Basta contrapor as imagens tomográficas (que revelam como está seu cérebro, do ponto de vista das lesões provocadas por AVCs, cirurgias de clipagem de aneurismas, atrofias corticais e sub-corticais) aos dados de linguagem. Se não fossem os efeitos das práticas interativas, por meio da linguagem, possíveis graças à inserção de AJ em diversos círculos sociais, o prognóstico seria, talvez, o de estágio avançado de um processo demencial, dentre outras alterações. O fato é que AJ, apesar do estado de seu cérebro e do impacto das lesões no funcionamento lingüístico e cognitivo, resiste como sujeito social e da linguagem.

Passemos à análise do Episódio I, que concebemos como um *dado singular*, pois revela tanto aquilo que é característica do *normal*, quanto as alterações relacionados ao patológico, chamamos a atenção para a instabilidade do quadro de AJ, que oscila entre o normal, a afasia fluente e às alterações cognitivas que justificam com que a consideremos como sendo *progressiva*.

Apesar de apresentarmos, a seguir, o Episódio I, na íntegra, ressaltamos que apenas algumas de suas partes serão destacadas nas análises, para ilustrar as principais dificuldades lingüísticas de AJ, tanto relativas ao sistema formal da língua, quanto as de natureza pragmática e discursiva<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> Convém esclarecer que se trata de uma sessão com estagiárias do curso de Fonoaudiologia, da FCM/Unicamp, da qual também participei. A propósito, meu papel, além de pesquisadora interessada no caso de AJ, era o de colaborar na orientação do estágio supervisionado em afasia ( desenvolvido pela Prof. Rosana Novaes Pinto, apontando para eventuais problemas na condução das atividades e propondo questões para o debate.

### 3.5. O Episódio I: um dado singular para a análise da linguagem de AJ<sup>76</sup>

Sigla	TRECHO 1	Obs:	
	<b>Tópico discursivo: Zeferino Vaz</b>		
<b>Ea</b>	o senhor sabe o que é isso que a gente trouxe? é sobre a história da Unicamp... o senhor fala tanto destas coisas...		1.
<b>AJ</b>	Zeferino Vaz... vou dizer uma coisa pra vocês...eu acho que... a::: a unicamp deveu-se muito ao Zeferino Vaz...ao Zeferino Vaz... que:::ele mexeu nesta nessa unicamp de tudo quanto é jeito pra trazer...é:::é:::instituto pra: pra cá...ele trouxe aqui...eu vô dizer...na verdade na verdade o::: Zeferino Vaz... trouxe pra cá v...ou dizer..(EI).sem preocupação...trouxe o::: e:::ssse e:::sse reitor...esse candidato a reitor que ...era...era...o:::POXA VIDA...eu..eu conheço bem o nome dele mas agora me esqueci..veio o veio o::: o acadêmico... que... era ...o:::Zeferino v::: o:::esse ban esse bandido ai... que...era era o::: a:a: era bacan... bacana (EI) do Vaz... ele trouxe... esse que...foi candidato a reitor aqui...e ::: que não deu certo pra ele porque... ele não deu certo...era um monte de...de gente que entra no negócio.....		2.
<b>Ea</b>	o senhor lembra o nome dele?		3.
<b>AJ</b>	e...ele ficou... ele ficou na historia da..da da Zeferino Vaz e como		4.

<sup>76</sup> Nos foi sugerido, na defesa desta dissertação, que o Episódio I fosse inserido integralmente neste capítulo, para dar maior visibilidade à linguagem de AJ. Foi dividido em “trechos” referentes aos tópicos discursivos desenvolvidos durante uma sessão individual com o sujeito. Maiores detalhes sobre o **Episódio 1** serão abordados logo após sua apresentação. A sigla **Ea** refere-se à Estagiária “a”, que preparou a atividade para desenvolver com AJ e **Irc** refere-se à Rosângela Canoas, autora desta dissertação. Como ele havia sido funcionário da UNICAMP por muitos anos, na época da fundação da universidade, **Ea** levou fotos e textos que havia retirado da Internet sobre o assunto.

	o <b>pedigree</b> e quem lutou pela historia ...ele entrou...eu vou lembrar o nome dele...porque eu vou lembrar ainda e::::e ele trazia pra cá...muita...muita gente que ele trouxe do <b>(EI)</b> ...reitor... o reitor.... quando::ele pegava gente assim... esquecida da::da..na unicamp...ele trazia gente de valor...gente de valor... então v::Zeferin...ele tinha ele tinha...ele tinha uma <b>voz... uma voz</b> que falava bem... do pessoal que ele trouxe pra cá... então ele trouxe pra... pra cá...tsss... ele trouxe o::: o Zef...EU VOU LEMBRAR ESSE NOMES...dá uma raiva..que eu sei o nome dele...		
<b>TRECHO 2</b>			
<b>Tópico discursivo: O que Zeferino trouxe</b>			
<b>Irc</b>	são pessoas para trabalhar junto com ele?		<b>5.</b>
<b>AJ</b>	ele trouxe gente ele trouxe gente de teor...ele trouxe pra cá esse pessoal...		<b>6.</b>
<b>Irc</b>	esse pessoal fez o quê?		7.
<b>AJ</b>	trazia...eles traziam o::: gente dele...gente assim qué vê.... a::::: a unicamp deve-se muito ao Zeferino Vaz.....Zeferino Vaz que deu toda essa pungencia pra Unicamp... trouxe mUIta gente que....		8.
<b>Irc</b>	muitos cursos?		9.
<b>AJ</b>	- trouxe gente de valor.....que negócio? que muito sujo? Muito sujo....é.... fala fala de novo....o que é muito sujo?	Olha para Irc	10.
<b>Irc</b>	muitos CURSOS MUITOS CURSOS		11.
<b>AJ</b>	entendi muito sujo que será?	risos	12.
<b>TRECHO 3</b>			
<b>Tópico discursivo: Prof. Ubiratan</b>			
<b>AJ</b>	ele trouxe muita gente ...ele trouxe pra cá mu:::ita gente ele trouxe o::::: o reitor....o::::: ele foi foi reitor também....ele foi		13.

	candidato a reitor também e:::: não foi eleito aqui....mas.... ele o.... o::::: Ubiratam....o Ubiratan.... meu....		
<b>Ea</b>	seu amiGO é o amigo que o senhor fala todo dia...tem que trazer um a foto do Ubiratan pra gente conhecer...seu amiGO é o amigo que o senhor fala todo dia...tem que trazer um a foto do Ubiratan pra gente conhecer	risos risos	14.
<b>AJ</b>	eu...eu...vou trazer pra...vou trazer uma foto....você já conhece ele andava ele andava muito ..... agora faz tempo que ele não anda muito por aqui... o Ubiratan.... ele era grande...grande...		15.
<b>Irc</b>	ele era professor aonde? do que?		16.
<b>AJ</b>	heim? não não...ele não dava aula... aqui dentro da Unicamp...eu dei aula ... muita coisa assim por fora ...mas nunca na Unicamp...primeiro porque eu eu não não tinha aquilo que você ta fazendo cê ta fazendoeu não tinha...	Olha para Irc	17.
<b>Irc</b>	- mestrado?		18.
<b>AJ</b>	é.... eu não tinha doutorado...doutorado tal (EI) eu não tinha tudo...nada disso... então eu vivia... asssim.... doutorado tanto aqui na Unicamp com na Puc... na Puc... eles vivem muito da... da embrenagem...da... tsss fff... da Usp... da usp... da Usp... então você pega...pegava o:::: os professores daqui ...era tudo gente que/ que era trazido de lá pra cá que fazia tudo a/a mensagem(EI) jogavam tudo aqui e ficava tudo e todo mundo tirava dez e ficava... você também vai tira dez você vai vê ...você vai tirar dez...	Olha para Irc risos	19.
<b>Ea</b>	vinham professores da Usp pra cá é isso?		20.
<b>AJ</b>	-é.... o::::Zeferino trouxe... muita gente da Usp pra cá...é da Usp... muita muita gente...depois não votavam nele...num numa cachoeira... essa turma...ele voltava tudo pra ...esse pessoal... não fica brava não... você você é professora aí ..... oi tudo bem	risos	21.

	<p>professora ... agora dOUtora (EI) ele trazia todo esse pessoal e esse pessoal e ele que dava cobertura pra ele em função de::: de de::: montagem de instituto.... porque ele sempre faria né? A::: uma universidade que que ela teria que ter... alguns professores já eleitos...bem eleitos já...e...esses professores... esses professores dariam depois dariam muita ...dariam muita visão para o reitor... por que o reitor (EI) (roubava muito) o reitor sabia todo mundo... ele era terrível... a pessoa .... o Zeferino... era terrível... que ele chegava...chegava assim... olha.... pode cortar estas coisas aqui... já que eles estão cortando este negócio aqui... tá dando... não professor... só um professor(EI) vai receber agora... agora não vai receber outro....outro... aí meu Deus....</p>	risos	
<b>Trecho 4</b>			
<b>Tópico discursivo: Como era Zeferino Vaz</b>			
<b>Ea</b>	ele era bravo?		22.
<b>AJ</b>	não... ele era... ele era terrível... o professor Zeferino? você já conheceu ele ?	Olha para Irc	23.
<b>Irc</b>	hum....humm	faz aceno com a cabeç	24.
<b>AJ</b>	nossa....o professor Zeferino era terrível... era terrível pra... ele fazia toda... vamos dizer.... toda ....a::: em função da biologia que ele tava lá... ele trabalhava lá biólogo... ele era biólogo... era tudo esses negócio aí ... ele não trabalhava tudo na função... a função dele... tanto é ... que a biologia tá aí...aí mexendo... mexendo ...mas não sai ...não sai disso... fica /tem.... é um elefante branco a ... a::: biologia é ba/ é branco ta::: do::: a::: aquele negócio branco.... é tudo a biologia né? (EI) o professor fundado lá né? E e::: esse professor num/não não mexeu.. pra subir a::: universidade.... tanto quer a		25.

universidade..hoje em dia.... ele tem só uma... uma... cantiga que seria bom de de vocês quem é bom de...de...alertar para o pessoal...por que quem quem mexeu com burro otas coisas... foram os outros... os outros institutos boca...a... copiaram (EI) ah... fulano fuLAno... só dava fulano lá... lá lá cês nunca tem... nunca tinha a:::: a moção de voc... tanto é que a a biologia hoje em dia ... a biologia... ela começa ...ela vai ...vai começa ver co... a:::: fase dotas coisa... da da muita... muita cobertura... para aquilo que não tem na universidade...aquilo que não tem na universidade vai ter agora... agora da agora em diante vocês vão mexer ... e vai traze a:::: então vai trazer coisas... na universidade...então você vai ter... vai haver hoje... quem mexe com... quem mexe com o nariz ouvido papapa'... só na mão na mão de de brasileiro ... só de brasileiro..... esses que ficam ã:::: não... a:::: professor Rada (EI) professor Rada...hoje você vai vai encontrar gente que::::professor Rada sem não me engana já morreu... não morreu não... mas o professor Rada era uma uma juventude que vinha da:: da universidade do:: do Zeferino Vaz ..professor Rada... professor...vo citá algum nome vô citá Rada...Parada outro que vem vem junto .. Parada é:: mEi:::o... né lá ...lá quase... mas o:: Parada ffoi mexeu outras coisa...então... ele já mexer com estudante mexer com estudante também... então ele... totoda esta turma que vocês vão (EI) professor Rada professor Rada ...esses são/ os ...que veio lá de cima sabendo alguma coisa ...certo? aí vocês ssssabendo mexendo nisso daqui e dali...Rada... hoje vocês vão mexer vai mexer em muita gente.... vocês (EI) só sobra aquilo/ só sobra aquele negócio cão e foi embora... nunca mai foi tsss agora aaaa Unicamp vai vai mexer vai começar a mexer com a parte de:: de corpo.... que a universidade...a:::

suspira

risos

risos

<b>Irc</b>	com a saúde o senhor fala?		26.
<b>AJ</b>	<p>- é... a saúde ....a:..... ela vai ela vai ficar mais ou menos na saúde ...o:....de... mexendo... a:: cada a cada coisa vai puxar... então... daqui a pouco daqui a pouco vai haver lá uma::: uma situação de Rada Rader Maria Maria passou lá no Rada e mexeu disso esqueceu disso assim asssim ...a Aline mexia nisso assim assim... essa daqui essa aqui não... essa aqui é fogo... essa aqui é fogo... não fala agora...então é é a pessoa... só mexia... só mexia no no corpo humano que agora vocês vão mexer...a::: tanta coisas que vocês tão mexendo na parte do fonologia vocês vão mexer muito na muito na parte do:::vai mexer na parte do vão mexer na parte de guttural ... vai descer vai descer mais daqui desceu mais aqui... igual eu coitado.. me me alguma coisa eu acerto muita coisa muita coisa eu acerto muita coisa e acertam e e iam o/ guttural e pega toda esta parte e o pessoal mexê... tanto é::: que ...o afásico essas coisas você pode vê em afasicos essas coisas... vocês vão só vê na ...na você vai ver mesmo no::: no quarto.... não...é::: na hora que cês vão a::: descobrir alguma alguma coisa... vai ser só...mente de alguém... lá... alguém falou isso assim assim ...vem vem trazendo aqui ai ... vocês vão saber aquilo que entrou aquilo que faltou aquilo que vão vão entrar... ta gente...ah guttural vai entrá e fase e fase a::: a Unicamp ela vai dar... a unicamp vai dar muita fase de ...de ::: muita fase... ela vai... lutar muita fase do do- do -do cultural... ela vai trazer.... mUIta fase trazer muita fase a respeito do cultural que vinha::: vinha do:: cultural que era o::: português do inglês que que era a saída...agora... eu vou contar a:::uma coisa (EI) tem muita muita coisa pra mexe sabe...vai ter muita coisa... muita coisa pra vocês que vão vão caminhar... vão vão ...ser...</p>	<p>Se referindo a <b>Irc</b></p> <p>risos</p> <p>apontando o pescoço</p> <p>risos</p>	27.

<b>Irc</b>	- vão se formar?		28.
<b>AJ</b>	vão se se formar ... vão ficá nÃo .. não ...ou...ou.... cês faziam assim ... não..porque faziam assim. e::: papapapa e ia descobrir.... certo? Ia descobrir pra jogar as coisa em função do que ele vai ser ...em função daquilo que está ouvindo...Agora aa:::....		29.
<b>Irc</b>	o senhor acha então que aqui o ensino é muito bom?não é? que não fica só na teoria que elas podem ver..		30.
<b>AJ</b>	- elas vêm ver .. vem ver e .vai mostrar para os aluno... aquilo que tá errado... ta errado... ta errado por que que é fase... o que não é o que é fase ( <b>EI</b> ) porque o::: reitor ( <b>EI</b> ) asSIM assim assim...depois ele passava um tempo ele ia pra casa e ( <b>EI</b> ) eu falei bobagem tem que ser assim vou mudar assim assim assim então..... era muita muita ..a:::..	risos	31.
<b>TRECHO 5</b>			
<b>Tópico discursivo: Empreendedorismo de Zeferino</b>			
<b>Irc</b>	-o Zeferino era muito empreendedor?		32.
<b>AJ</b>	não... cê sabe que... ele pode... até ser empreendedor.... ce você achar empreendedor ....mas...em pouco em pouco de de ::: raciocínio porque o raciocínio de verdade... tinha que ser empreendedor ...cê tinha que ver o empreendedor que vem vinha trazendo ...cê não pode trazer porque babababá isto é aquilo.... quando você ...se você vai boçar o dedo... a falange ... aqueles negócio... dize porque...ele já sabe porque essa falange aqui fagAnge... lembra do::: do discurso do do Cícero( <b>EI</b> ) falange e tal... falange esse aqui me tal.... Então... na verdade na verdade ...eu acho que... o::: empreendedor que vem aqui em função da da fase né ... vocês tem muita coisa para anotar e:::.....: mostrar as coisas que vem... certo? Ce vê ... Veja a	Olha para Irc	33.

	<p>história da Unicamp ... a história da Unicamp é é como diz o o professor...professor U::biratan viu.... o professor Ubiratan ele ele era muito... eu falava pra ele assim... professor o que que o senhor acha da Unicamp a Unicamp é criadora... tudo é... só...vem aqui... e só vem aqu só:::i não tem coisa é::: boa pra frente... que ela não tem coisa boa pra trazer pra frente...</p>	risos	
<b>Irc</b>	não tem?	risos	34.
<b>AJ</b>	<p>não tem... não tem...a coisa... que boa que tem da Unicamp... que é boa na Unicamp são coisas que vocês ...ja conhece...conhecem muito bem conhecem muito bem e::: empreendedor quer dizer... a fase de empreendedor de empreendimento foi muito muito::: deixada de lado cês vão ficar só aqui pode ver... cês podem ver até não sei se (EI) cês vão pegar coisas... cês pegam por exemplo ...num num ...quando você pega toda a /a entidade você tem todas as coisas que vai até a engenharia de/de alimentos... até a::: engenharia de frutos vai nasce frutos... ssssse se você pega pra vale ...se vai vê...que como se chama ..os os...como se chama aqueles professores que ... que dão nota só a::: é esse professores que dão nota do:::eles pegam toda aa:::os (EI) e vai vai lutar que é que aqueles... aqueles que fazem a conta... então ele vai saber por que fazem isso e aquilo outro e saber quAl aquele que esta mais adentro daquele negócio...então estudam bastante e dá o enpreend/empreendimento daquele ... daquele ... daquele ffffulano que vem.... o resultado da da da Unicamp é muito é muito im/impossível... ce/cê imagina só...esta daqui..... tava tava tossindo e aliás eu até fiquei com dó e:::la ela num tava tossindo... ce levanta ...os braços levanta os braços... essa é a mesma que os cara/que os professores da dá pros caras que faz</p>	<p>Irc tosse</p> <p>aponta <b>Irc</b></p> <p>Irc tosse</p>	35.

	tossindo e levanta levanta os braços...tá? levanta os braços..		
<b>Irc</b>	Vou ter que andar com os braços levantados....	risos	36.
<b>AJ</b>	abaixa os braços que já então ce levanta ce vai levantar os braços e nem vai perceber... nem perceber... levanta os braços quando você percebe ... já tá longe... mas e:::la é bacana... ela é bacana eu vejo ela... vvvô chama aqui ela pra sabe como é que fala... como joga os braços ( <b>EI</b> ) mas isso eu aprendi mais com um irmão/ filho meu...um filho meu ..ele vai ..ele vai ... é:::torcer pela a Ponte Preta ele vai tocer né? Ponte Preta ele vai lê vê aquilo que os médicos fazem com a criança que está .....com... outras vezes eles mandar levantar os braços.... tira todo mundo... e levanta os braços e depois está bom a bom aqui... ... então...iSSo levanta os braços... levanta os braços levanta os braços quando ela acorda ela acorda...você ( <b>EI</b> ) já tá completamente diferente... a Unicamp...a Unicamp de maneira geral... ela tem... ela tem uma ... uma beleza... física ... uma beleza física que são aqueles que que estudam... vão estudar e vão da todas as fases a/ universidade vão dá todas as fases... quer dizer...vocês tão ai ( <b>EI</b> ) vai vai ... dizer... ENTÃO FULANO.. então fulano falou isso ... então fulano falou aquilo...oh... fulano falou isso ... fulano falou aquilo... ah fulano vai sabê que me/.... que merda é aquilo lá ( <b>EI</b> ) fulano... saiu... se ela fala eu conto pro cês coitada... brincadeira com ela... ela sabe que é brincadeira...	referindo a <b>Irc</b> risos faz gesto de levantar os braços <b>Irc</b> levanta os braços olha pra <b>Irc</b> risos risos	37.
<b>TRECHO 6</b>			
	<b>Tópico discursivo:Logotipo da UNICAMP</b>		38.
<b>Ea</b>	o senhor viu que tem a história do logotipo da Unicamp aí?		39.
<b>AJ</b>	logotipo? conheço o logotipo. ... você conhece o logotipo também?		40.

<b>Ea</b>	aqui ó... o senhor conhece esse símbolo não é? tem até a história dele que eu achei no site da Unicamp.	Mostra o símbolo	41.
<b>AJ</b>	começou o fono/fono... né?		42.
<b>Ea</b>	este é o da fono e outro é da Unicamp... universidade inteira	Mostra o símbolo	43.
<b>AJ</b>	surge aqui... esse...ei... esta lenda que fala sobre ... lenda né?	Pergunta para Irc	44.
<b>Irc</b>	não é lenda... eu acho que é uma história... Por que tem esses círculos assim...	Aponta para a figura	45.
<b>AJ</b>	mais vai só isso ...só ...o círculo acontece em toda a história e toda história vai ....monta um círculo correto?		46.
<b>Irc</b>	a própria Unicamp são vários círculos não é?		47.
<b>AJ</b>	você sabe que a::: a própria a própria		48.
<b>Irc</b>	geografia da Unicamp		49.
<b>AJ</b>	se você vai...ano/ anotar a como é que fala... a::: a... a unicamp se fica se fica per pensando pensando na história... então se você vai pegar pouco na história..a::: a unicamp de maneira geral... ela ela ela traz toda história daquelas daquelas coisas que ela seguia ...que ela pego então ela pega toda história que vai em tempo dessa...	Gesto de "caminho" Faz gesto na mesa	50.
<b>Irc</b>	então qual que é o logotipo, o senhor lembra? uma bola branca dentro das três listras		51.
<b>AJ</b>	estas três listras ... conhece estas três listras?		52.
<b>Irc</b>	não o que são as três listras?não o que que é?		53.
<b>AJ</b>	então a senhora vai aprender o que é as três listras...as três listras...as letras listras são as três dificuldades as três dificuldades...		54.
<b>Irc</b>	faculdades?		55.
<b>AJ</b>	dificuldades ...são as dificuldades para o homem analisar que ele vai plantá pensá pensá pensá e trazer coisas... pra cá ...		56.

	então cê vai cê vai acontece as três listras... é o saber...é o saber o conhecer... conhecer realmente...e::: o::: a técnica a técnica pra se chegar.... então você .. você pega a três listras ....		
<b>Irc</b>	três?		57.
<b>Ea</b>	são treze		58.
<b>AJ</b>	da universidade ...eu to pensando nas três listras... agora ce ta....		59.
<b>Irc</b>	aqui está escrito treze ó...Uma bola branca dentro das treze listras que representa a bandeira paulista.		60.
<b>Ea</b>	vamos pegar na blusa da Aline pra gente vê..Aqui ta falando que tem treze listras		61.
<b>TRECHO 7</b>			
<b>Tópico discursivo: As Faculdades da Unicamp</b>			
<b>AJ</b>	aí na verdade são a::: as faculdades que... que	risos	62.
<b>Ea</b>	representam as faculdades estas listras então? realmente iniciaram pela Unicamp pela universidade		63.
<b>AJ</b>	estas listras representam as faculdades...		64.
<b>Ea</b>	e as bolinhas? eu não sei...o senhor sabe o que são estas três bolinhas elas são vermelhas na verdade aqui elas estão da cor do agasalho...		65.
<b>AJ</b>	as bolinhas são vermelhas mesmo por que elas.... estariam ... estariam re/realmente pra trazer..		66.
<b>Ea</b>	estas bolinhas significam as áreas do conhecimento é as áreas de humanas ... exatas e biológicas.		67.
<b>Irc</b>	aqui oh... ta vendo oh... é uma bolinha branca muito pequenininha? Com treze listras e três bolinhas vermelhas o senhor lembra?	Irc entra na sala com um agenda que contém o logotipo	68.
<b>AJ</b>	recordar estas coisas é fogo viu.... vai busca... vai busca...nos	Enquanto olha o	69.

	<p>conhecimentos nos conhecimentos...no conhecimento da::: de/de prever que ele existe...então a/aqui se você v::::vai descobrir diversas que não tem aqui na universidade aqui na universidade não tem...você vai entender aqui.... por exemplo faculdade de engenharia por exemplo ela começou agora ... a pouco tempo a:::: faculdade de vamos dizer...de a::::fásicos de oh afásico e coisa e tal então tem lá uma parte de afásico (EI)vocês bonito vocês vai ver e tal...é::: e a/aa cada a cada coisa que vai abrindo abrindo... tanto é que você vai parecer pode parecer uma coisa que quando você percebe...hoje quando a professora falou sobre o:::: Pinoti ...sabe porque o Pinoti ele fez aqui na universidade na universidade um afásico... ele começou com afásico ...ele começou com um negocim pequenim pequenim e já ta lá lá... ele começou no afásico lá... então o Pinoti é é fogo... porque o Pinoti ele qué::: vamo dizê ... ele qué ele qué buscar dentro da/da/da universidade dele atrás do conhecimento ... ele vai trazer o pessoal pra isso isso e aquilo outro vai dá o conhecimento... vai dar o conhecimento... lógico... ele não vai ele não vai fazer nem engenharia por que engenharia ele ta lá... né ?</p>	desenho	
<b>Ea</b>	ele acha que tomando conta das universidades ele vai adquirir o conhecimento?		70.
<b>AJ</b>	então... ele pode ter o conhecimento daquela fazem que a universidade não paga...por exemplo a::::: ..... agora ela falou a pouco tempo ai... quando você::: você ... dá um uma a a fásico cê dá pro afásico pro....		71.
<b>Irc</b>	uma aula?		72.
<b>AJ</b>	o afásico sem nada ... pro afasico sem nada quando ela ela começa a ter noção que aquilo lá ...que aquilo que ela qué...tem	Aponta para outra	73.

	que se... tem que ser anotado aquilo lá... por exemplo ... hoje... hoje hoje você pega sssai sai...da de uma afase tá... como diz a professora vou dá:: só conhecimentos pro cês hoje vou conhece todo mundo muito bem i::::sso.....	sala referindo a Irn Irc tosse e levanta os braços Olha para Irc	
<b>Ea</b>	ela lembrou... viu seu A.?	risos	74.
<b>AJ</b>	e:::: coitada... mas... então... cada..... cada..... conhecimento... ooo cê... vai vai aprontando até vai vai encontrar é:::: conceito... alguma coisa que cês que cês vão dà uma coisa que vai dá certo..muita coisa vai dar certo...muito cês faz isso....	Olha para Irc	75.
<b>TRECHO 8</b>			
<b>Tópico discursivo: Unicamp ( idade)</b>			
<b>Irc</b>	e a Unicamp é uma universidade nova né ? é a mais recente que a gente têm.		76.
<b>AJ</b>	se você:::: é:::: tiver permissão... não é ..... a Universidade nova...		77.
<b>Irc</b>	quantos anos a universidade tem?		78.
<b>AJ</b>	a::: universidade tem... na realidade... na realidade ela começou em trinta e cinco..começou em trinta e cinco quando ela começou a mexer com é meu tempo heim? É meu tempo.....		79.
<b>Irc</b>	em trinta e cinco...mas quantos anos o senhor tem?		80.
<b>AJ</b>	não ....(EI)..... já começava...	risos	81.
<b>Irc</b>	e quando é que ela foi fundada o senhor lembra?		82.
<b>AJ</b>	ah... fundada.... ela foi...tss...em noventa::ntos e ....qué vê...trinta e cinco.... trinta e cinco ela...ela andou para... ela andou muitos anos...		83.

<b>Irc-</b>	antes de ser fundada?		84.
<b>AJ</b>	é ... ela andou muitos anos antes de ser realmente fundada... ela tem.... eu .... eu vou vou lembrar o nome dela...		85.
<b>Irc</b>	o ano passado teve a festa... a festa dos quarenta anos... o senhor lembra?		86.
<b>AJ</b>	não ... aqui quarenta anos da universidade né		87.
<b>Irc</b>	e a Unicamp é uma universidade nova né seu A.? é a mais recente que a gente têm.		88.
<b>AJ</b>	se você:::: é:::: tiver permissão... não é a universidade nova...		89.
<b>Irc</b>	quantos anos a universidade tem?		90.
<b>AJ</b>	a::: universidade tem... na realidade... na realidade ela começou em trinta e cinco..começou em trinta e cinco quando ela começou a mexer com é meu tempo heim? É.... meu tempo.....	risos	91.
<b>Irc</b>	em trinta e cinco...mas quantos anos o senhor tem?		92.
<b>AJ</b>	não ....(EI) já começava...	risos	93.
<b>Irc</b>	e quando é que ela foi fundada o senhor lembra?		94.
<b>AJ</b>	ah... fundada.... ela foi....tss...em noventa:::ntos e ....qué vê...trinta e cinco.... trinta e cinco ela...ela andou para... ela andou muitos anos...		95.
<b>Irc</b>	antes de ser fundada?		96.
<b>AJ</b>	é ... ela andou muitos anos antes de ser realmente fundada... ela tem.... eu .... eu vou vou lembrar o nome dela...		97.
<b>Irc</b>	o ano passado teve a festa... a festa dos quarenta anos... o senhor lembra?		98.
<b>AJ</b>	não ... aqui quarenta anos da universidade né		99.
<b>Irc</b>	então da universidade ... é da Unicamp		100.

<b>AJ</b>	da Unicamp .... a Unicamp faz quarenta anos..		101.
<b>Irc</b>	mas é da unicamp que eu estou falando...		102.
<b>AJ</b>	<p>a Unicamp ... ela ela começa... vô te.... dizer ela começa ... o reitor chamado vô chama assim... movimento de reitor... movimento de reitor... lá em mil novecentos e cinquenta e oito por aí... mil novecentos e cinquenta e oito havia mais.... muito mais o:::: movimento aqui do que.... o movimento era (EI) greve... não o movimento era pra fundar uma universidade .... em cinquenta e oito tinha...tinha muita muita gente é:::: mexido em quere a cidade de Campinas como como foco.... de uma de uma faculdade... pa/prá dizer a verdade a você ..aqui em Campinas.... aqui em Campinas em mil novecentos e cinquenta e oito ..era::::vo dize pra você ...na verdade era o fuco... que vinha de São Paulo pra cá... São Paulo pegava todas a::: as coisas que pegava... era geralmente... tinha uns grandes artistas que falavam o.. não... sou eu eu que ssse (EI )</p> <p>então... você tinha tinha grandes médicos aqui grandes médicos aqui ....em mil novecentos e cinquenta e oito foi quando começou a surgir a::: faculdade...a faculdade .... começou aos cinquenta e oito... ela começou com ao básicas ... com as ....eeeu posso dize .... deixo vê... é com o::::os uns apóstolos.... na verdade quem tava surgindo coisa aqui ... sabe... então cê tinha naquele tempo o;;; aquele Bento Correia... Bento Correia que chamava.... Beto bento ... você tinha diversos artistas aqui... e no meio de de São Paulo você não ppodia nada nada pra eles porque:::: ficava.... então vovocê tem queda alguma coisa pra eles surgi...então você vai Bento ....</p>	<p>suspira</p> <p>mostra um lado</p> <p>mostra outro lado</p>	103.

Antes de iniciarmos as análises dos enunciados do Episódio 1, vale ressaltar que todos os dados que temos de AJ em episódios dialógicos referem-se ao gênero narrativo, um dos mais preservados e recorrentes nas afasias, tanto nas sessões do Grupo III do CCA, como também nas sessões individuais.

A estrutura dos enunciados de AJ (no sentido bakhtiniano do termo)<sup>77</sup> é a de *tópico-comentário*, sendo que entre estas duas partes ele entrepõe longos enunciados explicativos, recheados de novos elementos que, por sua vez, contém outras estruturas *tópico-comentário*. Como já dissemos acima, são estas descrições parentéticas que vão dando aos interlocutores a impressão de que ele se perde num emaranhado de temas.

A transcrição dos enunciados de AJ permite visualizar os grandes *blocos monológicos* que constituem os seus enunciados, apesar de estar em uma situação interativa. Buscaremos apontar, ao longo da análise, que a qualidade da interação é fundamental para que se possa “quebrar” esses blocos, o que possibilita que o sujeito reorganize seu discurso.

O **Episódio I** foi dividido, para fins didáticos, em oito “trechos”, de acordo com os tópicos e sub-tópicos que AJ desenvolveu durante a sessão. No início, tínhamos a

---

<sup>77</sup> Julgamos importante transcrever aqui a noção de enunciado, segundo Bakhtin (1929/1977), para esclarecer que não nos referimos a unidades como frase ou oração quando usamos esta noção para falar do discurso de AJ. Para o autor, “A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. (...) As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores. Todo enunciado - desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa do outro). O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mundo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou”. (ibid.:293). Mais adianta, Bakhtin complementa: A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. (...) As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores. Todo enunciado - desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa do outro). O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mundo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou”. (ibid.:293).

impressão de que ele rompia com o tópico discursivo o tempo todo e ia propondo outros, aparentemente sem relação com o principal. Aos poucos, entretanto, percebemos que o que ele fazia era inserir enormes parênteses para explicitar detalhes, geralmente ligados ao tema principal que havia sido proposto.

Essa característica presente de forma recorrente no discurso de AJ é tratada por Preti (1981), no estudo da linguagem dos idosos, como *estruturas parentéticas* que, segundo Goffman (1967, *apud* Preti, 1981), visam, principalmente, a “preservação da face” - conceito que se refere ao fato de que os idosos precisam esclarecer aos seus interlocutores que dominam um determinado assunto, que já viveram determinada experiência, para não serem taxados como incompetentes, incapazes, alienados.

A partir dessa constatação, julgamos que seria mais produtivo primeiramente caracterizar as dificuldades de AJ em relação aos níveis pragmáticos e discursivos, visíveis quando analisamos a macro-estrutura de seus enunciados.

Num segundo momento, passaremos a caracterizar as dificuldades mais relacionadas aos níveis formais do sistema lingüístico.

Sempre que possível, as características observadas nos enunciados de AJ serão relacionadas tanto ao *normal* – e para isso utilizaremos exemplos da linguagem do idoso, extraídos do trabalho de Preti (1981) – quanto aos *sintomas* que na literatura neuropsicológica tradicional caracterizam as afasias fluentes e progressivas.

### **3.5.1. A macro-estrutura dos enunciados de AJ**

Para ilustrar algumas das principais características da linguagem de AJ, remetemos o leitor ao **Trecho 1**, para que possa *experimentalmente* as dificuldades para interpretar seus enunciados:

A primeira impressão é de que se trata de um discurso extremamente desorganizado, repetitivo, caracterizado por circunlóquios e digressões, que serão melhor descritos adiante. Antes de analisarmos questões mais pontuais, como a presença de muitas pausas e

hesitações, repetições, dificuldades de encontrar palavras, produção de parafasias e truncamentos sintáticos, dentre outros, faremos considerações sobre o que chamamos de *macro-estrutura* dos enunciados de AJ e que dão pistas sobre as alterações pragmáticas e discursivas.

Esse tipo de estrutura nos enunciados de AJ vai imprimindo na conversação uma sensação de que ele está desenvolvendo um monólogo. Embora o interlocutor possa perder o interesse pelo que AJ está dizendo, dado o grande número de repetições e pausas e a inserção de parentéticas, o problema maior parece estar na dificuldade em dar acabamentos<sup>78</sup> (Bakhtin, 2001), mesmo que parciais, aos seus enunciados. AJ não abre “brechas” para que seu interlocutor possa entrar no jogo dialógico, mesmo quando há um esforço do ouvinte para interpretá-lo e até mesmo para ajudá-lo.

Embora muitas dessas características sejam também encontradas no discurso normal, geralmente com a função de explicitar detalhes ou reforçar argumentos, há uma diferença fundamental. Em geral, preenchemos nossa fala com marcadores discursivos, ou operadores argumentativos, objetivando alertar nossos interlocutores sobre mudanças de tópicos, sobre exemplos que vamos dar, sobre detalhes *etc* fazendo uso de expressões como *só para esclarecer, pensando bem, um exemplo disso, por falar nisso*, dentre outras tantas possíveis.

Veremos que nos enunciados de AJ isso praticamente não ocorre. Além do fato de AJ não incorporar os enunciados dos seus interlocutores – quando estes encontram um espaço para intervir - ele continua sua fala praticamente do ponto em que havia parado.

Entretanto, apesar da impressão de que a maior parte de seus enunciados estão desorganizados, quando analisamos mais detalhadamente seus dados, podemos perceber que ele procura se manter no tópico discursivo, como nos mostram os seguintes enunciados, destacados do Trecho 1.

- a **UNICAMP** deveu- se muito ao Zeferino Vaz...

---

<sup>78</sup> Segundo Bakhtin, a noção de acabamento é definida em relação à de enunciado, pois cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico, que expressa a **posição do locutor**, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma **posição responsiva**.

- **ele** mexeu nesta nessa **UNICAMP** de tudo quanto é jeito pra trazer...é:::é:::instituto pra: pra cá...
- trouxe o::: e:::ssse e:::sse reitor...esse candidato a reitor ....
- e...**ele** ficou... ele ficou na historia da..da da Zeferino Vaz ...
- quando:::**ele** pegava gente assim... esquecida da:::da..na **UNICAMP**...**ele** trazia gente de valor...

AJ não abandona o tópico proposto “UNICAMP”, mas se atém a um sub-tópico que ele elege como mais relevante: Zeferino Vaz. No episódio I, vemos que ele transita entre oito diferentes sub-tópicos, que seriam: i) quem era Zeferino Vaz , ii) o quê Zeferino Vaz trouxe para a UNICAMP iii) sobre o professor Ubiratan. iv) como era o Zeferino Vaz, v) o empreendedorismo de Zeferino Vaz vi) sobre o logotipo da UNICAMP, vii) sobre as faculdades da UNICAMP viii) sobre “a idade” da UNICAMP.

Dos 102 enunciados (num total de 448 linhas de transcrição) do Episódio I, 37 enunciados são de **Irc** (com aproximadamente 44 linhas), 15 enunciados (com 22 linhas) foram de **Ea** e todos os outros (no total de 382 linhas) referem-se aos enunciados de AJ, demonstrando uma total assimetria na interação<sup>79</sup>.

Isso ocorreu por diversos motivos, dentre os quais já apontamos a dificuldade de encontrar brechas para adentrar os blocos monológicos de AJ. Antes de tratarmos de outras causas para a assimetria na interação com AJ, faremos uma breve reflexão sobre os conceitos desenvolvidos por Grice, com relação às máximas conversacionais, que nos ajudam a compreender algumas das dificuldades pragmáticas e discursivas de AJ.

Grice afirma que o princípio básico que rege a comunicação humana é o *Princípio da Cooperação*, segundo o qual duas ou mais pessoas devem cooperar para que a interlocução transcorra de maneira adequada na interação verbal. Este princípio subsume quatro máximas: 1) *da quantidade*: não se deve dizer nem mais nem menos do que o necessário para o tratamento de um determinado assunto; ii) *da qualidade*: deve-se dizer apenas coisas sobre as quais se tem evidência adequada; iii) *da relevância*: deve-se dizer somente o que seja relevante para o interlocutor e iv) *de modo*: deve haver clareza e concisão no que se diz.

<sup>79</sup> A divisão por enunciados possibilita visualizar melhor os chamados “blocos monológicos”. Entretanto, a diferença no número de linhas dos enunciados permite observar melhor a assimetria entre os interlocutores, com relação ao que Grice concebe como “quantidade” de informações ao longo da produção dos discursos.

Os enunciados de AJ variam muito com relação ao atendimento a essas máximas e seu estado de atenção e motivação para as tarefas, por sua vez, influenciam muito a sua disposição para cooperar ou não<sup>80</sup>.

Com relação à quantidade de informações, vemos nos enunciados de AJ que sempre há um exagero no fornecimento de detalhes, geralmente em estruturas parentéticas. Quando AJ domina o tema, como em muitos trechos do Episódio I, em que vai falar sobre um pouco da história da UNICAMP, parece sempre extrapolar a máxima da quantidade. Isso pode estar relacionado à noção de “preservação da face”, de Goffman (1967), que vimos anteriormente.

Da história da UNICAMP AJ imediatamente destaca um sub-tópico que vai percorrer quase todo o **Episódio 1** – “Zeferino Vaz”. O problema é que ele passa a destacar detalhes sem relevância, não ligados diretamente ao tópico proposto. Essas inserções parentéticas, por sua vez, comprometem a clareza.

As infrações pragmáticas, nos termos de Grice, levam inevitavelmente à falta de cooperação na interação dialógica, principalmente por parte de seus interlocutores. Nas sessões do CCA, por exemplo, é frequente que os outros sujeitos afásicos comecem interações paralelas enquanto AJ fala. Por sua vez, AJ chega muitas vezes a dormir quando os outros sujeitos do grupo desenvolvem outras atividades, como assistir e comentar filmes ou um jogo, quando fazem a leitura do jornal para comentar, enquanto falam sobre o que fizeram durante a semana *etc.*

Fica-se com a sensação, durante o desenvolvimento da narrativa de AJ, de que nada faz sentido ou que o sentido está à deriva. Com relação ao Episódio I, apenas depois de transcrito e muitas vezes retomado, é que se percebe que subjacente ao texto de AJ existe uma certa coerência entre os argumentos, uma volta ao tópico central, descartando-se a hipótese inicial de que a linguagem de AJ seja uma sucessiva produção de digressões. As análises vão mostrar que, na maior parte das vezes, o sentido *não está à deriva*. Perceber isso é fundamental, não só para a análise dos dados – para que se possa descrever melhor a

---

<sup>80</sup> Em episódio recente, em 04/11/2008, conversava-se sobre as eleições nos Estados Unidos e os sujeitos opinavam sobre quem iria vencê-las. Quando indagado sobre sua opinião: E o Sr., quem acha que vai ganhar?, AJ respondeu imediatamente: a Portuguesa, já que esse era normalmente o tópico que abria as discussões do CCA – o campeonato brasileiro.

macro-estrutura de seus enunciados, mas para que se possa intervir adequadamente e pontualmente durante as interações com AJ, seja na clínica fonoaudiológica ou em ambientes sociais, de forma a auxiliá-lo na reorganização de sua linguagem.

Os dados das avaliações metalingüísticas, bem como os relatos de TR e nossas observações da linguagem de AJ em funcionamento, deixam claro que não apenas fatores lingüísticos, mas também fatores cognitivos estão envolvidos e podem estar na base das dificuldades pragmáticas de AJ.

Além desses fatores, que são próprios do tipo de seu tipo de afasia, o Episódio I dá indícios claros de que a *qualidade da interação* com AJ é fundamental para explicar a grande produção de circunlóquios, as freqüentes mudanças de tópico, enfim, ajuda a compreender a assimetria observada naquele diálogo.

Quando não há intervenção alguma por parte de **Ea** e de **Irc**, fatores como clareza, quantidade de informações e relevância, nos enunciados de AJ, ficam muito mais comprometidos. Basta compararmos os trechos 1 e 4, por exemplo, nos quais praticamente só AJ fala, com o trecho 6, que tem uma estrutura do diálogo – no qual há alternância dos sujeitos participantes (nas palavras de Bakhtin, parceiros da comunicação verbal).

O trecho 8, poderia passar perfeitamente como um exemplo de interação em que a afasia praticamente não se mostra, a não ser no enunciado 102 em que há novamente a ocorrência de um bloco monológico. É interessante notar que nos enunciados mais curtos do trecho 6 e do trecho 8 (até enunciado 101) a afasia de AJ, concebida como *fluente* parece tornar-se *disfluente*. Por serem mais curtos, dificuldades no nível da língua são mais facilmente percebidos.

Entretanto, o tipo de interação propicia que ele esteja concentrado e que seja verdadeiramente uma relação dialógica - ele passa a incorporar os enunciados de sua interlocutora, *trabalha* sobre a estrutura da língua, constrói o enunciado junto com seus interlocutores.

O **Trecho 6** do Episódio I, apresenta basicamente o mesmo tipo de interação dialógica do **Trecho 8**. Entretanto, AJ revela mais dificuldades com o tema “logotipo da UNICAMP”, que não é da mesma natureza que os demais - que podem ser descritos pela lembrança de fatos ocorridos, próprios do gênero narrativo. Falar sobre o logotipo demanda

o uso de uma metalinguagem, uma vez que ele teria que dizer o que significam as cores, o formato, cada uma das linhas do símbolo da UNICAMP.

Interessante notar, no **Trecho 6** (enunciados 38 a 40) um raro momento em que AJ faz também uma pergunta ao seu interlocutor: *Logotipo? Conheço o logotipo. Você conhece o logotipo também?* Desta vez, é **Ea** quem não responde à pergunta de AJ e continua mostrando a história do desenvolvimento do logotipo, que tirou do site da UNICAMP<sup>81</sup>. Mais adiante, entretanto, diante da dificuldade de explicar o que seriam as listras, ele mesmo pergunta à Irc: *conhece as três listras?* Como ela diz que não, ele continua: *então a senhora vai aprender o que é as três listras...as três listras...as letras listras. são as três dificuldades as três dificuldades.* Não fica claro se ele está se referindo às treze listras ou às três bolinhas vermelhas do logotipo que se referem às três áreas de saber: Ciências Exatas, Biológicas e Humanas.

Questionamos se os enunciados de AJ estariam, de alguma forma, se remetendo às três áreas de saber: humanas, biológicas e exatas, quando ele afirma que representariam as *dificuldades ...são as dificuldades para o homem analisar que ele vai plantá pensá, pensá pensá e trazer coisas... pra cá ... então cê vai cê vai acontece as três listras... é o saber...é o saber o conhecer... conhecer realmente...e::: o::: a técnica a técnica pra se...*

Vemos, portanto, que em um único episódio dialógico é possível encontrar as marcas de instabilidade do quadro de AJ – a normalidade, a afasia e momentos em que as alterações cognitivas como falhas de memória, baixa atenção, anosognosia se sobressaem, lembrando um quadro demencial.



<sup>81</sup> Idealizado pelo professor Zeferino Vaz e criado pelo artista plástico Max Schiefer e pelo arquiteto João Carlos Bross, na década de 1970, o logotipo da Unicamp foi desenhado a partir do Plano Diretor da universidade. O significado é o conhecimento numa forma amorfa e sem contorno. A bola branca, dentro das **13 listras que representam a bandeira paulista**, é o símbolo da unidade, grande ponto de encontro de pessoal e principalmente do **conhecimento humano, simbolizado pelas três circunferências vermelhas: Ciências, Exatas e Humanidades**. Atuando em conjunto, essas três áreas do conhecimento irradiam-se para a coletividade, cumprindo as três funções da Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. (Arquivo Central do Siarq - Fundo Zeferino Vaz) Fonte: <http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/logotipo>.

A seguir, buscaremos analisar algumas categorias até aqui comentadas, relacionadas à macro-estrutura dos enunciados de AJ, com destaque para os fenômenos sobre as estruturas parentéticas, a produção de circunlóquios e digressões.

### **3.5.2. O desenvolvimento dos tópicos na linguagem dos idosos e a inserção de parentéticas**

O tópico discursivo pode ser caracterizado como “um determinado assunto para o qual os interlocutores dirigem sua atenção”. Koch (2003) afirma que os limites de cada tópico podem ser percebidos não só pelo conteúdo, mas por um conjunto de marcas formais como a presença, no início de uma unidade, de elementos como: *bom, bem, então, agora, daí* etc e, ao final, de uma unidade de pausas mais prolongadas, de frases conclusivas como: *você não acha?, enfim, “é a minha opinião,* além de marcadores conversacionais como: *viu?, certo?, percebe? etc.* Certos gestos e movimentos corporais também podem funcionar como marcadores de finalização dos tópicos. Segundo Marcuschi (1986 *apud* Preti, 1991, p.33), estas marcas têm como função relacionar os tópicos. Durante o discurso de um sujeito fluente, afirma o autor: *a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade, mas é muito comum que a passagem de um tópico a outro seja marcada.”*

Segundo Preti (1991), o idoso nem sempre faz uso deste tipo de marcadores, sendo que alguns tópicos são nomeados apenas de passagem e nem sempre são desenvolvidos, o que exige do interlocutor maior grau de atenção e maior compreensão do contexto em que se situa a fala. Além disso, existe a inserção de segmentos parentéticos que muitas vezes incluem novos tópicos, nem sempre desenvolvidos e, às vezes, sem relação com o tópico central. O autor sugere que o estudo da “topicalização” pode ajudar a compreender a forma como o passado e o presente se inter-relacionam no discurso do idoso.

As constantes remissivas ao passado (“No meu tempo...”) podem ser entendidas mais como uma estratégia da estrutura dos tópicos do que como um mero recurso repetitivo, característico do que costuma ser referido como “conversa de velhos”. Segundo o autor, o estudo da topicalidade busca compreender como os tópicos são estruturados na conversação e, citando Maynard (1930), afirma que:

Topicalidade não é apenas uma questão de conteúdo, mas um fenômeno parcialmente constituído pelos procedimentos que os falantes utilizam para demonstrar compreensão e conseguir o ajuste adequado de seu turno com um anterior. (Preti, 1991, p.78)

A topicalidade define como os interlocutores interagem para manter a unidade da conversação, como se entrosam na organização, como processam a seleção e desenvolvem a estrutura tópica, como introduzem, mantêm, juntam e abandonam os tópicos.

Muitas vezes, as dificuldades de memória e a necessidade de traduzir e esclarecer o significado de expressões e conceitos desconhecidos para interlocutores mais jovens, podem levar à inserção de estruturas parentéticas<sup>82</sup>. Como veremos adiante, tais estruturas podem configurar-se como circunlóquios ou como digressões. Em princípio, são fenômenos que ocorrem também nos discursos de falantes mais jovens.

O dado 8 (outro trecho do Dado Ponte Preta) revela muitas estruturas parentéticas, que foram sublinhadas para facilitar a visualização. Neste caso, diríamos que elas são necessárias para o desenvolvimento do tema, afinal queríamos saber em que momento ele

---

<sup>82</sup> A título de exemplo, transcrevemos um dado relatado por Preti que ilustra a inserção de parentéticas no discurso do idoso. Neste caso, o falante tem necessidade de esclarecer o significado do vocábulo “macambé”, o que gerou uma ruptura completa do tema principal (as limitações impostas ao comportamento das moças na sociedade antiga, em especial às normalistas), gerando um novo tópico: “a polícia da época”. Há três estruturas parentéticas, uma dentro da outra: uma que está em **negrito**; dentro da qual há outra, marcada com o trecho sublinhado e, finalmente a terceira, em *itálico e sublinhado*, que interrompe a segunda. A primeira parentética (“**naquele tempo nós chamávamos de macambÊ... macambé era um s\ era um...**”), é interrompida por uma segunda parentética (... “nós dizíamos que ::...ah s\ s\ Portugal exportava para o Brasil duas coisa...bacalhau... e macambé..”), e ainda ... guarda- cívica não é guarda civil.

**L1** (aliás a ::... a escola a) os diretores (que) ficá/fiscalizavam o :: diretor inspetor... para que ali não houvesse::... as moças saís/saíssem direitinho sem que houvesse nada... e de vez em quando mandava alguns pro\ alguma pra\ algum soldado pra espantar o coió((buzinas e barulho de transito)) que o coió estava um bocadinho...( mais) ((buzina))... mais expansivo lá vinha algum... **naquele tempo nós chamávamos de macambÊ... macambé era um s\ era um nós dizíamos que ::...ah s\ s\ Portugal exportava para o Brasil duas coisa...bacalhau... e macambé... macambé era a guarda - cívica... guarda- cívica não é guarda civil..**

**.guarda- cívica ::... era um batalhão ... mandante com a força pública...**

**Doc.** Unh uhn

**L1** mas:: ele (ele é) o:: serviço dele era::...vigilância nas ruas( e certos serviços)... praticamente... era uma policia de vigilância ...que tinha outra policia que era uma policia só...a policia militar... então o guarda cívico quase todos eles era/eram eram::...eram :: portugueses...QUase Todos eram portugueses... raro o brasileiro...depois então foi suprimida a guarda cívica... e o Washington criou a: ... guarda-civil... essa guarda civil que existiu (...).

tinha começado a torcer pela Ponte Preta e ele fez isso se referindo à mudança de São Paulo para Campinas:

### Dado 8<sup>83</sup> (Ponte Preta):

Sigla	TRANSCRIÇÃO	Obs:	
AJ	não...nã::o/ na verdade eu eu vim conhecer a ponte preta em seten::ta e quatro por ai...porque eu estava...eu estava no/ em São Paulo e::: eu não tinha razão para a ponte preta nem nada/ na..		14
Ea	nem conhecia a ponte preta??		15
AJ	conhecia/não conhecia... na verdade não conhecia ponte preta mesmo/só fui conhecer aqui através de uns amigos ...		16
Irn	convenceram o sr...pra que time o sr torcia antes de conhecer a ponte preta? ou não torcia pra time nenhum?		17
AJ	na verdade...não...não torcia pra nenhum time aqui não... aqui é ::: difícil é:::a minha o meu valor era era ... <u>eu tinha uma uma razão muito grande pelo São Paulo. São Paulo eu tinha muito muito amigo. Tinha muitos amigos, inclusive era diretor da...da...da São Paulo...e:::</u> quando eu vim pra Campinas eu não... uma obra sei lá...Eu fui tesoureiro da Ponte Preta,fui primeiro tesoureiro...		18

Após dizer que só conheceu a Ponte Preta em 1974, faz uma parentética para explicar que torcia para o São Paulo e não conhecia a Ponte: *ai...porque eu estava...eu estava no/ em São Paulo e::: eu não tinha razão para a ponte preta nem nada/ na..*, então faz outra parentética (para explicar que tinha uma grande *razão* (*paixão*, talvez) para o São Paulo: *eu tinha uma uma razão muito grande pelo São Paulo. São Paulo eu tinha muito muito amigo. Tinha muitos amigos, inclusive era diretor da...da...da São Paulo...e:::*

AJ volta ao tópico “Ponte Preta” quando diz: (...) *quando eu vim pra Campinas eu não... uma obra sei lá...Eu fui tesoureiro da Ponte Preta, fui primeiro tesoureiro..*

A ocorrência de estruturas parentéticas no discurso, se muito longas, pode gerar rupturas ou desvios no tópico discursivo. Dependendo da sua organização sintática, tal estrutura pode ser concebida como um circunlóquio. Nem toda inserção parentética é um circunlóquio. Inserções pontuais são feitas a todo o momento, no discurso normal.

<sup>83</sup> O Dado 8 é um recorte do” Dado Ponte Preta “ pode ser visto na integra no ANEXO V.

### 3.5.3. O circunlóquio

Embora o circunlóquio geralmente seja citado como uma alteração de linguagem ao nível do discurso, presente especialmente nas afasias posteriores, não há praticamente referências ao termo na literatura especializada em Linguística<sup>84</sup>. A compreensão do termo parece ser mais intuitiva do que respaldada pelas descrições lingüísticas.

Não raramente, o fenômeno do circunlóquio é associado à produção de perífrases, como na definição do dicionário King Host: “Maneira de falar na qual se exprime um pensamento de modo indireto e impreciso; perífrase, rodeio”. No mesmo dicionário, a definição de “perífrase” é: “emprego de muitas palavras para exprimir o que poderia ser dito concisamente”. Em outro dicionário, “circunlóquio” é definido como uma “estratégia de substituição, para suprir a falta dos nomes por outras palavras, rodeando o assunto através do uso de um número exagerado de palavras que, na maioria das vezes, torna muito difícil a compreensão do que é dito” (Leal, G).

O circunlóquio aparece principalmente em situações em que, tendo pouco domínio do assunto, o sujeito precisa de um tempo maior para elaborar seu enunciado. Trata-se de uma estratégia para driblar situações embaraçosas ou das quais o sujeito não tenha completo domínio. Vimos, no **Trecho 6**, acima, que AJ usa essa estratégia para *desconversar*, quando não consegue explicar o logotipo da UNICAMP: Provavelmente AJ sabe do que se trata, mas não consegue selecionar as palavras necessárias.

O circunlóquio geralmente aparece, como dito acima, como item semiológico associado aos quadros de afasias posteriores e declínios cognitivos. Entretanto, o processo lingüístico-cognitivo que gera o circunlóquio parece ser o mesmo na normalidade.

Talvez se possa dizer que nas patologias, em relação a estes fenômenos (circunlóquio e inserção de parentéticas) estejam nas fronteiras entre as alterações lingüísticas e as cognitivas. Dificuldades de memória (como localizar um evento no tempo e no espaço, lembrar os nomes das pessoas e lugares envolvidos na narrativa, lembrar do

---

<sup>84</sup> Consultamos, a esse respeito, Charaudeau & Maingueneau (2004), Dubois et al. (1973), Trask (2004).

desenvolvimento cronológico dos fatos *etc*), também podem fazer com que o sujeito não consiga avançar no desenvolvimento do tópico.

Os dados mostram que, à medida que AJ vai se *lembrando* de informações relacionadas à narrativa, retoma enunciados anteriores ou tópicos anteriores – sem avisar seu interlocutor, repete parte do que já tinha sido dito e insere ou re-insere novos subtópicos. Vejamos outro episódio onde isso se dá :

### **Dado 9<sup>85</sup> ( Ponte Preta):**

**AJ:** a:: Ponte Preta é: ...da gente... é...praticamente uma:: uma visão bem ortodoxa daqui...daquela:: da;; que temos hoje dentro da Ponte Preta. na verdade, é... existe...na ..gente... uma ...preocupação de querer fazer a Ponte Preta virá... as coisas..bem... (...) eu trabalhei um pouco na Ponte Preta porque eu fui tesoureiro da Ponte Preta há um tempo... e .. tesoureiro da Ponte Preta e tinha...a gente... alguma atividade.. a:: gente tinha...eu fui primeiro tesoureiro dentro da Ponte Preta e tinha..que:: sabe... é:: tinha uns cruzeiros, os cruzeiros...

O trecho acima nos parece um bom exemplo de circunlóquio. Há poucas afirmações categóricas sobre a Ponte Preta ou sobre seu trabalho na Ponte Preta. Há também uma desorganização sintática: *eu trabalhei um pouco na Ponte Preta porque eu fui tesoureiro da Ponte Preta há um tempo... e .. tesoureiro da Ponte Preta e tinha...a gente... alguma atividade.. a:: gente tinha...eu fui primeiro tesoureiro dentro da Ponte Preta e tinha..que:: sabe...*

Outro fenômeno que observamos nos dados de AJ, relacionado à produção de circunlóquios é a digressão, que veremos a seguir.

### **3.5.4. O fenômeno da digressão**

De forma similar ao circunlóquio, a digressão pode ser caracterizada pela presença no discurso de estruturas parentéticas que geram uma ruptura ou um desvio no tópico discursivo.

---

<sup>85</sup> Este enunciado refere-se a um recorte do “Dado Ponte Preta” transcrito na íntegra no Anexo V.

Segundo Preti (1991,p.39), “muitas vezes um simples esclarecimento veiculado num segmento parentético é suficiente para um desvio total do tópico central que não é mais retomado”, o que acena para a introdução de novos sub-tópicos<sup>86</sup>. O autor chama a atenção para o fato de que, embora se tenha a impressão de que o discurso pareça desorganizado, “o entendimento de sua estrutura tópica depende de um ouvinte atento e com boa compreensão do contexto, uma vez que nem todos os tópicos são desenvolvidos”.

No **Trecho 4 do Episódio 1**, enunciado 25, podemos também observar a inserção de muitas estruturas parentéticas que remetem a novos tópicos, sendo o primeiro deles abandonado. Por exemplo: AJ, ao relatar equivocadamente que Zeferino Vaz era biólogo<sup>87</sup>, insere um subtópico: “a biologia”, e passa a explicar ao interlocutor como era chamado o instituto de biologia na época: (...) *fica /tem... é um elefante branco ...* ; depois insere outra parentética para explicar que o nome “elefante branco” refere-se ao prédio branco e grande: *a ... a::: biologia é ba/ é branco ta::: do::: a::: aquele negócio branco... é tudo a biologia, né*. Nesses momentos é mais se verificam as dificuldades de AJ – tanto de natureza pragmática e discursiva, com a quebra das máximas conversacionais – quanto dificuldades mais relacionadas à organização do sistema lingüístico.

Fechando este tópico, julgamos ser interessante aqui “abrir parênteses” para comentar que talvez a expressão “elefante branco” tenha circulado nos discursos sobre a construção do prédio da biologia, na época. Este exemplo mostra como a memória não é um simples retrato acabado, mecanicamente armazenado. A esse respeito, Bosi (2007), citando Helbwachs (1925), afirma que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir,

---

<sup>86</sup> Um outro dado extraído do Projeto NURC pode ilustrar o fato de que a digressão também é recorrente no discurso do idoso normal. O falante vinha se referindo ao problema do desmatamento de regiões próximas de São Paulo, durante a Segunda Guerra Mundial, para produzir gasogênio.

L1- mudou completamente o clima de São Paulo...e os hábitos também mudaram por que houve então...o que aconteceu... houve a::: ...inVASÃO::: de São Paulo...(por)...por por pessoas :: ... não só de fora... principalmente de fora... cresceu muito depois da guerra...imigração...e::: .... e do Norte sobretudo do Norte...então aí mudou mudaram-se os hábitos mudou...aquela::: ... eu, por exemplo quando ia à cidade... mo:::co e mesmo depois de casado mesmo depois de ter filhos da -- aliás meu filho até está/... sempre deu/...ch/eh ch/ch/me chamava a atenção nisso --...mesmo quando eu vinha do interior depois de ter morado no interior eu atravessava a cidade... “ T. como vai?... .. “ T. como vai?... como vai os B. como vai?... no centro da cidade a gente encontrava ce/cenTEnas de ::: ... Todo mundo se conhecia... até mil nó/até mil novecentos e quarenta todo mundo se conhecia em São Paulo

<sup>87</sup> Zeferino Vaz era médico.

repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”. Smoka (2000, *apud* Beilke, 2007,p. 68.), ao tratar da relação entre linguagem e memória, afirma que:

[...] o discurso constitui lembranças e esquecimentos, que ele organiza e mesmo institui recordações, que (n)ele se torna um lócus da recordação partilhada – ao mesmo tempo para si e para o outro – lócus, portanto, das esferas pública e privada. Sob os mais diversos pontos de vista, a linguagem é vista como o processo mais fundamental na socialização da memória [...] Assim, a linguagem não é apenas instrumental na (re) construção das lembranças; ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história.

### **3.5.5. Presença constante do passado na categoria “tempo”**

Antes de passarmos às análises das dificuldades de AJ que estão mais relacionadas ao sistema da língua, inserimos este tópico relativo à categoria “tempo”, que é marca constante no discurso do idoso e também de forma muito marcante na linguagem de AJ.

O idoso, segundo Preti (1991), tende a construir boa parte do seu discurso no tempo “passado”, do qual tem pleno domínio da memória, uma vez que os fatos antigos são mais facilmente acessados do que os fatos mais recentes. Esta afirmação de Preti está de acordo com as recentes teorias neuropsicológicas sobre o envelhecimento.

Segundo Bosi (2007), há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade e resta-lhe apenas a função de lembrar, de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Apoiando-se nos estudos de Halbwachs (1925), afirma que o adulto ativo não se ocupa longamente com o passado, mas quando o faz, é como se fosse um sonho, por lazer e contemplação. Entretanto, para o velho, ao lembrar do passado, ele está “se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida<sup>88</sup>”.

---

<sup>88</sup> Bosi relata que em tribos primitivas os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo do que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores, ao longo de conversações com outros velhos e para ensiná-las aos jovens. A autora lança uma pergunta, cuja resposta pode explicar o estilo do discurso do idoso: Como, então, os homens idosos não se

Estas questões podem ser sintetizadas no trecho a seguir, de Halbwachs:

O velho não se contenta, em geral, de aguardar que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsiva seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado, bem mais do que o adulto... (Halbwachs,1925, *apud* Bosi, 2007,p.60)

Segundo Preti (1991,p.56) “a rememoração do passado faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de informações como datas, lugares, menção a objetos, valores monetários, pessoas, instituições, acontecimentos públicos situados no passado”. A expressão “*no nosso tempo*” é muito recorrente para se referir ao tempo de sua juventude; cita locais (ruas, estabelecimentos comerciais etc) que muitas vezes já não existem mais. Nos dados de AJ, vemos que ele ainda frequentemente recorre às datas: *vim conhecer a Ponte Preta em seten::ta e quatro por ai...*; usa valores monetários do passado como : *tinha uns cruzeiros, os cruzeiros...* Vejamos os dados:

As marcas lexicais presentes no discurso do sujeito idoso têm sempre um ponto de referência no passado, valorizando-o em relação ao tempo presente. Além disso, neste tipo de discurso, fica subentendido o desejo do sujeito idoso de ser valorizado pelo tempo vivido, pela sua experiência em relação aos mais jovens. Isso não foi apagado em AJ e por isso defendemos que, apesar de todos os impactos sofridos por seu cérebro e da presença de tantas alterações lingüísticas e cognitivas, ele continua se constituindo como sujeito social e da linguagem.

As questões abordadas no início deste capítulo sobre preconceito social e lingüístico estão intimamente relacionadas com a discussão feita neste tópico. Segundo Preti (*ibidem*), a segregação do idoso é resultado do que assistimos no cenário atual, diante das transformações sociais. O idoso não tem mais função na vida dos grandes centros, passa a ser aceito como um novo comportamento, apenas tolerado pela família e pela sociedade;

---

interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?

segregado a ponto de não conseguir mais definir um papel social que lhe permita preservar a própria imagem social. Segundo o autor, este fenômeno tem suas conseqüências na comunicação lingüística dos idosos, com marcas específicas ao nível prosódico, lexical, sintático e, principalmente, discursivo ou conversacional.

O discurso de AJ, como discutido acima, tem muitas das características próprias da linguagem normal e particularmente da linguagem do idoso, além das que são decorrentes das alterações lingüísticas e cognitivas de sua afasia. Até aqui tratamos da macro-estrutura de seus enunciados, que dão visibilidade às alterações pragmáticas e discursivas. A partir deste momento, nos deteremos na análise de alguns fenômenos relativos ao sistema formal da língua.

## **3.6. Alterações no sistema lingüístico**

### **3.6.1. Alterações sintáticas: a presença de anacolutos**

Preti (1991) aponta para o fato da fala do idoso ser recheada de anacolutos, que segundo o autor estão relacionados à lentidão em processar a informação, em termos lingüísticos, e da insegurança manifestada nas auto-correções, agravadas pelos lapsos de memória característicos da idade e ainda mais nos casos de afasias.

O anacoluto é descrito como “uma ruptura na construção de uma frase; é formado de duas partes de frase que são sintaticamente corretas, mas cuja seqüência forma uma frase complexa, do ponto de vista sintático, anormal ou divergente (Dubois, J. *et al*, 1973, p.43). A presença de truncamentos, auto-correções, hesitações constituem o chamado “anacoluto”,

Dentre os inúmeros exemplos encontrados nos dados de AJ, citamos:

- a::: a UNICAMP **deveu-se muito** ao Zeferino Vaz...ao Zeferino Vaz...  
que:::ele mexeu nesta nessa UNICAMP de tudo quanto é jeito pra  
trazer...é:::é:::instituto pra: pra cá..

➤ *quando eu vim pra Campinas eu não... uma obra sei lá...Eu fui tesoureiro da Ponte Preta, fui primeiro tesoureiro” e porque eu estava...eu estava no/ em São Paulo e::: eu não tinha razão para a ponte preta nem nada/ na.*

Preti (ibidem, p.33) afirma que “a descontinuidade é um fenômeno absolutamente normal na linguagem oral, nos falante de qualquer faixa etária”. Este fato pode ser justificado pelas características da interação face a face, que não permite um maior tempo de planejamento, ao contrário da linguagem escrita.

Koch descreve as características próprias das interações face a face:

i) é relativamente não planejável de antemão, o que decorre, justamente, de sua natureza altamente interacional; assim, ela é localmente planejada, isto é, planejada ou replanejada a cada novo “lance” do jogo; ii) o texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “por a nu” o próprio processo de construção; iii) o fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, devidas a uma série de fatores de ordem cognitivo-interativa e que têm, portanto, justificativas pragmáticas;iv) O texto falado apresenta assim, uma sintaxe característica, sem deixar de ter, como fundo, a sintaxe geral da língua. (Koch, 2003, p.78)

Citando Marcuschi (1986), Koch afirma que o locutor não é o único responsável pela produção de seu discurso; trata-se de uma atividade de co-produção discursiva. Para garantir a compreensão de seus enunciados pelo interlocutor, as pressões de ordem pragmática sobrepõem-se às exigências da sintaxe. Em suas palavras:

os interlocutores põe em prática uma série de “estratégias conversacionais”, semelhantes, de certo modo, às máximas de Grice, dentre as quais podemos mencionar: i)se perceber que o parceiro já compreendeu o que você pretendia lhe comunicar, a continuação de sua fala, na maioria das vezes se torna desnecessária;ii)logo que perceber que o ouvinte não está entendendo, suspenda o fluxo da informação, repita, mude o planejamento ou introduza uma explicação;iii) ao perceber que formulou algo de maneira inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na seqüência.(Koch, 2003,p.79)

O que ocorre com o idoso<sup>89</sup> é que as descontinuidades do discurso tornam-se fortemente marcadas. No caso do sujeito AJ, estas características se tornam ainda mais recorrentes, distanciando-se do conceito de “média típica” proposto por Canguilhem (1995), agravadas ainda pelo fato de que as dificuldades pragmáticas e discursivas que têm não lhe permitem que perceba as reações de estranheza frente aos enunciados que produz.

### 3.6.2. Dificuldades para *encontrar* ou para *selecionar* as palavras

Além das dificuldades com os nomes próprios, o fenômeno que mais se observa nos dados de AJ é a dificuldade de encontrar palavras, o que pode estar associado tanto às alterações de memória, em alguns casos, como às dificuldades de seleção, de natureza, portanto lingüística.

Já nos referimos, no capítulo anterior, quando tratamos da aplicação do Teste de Nomeação, às explicações que Luria (1986) dá a esses fenômenos.

Inúmeros exemplos poderiam ser extraídos dos dados de AJ para ilustrar essas dificuldades. Destacamos, a seguir, alguns enunciados em que se revelam: Primeiramente, destacamos algumas dificuldades com nomes próprios:

- (...) trouxe o::: e:::ssse e:::sse reitor...esse candidato a reitor que...
- (...)era...era...o:::POXA VIDA...eu..eu conheço bem o nome dele mas agora me esqueci...
- (...)veio o veio o::: o acadêmico... que... era ...o:::Zeferino v::: o:::esse ban esse bandido
- (...) ai... que...era era o::: a:a: era bacan... bacana (EI) do Vaz...
- (...) ele trouxe... esse que...foi candidato a reitor aqui...e ::: que não deu certo pra ele porque... ele não deu certo...era...
- (...) reitor....o:::ele foi foi reitor também....ele foi candidato a reitor também e:::

AJ muito provavelmente queria se referir, no próximo exemplo (enunciado 65 do ANEXO I), ao *Mestrado*, pois estava conversando com a pesquisadora (autora desta dissertação), dizendo que não podia dar aula na universidade porque não tinha Pós-Graduação. Entretanto, ele encontrou uma

---

<sup>89</sup> Exemplos da desestruturação sintática no discurso de L1 (Preti, 1991), são os enunciados “ (aliás a ::... a escola a) os diretores (que) ficá/fiscalizavam o :: diretor inspetor” e “o coió estava um bocadinho...( mais)... mais expansivo lá vinha algum”.

saída pragmaticamente adequada e bem-sucedida para driblar sua dificuldade de encontrar a palavra:

- (...) *primeiro porque eu eu não não tinha **aquilo que você ta fazendo** cê ta fazendo... (...) agora em diante vocês vão mexer ... e vai traze a::: ((suspira)) então vai trazer coisas...*

O uso de expressões indefinidas – principalmente de *aquilo* - no discurso de AJ é muito recorrente, em função das suas dificuldades de nomear. Dentre os inúmeros verificados no Episódio I (ANEXO I), destacamos:

- **aquilo** que não tem na universidade vai ter agora... (enunciado 122)
- vão saber **aquilo** que entrou **aquilo** que faltou **aquilo** que (enunciado 169)
- função do que ele vai ser ...em função **daquilo** que está (enunciado 183)
- aluno... **aquilo** que tá errado... ta errado... ta errado por (enunciado 188)
- né? Ponte Preta ele vai lê vê **aquilo** que os médicos (enunciado 252)

Aparentemente, nos trechos seguintes, AJ pretende se referir ao mesmo assunto ou objeto (entre enunciado 123 e 136 do ANEXO I), mas não conseguimos determinar o referente de seus enunciados:

- (...) na universidade, então você vai ter... vai haver hoje... quem mexe com... quem mexe (linha 84)
- (...) em muita muita coisa pra mexe sabe...vai ter muita coisa.... muita coisa pra vocês que vão vão caminhar... vão ser...ser...

Por meio destes exemplos podemos observar as dificuldades de AJ para encontrar palavras, principalmente nomes próprios para referenciar as pessoas sobre **quem** está falando ou sobre **o quê** (outros objetos de discurso, temas ou tópicos discursivos). Em consequência das dificuldades de AJ para nomear, os enunciados são marcados pela presença de repetições, hesitações e prolongamentos que evidenciam operações epilingüísticas<sup>90</sup> em curso.

---

<sup>90</sup> Geraldi (1997) caracteriza as atividades epilingüísticas como atividades que independente da consciência suspendem o tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos em uso. Manifestam-se, segundo o autor, nas negociações de sentido, nas hesitações, auto-correções, pausas longas, repetições, reelaborações etc. Coudry & Morato (1988) afirmam que tais manifestações ocorrem “no momento em que nos auto-corrigimos, tentamos reinterpretar a fala do outro, cometemos atos falhos,

Sendo assim, podemos concluir que a presença abundante de repetições, hesitações e prolongamentos observados nos dados de AJ parece ser decorrente da necessidade de solucionar as dificuldades de seleção e revelam a presença de atividades epilingüísticas, quando é possível perceber o sujeito AJ refletindo e operando sobre a língua.

Essas marcas – hesitações, pausas, repetições *etc* - como mostra Scarpa (1995), são constitutivas da fluência e do normal. Poderíamos arriscar dizer, no caso de AJ, que as dificuldades para encontrar palavras ocorrem numa frequência acima do que seria normal para um indivíduo com a idade e a escolaridade de AJ.

Canguilhem afirma que a relação entre o normal e o patológico pode ser avaliada em relação a uma variação quantitativa de um sujeito em relação a ele mesmo e isso pode ser observado nos dados do estudo longitudinal de AJ. Ou seja, não são as hesitações e repetições em si ou mesmo as dificuldades para nomear que caracterizam o limite entre o normal e o patológico.

Vimos, quando aplicamos o Teste de Nomeação de Boston e o Teste de Reconhecimento de Rostos Famosos (Capítulo 2), que muitas vezes ocorreu um *delay* no processo de acesso lexical ou de escolha lexical, o que comprova que as palavras não foram simplesmente *apagadas de um léxico mental*. Se o sujeito as tivesse *perdido*, não conseguiria dizê-las mais tarde, ainda durante a aplicação do teste, nem em situações dialógicas. As dificuldades evidenciadas nas avaliações metalingüísticas evidenciam que o tempo necessário para AJ selecionar a palavra necessária, dentre um enorme leque de possibilidades, é maior do que para os não-afásicos.

Nas situações interativas, pelas características próprias da interação face-a-face, como vimos acima e também pelo tipo de afasia de AJ – fluente, associada aos momentos de anosognosia, presença de lapsos de memória, dentre outros – ou o sujeito substitui as palavras desejadas por outras, produzindo parafasias de diversas naturezas ou tenta ganhar tempo por meio de repetições, pausas, hesitações, uso de expressões estereotipadas (na verdade... na verdade) *etc*. Apesar de ser uma afasia fluente, a dificuldade de encontrar ou

---

hesitamos, subentendemos, retomamos de outra maneira o que havia nos dito *etc*.” e revelam que as operações epilingüísticas traduzem o momento da ação reguladora da linguagem.

selecionar a palavra desejada trunca o discurso de AJ, levando à produção de anacolutos, circunlóquios, digressões, pausas, hesitações etc.

Isso mostra como todos os fenômenos estão intrinsecamente relacionados. Nenhum *sintoma* é isolado nas afasias ou nos quadros demenciais, o que nos ajuda a compreender a dificuldade de se encaixar os sujeitos e suas afasias em categorias estanques – afasia ou demência, fluente ou disfluente, de produção ou de compreensão etc. Todos os fenômenos estão presentes em praticamente todas as formas de afasia. As afasias são, em muitos casos, descritas como *sintomas* de demências. A dificuldade em se isolar os sintomas e determinar a qual categoria ele pertence deve-se, justamente ao fato de ser a linguagem um sistema funcional complexo, por sua vez constituinte de um sistema funcional mais geral.

### **3.6.3. Aumento das pausas, hesitações repetições e alongamento de vogais**

Scarpa (1995), a partir da análise de textos orais, afirma que a fluência é uma abstração metodológica, que existe somente em textos orais decorados e ensaiados, ou durante a produção de enunciados familiares, cristalizados e automatizados. Ressalta que os mesmos processos psicolinguísticos que geram a fluência geram a hesitação. Citando Koch & Perez (1992) salienta que as hesitações, pausas e repetições são constitutivos da fala e podem ser considerados como estratégias de que o falante lança mão na construção do discurso.

Segundo Preti (1991), a busca de um novo papel social e de padrões de comportamentos de maior prestígio torna o idoso inseguro, temeroso em cometer erros que infrinjam os modelos aceitos pelos jovens, resultando em atitudes de auto-desvalorização o “que constitui um dos estereótipos mais marcantes da própria velhice”. Com relação à linguagem, o autor - citando Helfrich - afirma que no idoso “as pausas tendem a aumentar, enquanto o tempo de articulação tende a decrescer” indicando que “na velhice, não só os aspectos motores, mas também os cognitivos do comportamento falado tornam-se enfraquecidos” (HELFRICH 1979, p.87 *apud* PRETI 19991, p. 27). Estes aspectos trazem marcas linguísticas próprias da linguagem dos idosos e foram descritas por Preti como:

O excesso de pausas e sua presença em locais absolutamente inesperados do discurso; repetições; abandono de segmentos; maior desorganização sintática; sobreposições de vozes; disfluência; assaltos e entregas de turno etc. passam a compor um quadro absolutamente normal, dentro do qual a linguagem dos idosos apresenta marcas específicas que podem ser vislumbrados nos campos prosódico, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional. (PRETI, 1991:16)

Além disso, o autor nos adverte que “as marcas lingüísticas próprias da linguagem dos idosos podem ser de várias naturezas: prosódicas, sintáticas, lexicais e discursivas”. Em função dos problemas de memória pode haver também uma desorganização no arranjo dos tópicos e subtópicos, que se sobrepõem. Estas “marcas lingüísticas” podem estar presentes também na linguagem dos falantes mais jovens e dos sujeitos afásicos. No caso dos afásicos, entretanto, estas características são concebidas como *sintomas*. Segundo Novaes-Pinto (2008), “o que se percebe é que quando o papel social do idoso se altera com a perda do *status* social em um determinado momento de sua vida, características de sua linguagem passam a ser também recusadas ou tidas até como *sintomas* de uma patologia” (Novaes-Pinto 2008, p.08).

As hesitações e pausas na produção de textos orais, embora sejam geralmente consideradas na literatura como sendo *problemáticas*, podem ser caracterizadas como uma ruptura momentânea do discurso, resultante de dificuldades no processamento ou na verbalização da informação. São processos que fazem parte das características do discurso oral, uma vez que este é produzido “online”, na interação face-a-face (Koch, 2003).

Marcuschi (1999, *apud* Merlo, 2008) sugere que a hesitação pode desempenhar três papéis: um papel mais formal, relacionado à construção de estruturas sintáticas e à seleção lexical; um papel cognitivo, relativo ao planejamento textual e à organização do tópico, e um papel interacional, relacionado à manutenção do turno e à sinalização de segurança e tranquilidade.

Preti (1991) revela em seus estudos que “as freqüentes indecisões, adendos, correções e retomadas de posição e repetições podem transmitir uma sensação de

insegurança” e afirma ser esta “a marca mais característica da fala dos idosos”<sup>91</sup>. Segundo o autor, as pausas acontecem, muitas vezes, em locais incomuns e podem ser explicadas em virtude das “falhas da memória e da incerteza do dizer”.

Em um dos enunciados do **Episódio 2**, quando Irn pergunta como era o nome do estádio da Ponte Preta, ele diz: *i::: ... agora pegou.. agora sim... porque o estádio da Ponte Preta...o estádio da Ponte Preta...*

As hesitações, assim como as freqüentes repetições e inclusão de expressões estereotipadas: “como se chama”, “se não me engano” *etc.* presentes nos enunciados de AJ, parecem ocorrer na ausência ou na incerteza do *nome* ou da informação que se busca. Vejamos o dado na íntegra:

**Irn** - Como era o nome do estádio?

**AJ** - *i::: ... agora pegou..agora sim... porque o estádio da Ponte Preta... o estádio da Ponte Preta.... (EI) ... jogava na ponte Preta... fizeram o estádio da Ponte Preta...mas deram o nome de...*

**SR** - Moises Lucareli... (outro senhor afásico fala bem baixinho)

**Ec**- tinha um grupo de amigos .... como é que é?? (uma das estagiárias da fonoaudiologia)

**AJ** - tinha um grupo de amigos que... jogavam ali...na ... **dentro da Ponte Preta e deram o nome de Ponte Preta...**

**Irn** - Mas tinha uma ponte ali perto? Porque chama Ponte Preta?

**AJ** - **a ponte...a ponte existe...já existia uma ponte preta. Mas, na verdade, surgiu primeiro na..Ponte Preta...foi justamente este grupo de amigos que jogavam lá em 1580...**

**AJ.** **Se bem que ...é bom lembrar que já existe...(EI) que a Ponte Preta nasceu em 1500 e pouco...**

A presença de hesitações, de pausas, repetições e o alongamento de vogais se constituem como estratégias de sustentação de fala, a fim de garantir a posse do turno,

---

<sup>91</sup> Nos enunciados de L1, a seguir (cujos dados são extraídos do corpus do projeto NURC, de um sujeito idoso não-afásico), pode-se ainda detectar expressões como “se não me engano é da Austrália”, que revela uma incerteza sobre o que diz. Segundo Preti, este tipo de enunciado é bastante recorrente no discurso do idoso. L1 - merino é merinó é uma lâ... de (um)... de um gado:: chamado de um ::... um carneiro que chama-se merinó... é de uma... é de uma... (deve:):... não sei se é da Austrália... se não me engano é da Austrália esse merinó.. não sei... essa qualidade de:: ... de:: ... de carneiro... merinó...era lâ... e ::::... umhavia muita:: ...muita chita muita ganga... ganga é uma fazenda::...o que será a ganga hoje?::a ganga ... a ganga regra geral::... é ::::...vamos ver se tem uma coisa que::... era uma espécie de de de de de de de de de de::... de::-- como é que se chama essa esse negócio aqui:: meu Deus do céu?... -esta::...

como acontece nos processos normais de organização dos turnos conversacionais. Outros dados de AJ são ilustrativos dos fenômenos de hesitação, repetição, prolongamento de vogais, dentre outros, na produção dos enunciados:

Repetições: que:::ele mexeu nesta nessa unicamp de tudo quanto é jeito pra trazer...**é:::é:::é:::instituto pra: pra cá...ele trouxe aqui...eu vô dizer...na verdade na verdade o::: Zeferino Vaz... trouxe pra cá v...ou dizer..(EI).sem preocupação...trouxe o::: e:::ssse e:::sse reitor...esse**

Hesitações e prolongamentos de vogais: trouxe o::: e:::sse e:::sse reitor...esse candidato a reitor que ...era...era...o:::POXA VIDA...eu..eu conheço bem o nome dele mas agora me esqueci..veio o veio o::: o acadêmico... que... era ...o::: :Zeferino v::: o:::esse ban esse **bandido** ai... que...era era o::: a:a: era bacan... bacana (EI) do Vaz... ele trouxe...

Como já dissemos, o uso desses recursos evidencia operações epilingüísticas em curso, assim como quando recorrem a expressões como “na verdade”, frequentemente utilizada por AJ. Resultam de estratégias adaptativas dos sujeitos (afásicos ou não) para “ganhar tempo”, enquanto operam sobre os recursos lexicais (e também sintáticos e semânticos) para produzir seus enunciados. No caso de AJ, o movimento de ir e voltar ao tópico, entrecortado por hesitações, pausas, prolongamentos de vogais etc. constitui-se como uma estratégia essencial para alcançar seu *intuito discursivo* (Bakhtin, 1997), principalmente quando pode contar com os “acabamentos” que vão sendo dados pelos interlocutores, construindo conjuntamente a significação.

Essa análise não descarta a observação, entretanto, de que o tempo necessário para organizar o discurso, tanto nos sujeitos muito idosos com comprometimento de memória, quanto nos afásicos é ou pode ser relativamente maior, quando comparado ao discurso dos falantes mais jovens e dos sujeitos não-afásicos. Variáveis individuais, entretanto, não devem ser desconsideradas. Mesmo sujeitos jovens<sup>92</sup>, em situações nas quais não dominam

---

<sup>92</sup> Preti (1991) verificou que o número de palavras emitidas pelos idosos, em um inquérito de mesma duração gravado nos registros do NURC/SP, é bem menor do que o de falantes de faixas etárias mais jovens. Este fenômeno pode ser explicado pelo grande número de repetições, frases truncadas, hesitações e pausas que alongam o enunciado e causam no interlocutor a impressão de que a narrativa não evolui. Preti, baseando-se na definição de Goffman (1955), que toma a conversação como “um sistema de práticas, convenções e regras de comportamento”, afirma ser possível entender como a lentidão das reações dos idosos impede o processamento, a recepção e compreensão das informações numa velocidade compatível com padrões

um tema ou situações de tensão, tendem a tornar seus enunciados também repletos de pausas, hesitações, expressões cristalizadas, com o mesmo objetivo de desenvolver estratégias para reformular o seu querer-dizer, visam uma eficiência na produção de sentido.

### **3.7. Considerações finais sobre as dificuldades lingüísticas e cognitivas de AJ**

Tradicionalmente, nas afasias as alterações de linguagem (oral e/ou escrita) têm sido relacionadas à perda ou alteração da metalinguagem ou da competência lingüística. Não raramente os afásicos fluentes ainda são referidos como aqueles que seriam incapazes de estabelecer e manter o tópico discursivo, referenciar, relacionar elementos argumentativos de forma coesa etc.

Segundo Goldstein (1948, *apud* Lebrun, 1983) os afásicos teriam problemas com a “atitude abstrata ou pensamento categorial”. Busato (2001) cita, para caracterizar tais dificuldades: alçar elementos gramaticais e isolá-los das frases usadas cotidianamente, ao terem que responder questões ou dizer o nome de um objeto, dificuldades em explicar o sentido das palavras, dificuldades para parafrasear provérbios ou reformular frases e compreender jogos de palavra.

Lebrun critica a formulação de Gelb e Goldstein (1948), de que “a perturbação do pensamento categórico seria a base de muitos sintomas afásicos”. Nas palavras do autor:

Metalinguagem seria talvez uma melhor denominação. Metalinguagem significa o uso da linguagem para se referir à linguagem ou a qualquer parte dela. É diferente da linguagem como objeto que é o uso da linguagem para se referir a algo que não é verbal. Tipicamente metalinguagem pode ser encontrada em dicionários e gramáticas. (...) A metalinguagem aparece também na vida diária. Perguntar ou dizer o que uma palavra significa é estar fazendo uso da metalinguagem. (...) Da mesma maneira, pedir a alguém que aponte para um objeto que acabou

---

conversacionais de sujeitos mais jovens. A lentidão natural dos idosos, associada às dificuldades de acesso lexical, pode explicar a impressão de que o discurso do sujeito AJ seja marcado predominantemente por circunlóquios e digressões.

de ser nomeado é dar-lhe uma tarefa metalingüística, pois o pedido significa perguntar qual é o objeto a que tal nome se refere. (Lebrun,1983, p35)

Lebrun afirma que no nível metalingüístico as palavras podem ter vários significados, pois são quase sempre usadas fora do contexto, o que explicaria as dificuldades de muitos sujeitos nos testes. No nível lingüístico, ao contrário, só há um significado de cada vez, pois as palavras são usadas dentro de um contexto. Cita o exemplo de Goldstein, de uma mulher que tinha dificuldades em falar os nomes de animais até que, repentinamente, diz: “um urso polar, um urso marrom, um leão, um tigre” e que quando questionada porque havia mencionado aqueles animais, responde que eram os primeiros animais que via ao entrar no zoológico de sua cidade. O exemplo evidencia que o sujeito afásico pode contornar uma dificuldade em um teste metalingüístico imaginando uma situação real. Lebrun ainda ressalta, analisando os casos clínicos citados por Goldstein, que as dificuldades com tarefas de nomeação, de reconstrução de frase, de compreensão de metáforas chamadas por Gelb e Goldstein de “atitude abstrata” é, na verdade, a habilidade de usar a metalinguagem e que conseqüentemente muitos dos sintomas afásicos atribuídos a “deficiência de uma função mental superior” por Goldstein podem ser explicados em termos lingüísticos .

Assim parece que o que Goldstein e Gelb chamaram de atitude abstrato ou pensamento categórico e consideraram como uma capacidade mental generalizada, é de fato uma capacidade verbal, isto é, a habilidade de usar a metalinguagem. Conseqüentemente, um numero de sintomas afásicos que Goldstein (1948, p.23) atribuiu a uma “deficiência de uma função mental superior”(Goldstein, 1948, p. 43), isto é, uma falha não lingüística, pode ser agora explicada em termos linguísticos, o que parece ser mais satisfatório , pois a afasia é, por definição , um distúrbio de linguagem. (Lebrun 1983, p. 38):

Segundo Busato (2001), apesar de Lebrun tentar deslocar os distúrbios afásicos do domínio mental, trazendo-os para a esfera da linguagem, incorporando aos estudos neurolingüísticos a distinção entre *linguagem* e *metalinguagem*, não promove mudanças na via explicativa das afasias, uma vez que a conceituação de metalinguagem na qual se apóia está comprometida com o cognitivo e não com a linguagem. A autora, citando os estudos de Morato (1999,2001), afirma que mesmo na presença de alterações lingüísticas e cognitivas persiste uma “postura meta-enunciativa” nos gestos expressivos e interpretativos dos sujeitos afásicos, que parece indicar uma competência pragmático–discursiva que não desapareceria nas afasias, confirmando a hipótese de que “os modos de funcionamento meta não são de responsabilidade da língua ou da cognição, mas de ordem pragmática.

O estudo das formas meta-enunciativas, bem como a consideração da atitude ou postura dos sujeitos afásicos frente à heterogeneidade enunciativa, segundo a autora, tendem a confirmar a hipótese de que os modos de funcionamento do componente meta não são de responsabilidade da língua ou da cognição, mas desta competência de ordem pragmática. (Busato,2000,p.107)

Quanto a esta afirmação de Busato, temos algumas considerações a fazer. Concordamos que a postura meta-enunciativa esteja preservada muitas vezes nas afasias. Entretanto, não parece ser possível afirmar que tais fenômenos sejam de ordem exclusivamente pragmática. Outros aspectos cognitivos, dentre os quais podemos destacar a *atenção*, uma das alterações do caso de AJ, influenciam fortemente o desempenho do sujeito não apenas em tarefas metalingüísticas, como também discursivas, em episódios dialógicos. Podemos ainda discutir se o nível pragmático seria também um nível lingüístico independente de outros aspectos cognitivos. Não negamos que se trata de um nível de análise lingüística, mas à medida que a pragmática articula a língua (“como” se diz) com o que é dito e com as condições de produção, externas à linguagem (para quem se diz, por que se diz etc) e trata, portanto, de um lugar onde se revela a interação da língua com os outros processos cognitivos: memória, atenção, percepção.

Talvez possamos relativizar as afirmações feitas por Lebrun, afirmando que a afasia envolve questões de metalinguagem, mas não pode ser definida em função de “perda” dessa função - pelo menos não o tempo todo e em todos os sujeitos da mesma forma.

É possível observar, nos dados apresentados, muitos momentos em que AJ evidencia uma reflexão metalingüística (quando busca expressões referenciais para substituírem o nome próprio que não conseguiu produzir - *tinha aquilo que você ta fazendo*) e meta-enunciativa/discursiva quando avisa suas interlocutoras que sabe o nome, mas não lembra. Neste caso, há um processo altamente complexo em andamento. AJ “toma consciência” de que não consegue produzir o nome (ou seja, na afasia fluente nem sempre a presença da anosognosia é uma condição, como propõe a literatura tradicional), mas isto não basta. Ele precisa que suas interlocutoras saibam que ele sabe e que vai se lembrar. Isso nos faz pensar que, apesar de AJ não incorporar muitas vezes os enunciados dos interlocutores, como já apontamos, ele não desconsidera que está produzindo uma narrativa “para alguém”.

Devemos observar, entretanto, que o caso de AJ também é singular em função da sua instabilidade. Há momentos em que ele não se auto-corrige, parece não se preocupar se os interlocutores o compreenderam ou não, o que poderia também ser atribuído ao *normal*. Entretanto, o que tem chamado a atenção, durante os dois anos em que estudamos seu caso, é o de que ele vem piorando ultimamente.

Para Canguilhem, a frequência de ocorrência de um fenômeno (variação quantitativa) em relação a um mesmo sujeito pode indicar o quanto se caminhou no eixo entre o normal e o patológico. Essas reflexões, a nosso ver, reforçam a questão de AJ tenha uma afasia de natureza progressiva.

A seguir, apresentaremos nossas Considerações finais a este trabalho.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

## O IMPACTO DA NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA

Quando iniciei meus estudos no Departamento de Lingüística do IEL/UNICAMP, meu objetivo inicial foi buscar compreender o papel do fonoaudiólogo no processo de (re)construção da linguagem do sujeito afásico. Como mencionei na Introdução desta dissertação, algumas inquietações em relação à avaliação e à condução dos casos na clínica fonoaudiológica haviam me colocado num impasse: ou deixava de trabalhar com as afasias ou procurava compreender melhor as questões de linguagem envolvidas no processo de avaliação e acompanhamento terapêutico de sujeitos afásicos.

Ao tomar contato com os princípios teóricos e metodológicos da ND, pude compreender que a concepção de linguagem subjacente aos estudos tradicionais estava equivocada. Conceitos de língua como código, fala como ato fisiológico, discurso como seqüência hierárquica de palavras e sentenças, linguagem como conduta verbal, criticados por Coudry (1995) faziam parte da minha formação. Este tipo de concepção de linguagem estruturalista, que toma a língua como um sistema homogêneo, estático, fechado - no qual não há espaço para a variação, nem para a atividade dos sujeitos - direcionava minhas atividades e conduzia o processo terapêutico de forma assimétrica, excluindo o sujeito do processo de interlocução, desprezando as condições de produção e a relação do sujeito com sua afasia.

A afirmação de Fedosse deixa claro que, infelizmente, experiências como a minha não são exceções, mas a regra: :

são raros os profissionais que assumem a linguagem como atividade constitutiva que sustenta e que é sustentada na interação social, a maioria deles concebe a linguagem como código de comunicação; o sujeito lesionado cerebral é visto como aquele que tem dificuldades ou que não consegue mais falar ou escrever segundo as regras gramaticais da língua. (Fedosse, 2008,p.22)

A formação do fonoaudiólogo, até hoje ancorada principalmente no discurso biológico, tem como parâmetro um cérebro médio, um falante ideal e os métodos quantitativos, que enfatizam as perdas e os erros, caracterizando a linguagem que resta ao sujeito afásico como patológica. Segundo Novaes-Pinto, 1999:

O que faz com que o pesquisador opte por um ou outro método, nos estudos de linguagem, é sua concepção de língua/linguagem e também sua concepção de *ciência*. Quanto à Neurolingüística, podemos também relacionar essa escolha à própria concepção de *cérebro*. (Novaes-Pinto, 1999, p. 96)

A concepção de cérebro que norteia os estudos da ND é fortemente ancorada nas teorias postuladas por Luria e que, segundo Damasceno (1995), *parece ser a mais compatível com a concepção de linguagem adotada*. Luria (1973/1981) concebe o cérebro como um Sistema Funcional Complexo, o que pressupõe que a linguagem e outras funções cognitivas não estão ‘localizadas’ em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em conjunto. Sendo assim, podemos inferir que lesões em uma determinada área do cérebro podem levar à desorganização de todo um sistema funcional. Entretanto, por meio da prática clínica com sujeitos acometidos por uma lesão cerebral, também é possível observar que as áreas preservadas podem se mobilizar a fim de auxiliar a realização de uma determinada atividade lingüística/ cognitiva, o que permite o trabalho de reconstrução da linguagem e de outros processos cognitivos. Em outras palavras, podemos dizer que o cérebro procura adaptar-se às lesões e aos déficits por meio de fenômenos plástico-regenerativos.

Pereira (2006, p. 42) afirma que o cérebro precisa de um ambiente desafiador para desenvolver suas potencialidades e para que os processos cognitivos, incluindo a

linguagem, funcionem em toda sua complexidade. Ressalta que há uma relação de “mão dupla”, entre discurso e plasticidade, onde *o ambiente afeta o cérebro, que por sua vez, afeta a linguagem e suas relações com os processos cognitivos.*

Fedosse, a respeito da complexidade da relação cérebro/ linguagem, afirma que:

A inegável complexidade da relação cérebro/linguagem/mente exige múltiplos esforços na tentativa de seu entendimento, sejam eles da ordem das pesquisas clínicas ou das experimentais; porém, o que não se pode admitir no trabalho clínico com a linguagem (nos processos de avaliação e terapia de sujeitos com dificuldades lingüístico-cognitivas/psíquicas) é apartá-la do sujeito; é inadmissível, pois, que processos terapêuticos em Fonoaudiologia separem o sujeito da linguagem, ou seja, a linguagem de seu funcionamento sócio-cultural e psíquico-afetivo. (Fedosse, 2008,p.118)

Para se compreender melhor as questões discutidas acima, Novaes-Pinto (1999), baseando-se em Vygotsky (1989), Luria(1986), Sacks (1995) e Perroni (1991) ressalta a necessidade de retomar os estudos qualitativos e descritivos nos estudos da linguagem e processos cognitivos. Destaca que nos estudos lingüísticos, as análises qualitativas apresentam como vantagens permitir uma análise mais completa do processo em desenvolvimento, além de permitir a recuperação da história dos dados, e das condições de produção. Citando Castilho (1998 apud Novaes-Pinto, 1999, p.150), afirma que “atualmente a Lingüística parte de um entendimento mais rico de linguagem, ”postulada como um conjunto de usos” que consideram as condições de produção durante as análises”

Coudry apresenta uma reflexão com as principais questões teóricas e metodológicas da Neurolingüística Discursiva. Transcrevo a passagem na íntegra, pela sua relevância:

Em estudos por nós desenvolvidos, a propósito da patologia de linguagem (...), estudos que incluem experiências com sujeitos afásicos e o registro longitudinal dos dados obtidos, têm-se demonstrado que a própria percepção dos fenômenos e sua compreensão, bem como a intervenção terapêutica, dependem de o analista situar-se num posto de observação que considere a linguagem uma atividade constitutiva, cujos recursos expressivos, remetendo a um sistema de referência são, sozinhos, insuficientes para a

construção de processos de significação, como postula Franchi (1976, 1977). (...) Uma contribuição essencial da Lingüística ( ou de um domínio da Lingüística) para a Neurolingüística é orientar discursivamente a visão que se tem sobre fatos patológicos em que a linguagem está concernida. (...) A relação entre a Lingüística e a Neurolingüística é motivada pelo interesse que temos em estudar patologias de linguagem sob uma visão de uma teoria de linguagem discursivamente orientada, a partir da qual princípios protocolares discursivamente informados fundamentam a avaliação de linguagem para provocar a exibição (o que falta e o que excede) de dificuldades lingüísticas e de outros sintomas cognitivos relacionados. (...) o método de estudo longitudinal, no que se refere à avaliação e acompanhamento de sujeitos neurolesados, tem se revelado eficaz, pois, além de recobrir todo o processo verbal( ou seja, tudo o que se faz com, sobre e pela linguagem), permite apreender a evolução do quadro clínico e perceber os processos alternativos de significação dos quais o sujeito lança mão, e melhor compreender, enfim, os mecanismos neurolinguísticos que constituem os fatos de linguagem. (COUDRY, 1995, p.12, 13).

É interessante notar como o estudo longitudinal, por meio dos princípios metodológicos da ND, permite que o fonoaudiólogo se veja como interlocutor e repense suas práticas. É preciso desvencilhar-se da idéia de que o fonoaudiólogo/interlocutor necessita assumir uma atitude corretiva porque detém um saber sobre a linguagem.

É importante ressaltar que não se trata apenas de “conversar” com o sujeito afásico, pois, neste tipo de abordagem, não basta que o fonoaudiólogo/interlocutor reconheça e aponte as alterações do discurso do afásico.

Fedosse (2008) afirma que não basta dominar conhecimentos teóricos sobre as manifestações afásicas, nem um conjunto de técnicas de avaliação ou intervenção sobre o sistema lingüístico; é preciso que o investigador/terapeuta, por meio de sua sensibilidade e atenção, procure compreender como o sujeito afásico produz e interpreta sentidos. Como “interlocutor privilegiado” deve partilhar esse conhecimento com o sujeito afásico que “é visto como um falante ativo, com pleno desejo de dizer, que tem sua condição, de dizer e de ser compreendido, favorecida, obviamente, pela partilha de conhecimento alcançada na interação com o investigador/terapeuta”. (ibidem,p.47)

Coudry, há mais de vinte anos, já nos chamava atenção para a questão da postura do interlocutor na avaliação e no acompanhamento terapêutico e nos adverte que, durante a interlocução, é preciso:

(...) conhecer e interpretar o silêncio e as hesitações dos sujeitos afásicos. Essas pausas e hesitações [...] são sempre um índice importantíssimo para o investigador do momento em que se dá uma ruptura no prosseguimento da instância discursiva pela interferência de uma dificuldade específica que pode então ser identificada e compreendida. Nesses casos, o investigador precisa conhecer com precisão o peso do silêncio, das hesitações, das manifestações de desagrado, para decidir entre deixar o sujeito estar com sua dificuldade e elaborá-la epilingüisticamente, ou fornecer um *prompting* de apoio ao prosseguimento de fala, ou refazer a questão ou modificá-la para restabelecer o equilíbrio das condições dialógicas, ou até completar a fala para reduzir as tensões dessas situações. Para tudo isso o investigador deve apurar sua sensibilidade e atenção, o que não se consegue sem um grande conhecimento mútuo e mesmo uma boa dose de comprometimento pessoal e afetividade. (COUDRY, 1986/1988, pp 78-79).

No caso de AJ, também é possível observar como a postura do interlocutor interfere na qualidade de seus enunciados. Procuramos apontar, no capítulo 3, a diferença na produção dos enunciados do sujeito em função da qualidade da interação. Se não há intervenção pontual e dirigida para a produção/interpretação do sentido nos enunciados de AJ, estes se constituem como blocos monológicos, praticamente ininteligíveis.

Quando há uma interferência adequada, o interlocutor/fonoaudiólogo está atuando no sentido de reorganizar sua linguagem, suas memórias, sua própria experiência de sujeito social e da linguagem.

É preciso, durante o processo terapêutico, chamar a atenção do sujeito para os equívocos que comete, favorecendo sua escuta e reflexão. É necessário também buscar compreender por que o sujeito às vezes não se escuta ou não se corrige, tomando sempre o cuidado de não interpretar suas dificuldades como patológicas em si ou como sintomas.

É importante reconhecer que a afasia não apaga o sujeito e que, em algumas situações pode até realçar algumas características de sua personalidade e que por isso a relação do sujeito com sua afasia e as condições de produção não devem ser desprezadas.

Na medida do possível, todos estes fatos devem ser comentados e trabalhados com o sujeito. Nas palavras de Freire:

As situações dialógicas que se dão ao longo do trabalho clínico permitem entrever o papel organizador e regulador da linguagem no processo de (re)construção do que foi alterado pela patologia (Freire, 1999). Mas isso não ocorre por si só. Investigador e sujeito comentam sobre o que fazem com a linguagem. Há um contínuo trabalho reflexivo de ambas as partes no sentido de compreender porque se faz uma ou outra atividade com a linguagem; porque se diz como se diz; porque se escreve do modo que se escreve, porque se lembra do modo que se lembra. O investigador pontua para o sujeito um certo “dado”, flagrado em uma situação dialógica; explica as razões pelas quais aquilo pode acontecer e quais recursos podem ser utilizados para lidar com a dificuldade; da mesma forma, indica as situações em que o sujeito consegue, com sucesso, tomar outro caminho. O sujeito passa a monitorar sua enunciação: um trabalho de revisão do que foi dito e de reformulação do que pode ser dito. O sujeito mantém, então, uma “atitude responsiva”, isto é, toma uma “posição ativa a propósito do que é dito e compreendido” (Bakhtin, 1929/99, p. 99) e do modo como o faz. Esse alcance do trabalho clínico, no entanto, depende da qualidade da relação. (Freire, 2005,p.166)

Abaurre e Coudry (a sair) enfatizam que o “sistema a ser (re) construído não está pronto e à disposição e não se trata de suprir as faltas decorrentes da afasia, mas de inserir de novo o sujeito na relação com a linguagem, e tudo que isso implica”. Para isso, é preciso que o terapeuta tenha como suporte uma teoria de linguagem que considere o sistema da língua na relação com o sujeito e nas condições de produção dos discursos, para não se antecipar aos seus movimentos e permitir que ele organize e estructure os recursos expressivos que dispõe. Nas palavras de Coudry (1995:175) “definir com acuidade o lugar das dificuldades, sobre as quais deve operar.”

Ishara (2008) *destaca*, em um estudo longitudinal do sujeito CN, a importância da criação de um espaço de expressão e trabalho com a linguagem, fundamental para o sujeito lidar com seus sucessos e fracassos. A autora ressalta a importância da postura do fonoaudiólogo durante o processo terapêutico e retoma algumas reflexões de Winnicott (1988) para repensar a relação terapêutica:

não se trata do terapeuta agir muito, interpretar muito, pelo contrário, trata-se da habilidade de movimentar o paciente movimentando-se o mínimo possível. Isto não significa que o terapeuta apenas observa ou que é um mero coadjuvante, num papel que qualquer outro poderia ocupar. Significa que deve se servir de seus conhecimentos sobre linguagem para intervir, criando espaço para que o paciente se movimente, mostre seus recursos, experimente seus efeitos, reflita e se aproprie da reflexão e de suas experiências. (Ishara 2008,p.69-70)

Para ressaltar a importância destas reflexões, a autora relata um episódio interessante entre um sujeito do grupo II do CCA e a fonoaudióloga que anteriormente o atendia. Em seu depoimento, o sujeito SL conta que, ao ser informado por ela de que havia “perdido a linguagem” e que teria que ter paciência para “aprendê-la de novo”, responde, brincando, que preferiria, então, aprendê-la em alemão. Por meio deste depoimento, abaixo transcrito, a autora nos chama a atenção para os riscos deste tipo de abordagem:

Nessa “brincadeira”, SL ensina o que é linguagem e o que é afasia. Ele reconhece e reclama seu lugar de sujeito da linguagem que não pode ser apagado com a lesão. (...) Refletir sobre tais momentos que os sujeitos nos oferecem para uma aproximação sobre o funcionamento da linguagem é um privilégio que só ganha visibilidade em abordagens que se ocupam de teorizações sobre a relação constitutiva entre o sujeito e a linguagem e que tomam a interlocução como espaço no qual o sujeito se constitui como locutor na relação com o outro e preenche papéis discursivos em situações reais e em diferentes condições de produção. (ISHARA, 2008, p.13)

Vale ressaltar que se o fonoaudiólogo não tiver subjacente ao seu trabalho as teorias da ND, ele pode permanecer alheio às necessidades dos sujeitos e a uma infinita e produtiva possibilidade de trabalho, no processo de resgate das funções comprometidas pela lesão cerebral.

Tendo em vista o caso de AJ, não é possível contestar os efeitos das interações sociais e afetivas com a família, no grupo do CCA e por meio das intervenções fonoaudiológicas, na plasticidade do sistema nervoso, ou seja, nos processos de arranjos e rearranjos neurais, o que também pode nos ajudar a compreender porque mesmo

apresentando tantos comprometimentos cerebrais bilaterais decorrentes de AVCs isquêmicos e hemorrágicos, clipagens de aneurisma e a própria atrofia resultante do envelhecimento, AJ resista como sujeito. Podemos concluir que se AJ não tivesse a família que tem e se estivesse sendo acompanhado nos modelos tradicionais, provavelmente apresentaria um quadro completamente diverso.

Vale ressaltar que a concepção de cérebro dinâmico e flexível, organizado em sistemas funcionais complexos é fundamental para a compreensão de um caso no qual as manifestações clínicas apresentam-se de forma aparentemente contraditória aos achados de neuroimagem.

Além disso, o fato de AJ apresentar lesões focais e difusas e ainda assim se constituir como sujeito da linguagem, também nos faz pensar em sua singularidade ou no que de Sacks (1995) chamou de “caráter pessoal de um caso”. Embora haja uma linearidade nos episódios neurológicos, o mesmo não acontece com as manifestações de seu quadro clínico.

Somente considerando-se a presença do sujeito e sua relação com a doença, tendo como suporte a concepção de cérebro dinâmico e flexível, podemos compreender porque o caso de AJ apresenta-se de forma tão diferente em relação a outros sujeitos com lesões anatômicas similares e por que há tanta instabilidade em suas manifestações.

O fato AJ de sobreviver a todos os episódios neurológicos, dos quais foi vítima, nos mostra a presença do sujeito na doença. O fato de continuar sendo sujeito, apesar dos impactos das lesões em sua vida, nos mostra a força das interações sociais e dialógicas.

Não foi possível, evidentemente, esgotar nesta dissertação todas as possibilidades de análise e compreensão dos processos subjacentes aos fenômenos envolvidos no caso de AJ. Por meio deste estudo longitudinal, algumas respostas foram possíveis, outras vão demandar aprofundamento.

Espero, com esta pesquisa, ter contribuído para compreender melhor a afasia de AJ – seus limites e possibilidades – e o papel do terapeuta/interlocutor/fonoaudiólogo no curso do desenvolvimento de uma afasia do tipo progressiva.

Espero, ainda, que outros colegas de profissão, fonoaudiólogos, ao serem tocados pela Neurolingüística Discursiva, se sintam transformados – como eu fui - e que transformem suas práticas não no trabalho com as *afasias*, mas com *os sujeitos afásicos*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M.B. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: Castro, M. F. (org). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas. Editora da Unicamp, 1996.

ABAURRE, M.B. e COUDRY, M.I.H. ( a sair) Em torno dos sujeitos e olhares. (no prelo).

ANNUNCIATO, N.F. Plasticidade Neuronal e Reabilitação In: **Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística**. Vol. 4. São Paulo: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia SBNp. 1995.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1929/1997/2000.

BEIKE, H. Considerações sobre a relação linguagem-memória, à luz da análise lingüística dos enunciados de sujeitos com diagnóstico de Demência de Alzheimer. In: **Língua, Literatura e Ensino**. Vol. II. Anais do SEPEG (edição eletrônica), IEL/UNICAMP. 2007.

BEILKE, H.; NOVAES-PINTO, R. On the relation Language-Memory: considerations based on the linguistic analysis of data of patients with the diagnosis of Alzheimer's Dementia. In: **Livro de Resumos do II Composium Internacional da IALP** (International Association of Logopedics and Phoniatics). São Paulo. 2007.

BEILKE, H.; CANINEU, P.; NOVAES-PINTO, R. Re-significando o Papel da Fluência Verbal nas Avaliações da Doença de Alzheimer. In: Anais do IV. Congresso Brasileiro de Cérebro, **Comportamento e Emoções**. Bento Gonçalves, RS. 2008.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979/2007.

BRANDÃO, Fernanda Marrara. O gênero narrativo nas afasias fluentes: um estudo de caso. **Língua, Literatura e Ensino**, São Paulo, 01 maio 2008. p.69-78.

BUSATO, V. **A noção de “Metalingüagem” no campo da Neurolingüística: Um estudo enunciativo**. Campinas, SP: [s.n.], 2001 (Dissertação).

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1943/1995.

CASTILHO, A. T. e PRETI, D. (orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. Materiais para o seu estudo. V.III - Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1987.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino do português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CITOWIC, R. E. **The Neurological Side of Neuropsychology**. Massachusetts: The MIT Press, 1995.

COUDRY, M. I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. Campinas, SP. Pontes, 1988.

COUDRY, M.I.H; MORATO, E. Aspectos Discursivos da Afasia. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 19. Campinas, 1990. p. 127-145.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Iel, Unicamp, Campinas, 1993. 225 f.

COUDRY, M. I.H. “Neurolingüística e Lingüística”. In: **Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística**. Vol. 4. São Paulo: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia SBNp. 1995.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em neurolingüística. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira de. **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Unicamp, 1996. p. 22.

CRUZ, F. M. **Uma perspectiva enunciativa da relação entre linguagem e memória no campo da Neurolingüística**. (Dissertação). Campinas, SP: [s.n.], 2004.

DAMASCENO, B. P. Neuropsicologia da atividade discursiva e seus distúrbios. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos** vol.19. Campinas. 1990. p. 147-157.

DAMASCENO, B. P. **Envelhecimento cerebral**: O problema dos limites entre o normal e o patológico. Arq. Neuro-Psiquiatr. vol. 57, nº.1., 1999. p.78-83.

DRONKERS, N. F. The pursuit of brain-language relationships. In: **Brain and Language**, 2000; 71: 59-61.

DUCROT, O. & TODOROV, T. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ESPERT, Raúl; GADEA, Marien; VILLALBA, A. **Afasia Progresiva Primária: 20 anos de História (1982-2002)**. II Internacional Congress of Neuropsychology in the Internet. Disponível em:

<[www.serviciodc.com./congreso/congress/pass/conferences/Espert.html\(1of10\)](http://www.serviciodc.com./congreso/congress/pass/conferences/Espert.html(1of10)) [3/5/2003 19:11:08]>. Acesso em: 12 jan. 2009.

FEDOSSE. E. **Da relação e praxia: estudo neurolinguístico de um caso de afasia**. Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem IEL/UNICAMP. SP. 2000.

FEDOSSE. E. **Processos alternativos de significação de um poeta afásico** –Tese de (Doutorado) IEL/UNICAMP. Campinas, SP. 2008.

FONSECA, S. C. **O afásico na clínica de linguagem**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP, 2002.

FONSECA, R. P; FERREIRA, G. D. LIEDTKE, F. V. *et al.* **Alterações cognitivas, comunicativas e emocionais após lesão hemisférica direita: em busca de uma caracterização da Síndrome do Hemisfério Direito**. *Psicol. USP*, vol.17, no.4, dez. 2006. p. 241-262. ISSN 1678-5177.

FORIGO, D. A. significação imagética no contexto das baterias de avaliação de afasias e diagnóstico de demências e declínios cognitivos. **Relatório Final de Iniciação Científica**. CNPq, IEL/UNICAMP. 2008

FRANCHI, C. **Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem**. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas. SP. 1977.

FREIRE, R. M. e RODRIGUES, A. C. O papel do fonoaudiólogo na terapia da afasia. In: **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, jun.,1994. 6(2): 141-150.

FREIRE. F.M.P. **Enunciação e discurso: a linguagem de programação logo no discurso do afásico**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP. 1999.

FREIRE. F.M.P. A aplicação do BDN em práticas discursivas á distância. In: **Estudos Lingüísticos XXXIII**. UNICAMP, SP. 2004.

FREIRE. F.M.P. **Agenda Mágica; linguagem e memória**. Tese de Doutorado - Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP. SP. 2005.

FREITAS, M.S. **Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: contribuições para uma caracterização linguística na afasia**. Tese de Doutorado - Instituto de Estudos e Linguagem – IEL/UNICAMP. SP. 1997.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Edições 70. Lisboa. 1891/1977.

- GERALDI, J. W.; GUIMARÃES, E. R. J.; ILARI, R. Operadores de argumentação e diálogo. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 9, 1985. p. 143-157.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1990/1997.
- GOFFMAN, E. **Relations in public**. New York: Penguin, 1967/1971.
- GOLDSTEIN, K. **Language and language disturbances**. Grune & Stratton. New York. 1948.
- GOMES, T.M. **Quatro estados de afasia e um sujeito da linguagem**: um estudo neurolinguístico. Dissertação de Mestrado - Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, UNICAMP. 2007.
- GRICE, H.P. Lógica e conversação. In: M. Dascal (Org.), **Fundamentos Metodológicos da Lingüística**, vol.4. Campinas, Editora do IEL/UNICAMP, 1982.
- ISHARA, C.A. **Fa-si-a**: um sujeito em cena: Tese (Doutorado) - UNICAMP Campinas. SP. 2008.
- JAKOBSON, R. Dois tipos de Linguagem e dois tipos de afasia. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo. Cultrix. 1954/1975. p.34-62.
- JAKOBSON, R. Two aspects of language and two types of aphasic disturbances. In: JAKOBSON, R. & HALLE, M. (Eds.). **Fundamentals of Language**. The Hague: Mouton. 1956.
- JAKOBSON, R. Dois Aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia. In **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix. 1954/1981/1999. p. 34-62.
- JAKOBSON, R. Lingüística e Poética. In: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1960/1981, p.118-162.
- KOCH, I.V. **A inter-Ação pela Linguagem**. São Paulo. Editora Contexto. 1992/2003.
- LEAL, Gabriela; MARTINS, Isabel Pavão. Avaliação da Afasia pelo médico da família. **Rev. Pot. Clin. Geral**, Lisboa, v. 21, n. , p.359-364, 03 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.apmcg.pt/files/54/documentos/20070528165518307110.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2006.
- LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia**. São Paulo: Paramed. 1983.
- LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: As últimas conferências de Luria. Artmed Editora, São Paulo, SP. 1986.
- LURIA, A R. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Brasileira, 1991.

MANSUR, L., RADANOVIC, M. **Neurolingüística: princípios para a prática clínica.** São Paulo: Edições Inteligentes, 2004.

MARCHUSCHI, L. A. Apresentação. In: PRETI, D. **A linguagem dos idosos.** São Paulo: Ed. Contexto, 1991.

MORATO, E.M et al. **Sobre as afasias e os Afásicos: Subsídios Teóricos e Práticos** Elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002a.

NERI, A. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NOVAES-PINTO, R. **Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem.** Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Unicamp. Campinas, SP, 1992.

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas.** Tese (Doutorado) - Departamento de Linguística - Unicamp, Campinas, 1999.

NOVAES-PINTO, R. **Indeterminação da linguagem e afasia.** In: Anais dos Seminários do GEL. Vol. XXVIII. 1999.

NOVAES-PINTO, R. **Processamento lexical: considerações a partir da análise lingüística de dados obtidos em situações dialógicas e em condições experimentais (título provisório).** Projeto de Pós-Doutorado (em andamento), realizado na Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística (UNNE), da FCM, 2006.

NOVAES-PINTO, R. & SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: implicações para a clínica fonoaudiológica. In MANCOPE, R. & SANTANA, A. P. (Orgs). **Perspectivas na clínica das Afasias: o sujeito e o discurso.** (No prelo). Editora Santos, SP. 2008.

NOVAES-PINTO, R. "Preconceito lingüístico e exclusão social nas chamadas patologias de linguagem". In: **Avesso do Avesso**, FAC-Araçatuba. (No prelo). 2008a.

NOVAES-PINTO, R. "Avaliação de Linguagem na Demência de Alzheimer". In **Estudos da Língua(gem).** UESB, Vitória da Conquista, BA. (No prelo). 2008b.

PAPATERRA, F.L. **Manual de Habilidades Cognitivas.** Pancast Editora, São Paulo, SP. 2000.

PORTER, R. Expressando sua enfermidade: A linguagem da doença na Inglaterra Georgiana. In: BURKE; PORTER (Orgs.). **Linguagem, Indivíduo e Sociedade - História Social da Linguagem**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

PRETI, D. **A linguagem dos idosos**. São Paulo: Ed. Contexto, 1991.

RADANOVIC, Márcia *et al.* Primary Progressive Aphasia: Analysis of 16 cases. **Arquivos de Neuropsiquiatria**. São Paulo, v. 59, n. 3, 2001. p.512-520.

RAINVILLE, P; GOULET, P; JOANETTE, Y. **Contribution of the right hemisphere to the processing of concrete words**. Clin Aphasiol. 1995; 23:207-16.

SACKS, O. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1970/97.

SACKS, O. **Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCARPA, E. Sobre o sujeito fluente. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Vol. 29., 1995 p. 163-184.

SNOWDEN, J.S; J.C.THOMPSON; NEARY, D. **Knowledge of famous faces and names in semantic dementia**. Brain, Salford, v. 127, n. 4, 2004. p.860-872.

SERRANO, C. *et al.* **Afasia Progressiva Primária: Análise de 15 casos**. Revista de Neurologia. Argentina, v. 41, n. 9, 2005. p.527-532.

SILVA, J.C.B. **Desenvolvimento humano na velhice: um estudo sobre as perdas e o luto entre mulheres no início do processo de envelhecimento**. Dissertação de Mestrado em psicologia - USP. São Paulo. 2007.

SMOLKA, A.L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico cultural. In: **Educação e Sociedade**. Revista Trimestral de Ciência da Educação, n.71, 2000. p.167-193.

WINNICOTT, D.W. **Tudo começa em casa**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1970/99.

# ANEXOS

# ANEXO I

## EPISÓDIO 1

Este dado se refere a uma sessão individual de fonoaudiologia ,onde foi proposto o tema a história da UNICAMP<sup>93</sup>

Sigla	TRECHO 1	Obs:	
	<b>Tópico discursivo: Zeferino Vaz</b>		
<b>Ea</b>	o senhor sabe o que é isso que a gente trouxe? é sobre a história da Unicamp... o senhor fala tanto destas coisas...		104.
<b>AJ</b>	Zeferino Vaz... vou dizer uma coisa pra vocês...eu acho que... a::: a unicamp deveu-se muito ao Zeferino Vaz...ao Zeferino Vaz... que:::ele mexeu nesta nessa unicamp de tudo quanto é jeito pra trazer...é:::é:::instituto pra: pra cá...ele trouxe aqui...eu vô dizer...na verdade na verdade o::: Zeferino Vaz... trouxe pra cá v...ou dizer..(EI).sem preocupação...trouxe o::: e:::ssse e:::sse reitor...esse candidato a reitor que ...era...era...o:::POXA VIDA...eu..eu conheço bem o nome dele mas agora me esqueci..veio o veio o::: o acadêmico... que... era ...o:::Zeferino v::: o:::esse ban esse bandido ai... que...era era o::: a:a: era bacan... bacana (EI) do Vaz... ele trouxe... esse que...foi candidato a reitor aqui...e ::: que não deu certo pra ele porque... ele não deu certo...era um monte de...de gente que entra no negócio...		105.
<b>Ea</b>	o senhor lembra o nome dele?		106.

<sup>93</sup> A sigla **Ea** refere-se à Estagiária “a”, que preparou a atividade para desenvolver com AJ e **Irc** refere-se à Rosângela Canoas, autora desta dissertação. Como ele havia sido funcionário da UNICAMP por muitos anos, na época da fundação da universidade, **Ea** levou fotos e textos que havia retirado da Internet sobre o assunto.

<b>AJ</b>	e...ele ficou... ele ficou na historia da..da da Zeferino Vaz e como o <b>pedigree</b> e quem lutou pela historia ...ele entrou...eu vou lembrar o nome dele...porque eu vou lembrar ainda e::::e ele trazia pra ca...muita...muita gente que ele trouxe do <b>(EI)</b> ...reitor... o reitor.... quando::ele pegava gente assim... esquecida da:::da..na unicamp...ele trazia gente de valor...gente de valor... então v:::Zeferin...ele tinha ele tinha...ele tinha uma <b>voz... uma voz</b> que falava bem... do pessoal que ele trouxe pra cá... então ele trouxe pra... pra cá...tsss... ele trouxe o::: o Zef...EU VOU LEMBRAR ESSE NOMES...dá uma raiva..que eu sei o nome dele...		<b>107.</b>
<b>TRECHO 2</b>			
<b>Tópico discursivo: O que Zeferino trouxe</b>			
<b>Irc</b>	são pessoas para trabalhar junto com ele?		<b>108.</b>
<b>AJ</b>	ele trouxe gente ele trouxe gente de teor...ele trouxe pra cá esse pessoal...		<b>109.</b>
<b>Irc</b>	esse pessoal fez o quê?		110.
<b>AJ</b>	trazia...eles traziam o::: gente dele...gente assim qué vê.... a::::: a unicamp deve-se muito ao Zeferino Vaz.....Zeferino Vaz que deu toda essa pungencia pra Unicamp... trouxe mUIta gente que...		111.
<b>Irc</b>	muitos cursos?		112.
<b>AJ</b>	- trouxe gente de valor.....que negócio? que muito sujo? Muito sujo....é.... fala fala de novo....o que é muito sujo?	Olha para Irc	113.
<b>Irc</b>	muitos CURSOS MUITOS CURSOS		114.
<b>AJ</b>	entendi muito sujo que será?	risos	115.

TRECHO 3			
Tópico discursivo: Prof. Ubiratan			
<b>AJ</b>	ele trouxe muita gente ...ele trouxe pra cá mu:::ita gente ele trouxe o::: o reitor...o::: ele foi foi reitor também...ele foi candidato a reitor também e::: não foi eleito aqui...mas... ele o... o::: Ubiratan...o Ubiratan... meu...		116.
<b>Ea</b>	seu amiGO é o amigo que o senhor fala todo dia...tem que trazer um a foto do Ubiratan pra gente conhecer...seu amiGO é o amigo que o senhor fala todo dia...tem que trazer um a foto do Ubiratan pra gente conhecer	risos risos	117.
<b>AJ</b>	eu...eu...vou trazer pra...vou trazer uma foto...você já conhece ele andava ele andava muito ..... agora faz tempo que ele não anda muito por aqui... o Ubiratan... ele era grande...grande...		118.
<b>Irc</b>	ele era professor aonde? do que?		119.
<b>AJ</b>	heim? não não...ele não dava aula... aqui dentro da Unicamp...eu dei aula ... muita coisa assim por fora ...mas nunca na Unicamp...primeiro porque eu eu não não tinha aquilo que você ta fazendo cê ta fazendoeu não tinha...	Olha para Irc	120.
<b>Irc</b>	- mestrado?		121.
<b>AJ</b>	é... eu não tinha doutorado...doutorado tal (EI) eu não tinha tudo...nada disso... então eu vivia... asssim... doutorado tanto aqui na Unicamp com na Puc... na Puc... eles vivem muito da... da embrenagem...da... tsss fff... da Usp... da usp... da Usp... então você pega...pegava o::: os professores daqui ...era tudo gente que/ que era trazido de lá pra cá que fazia tudo a/a mensagem(EI) jogavam tudo aqui e ficava tudo e todo mundo tirava dez e ficava... você também vai tira dez você vai vê ...você vai tirar dez...	Olha para Irc risos	122.

<b>Ea</b>	vinham professores da Usp pra cá é isso?		123.
<b>AJ</b>	-é... o:::Zeferino trouxe... muita gente da Usp pra cá...é da Usp... muita muita gente...depois não votavam nele...num numa cachoeira... essa turma...ele voltava tudo pra ...esse pessoal... não fica brava não... você você é professora aí (risos) oi tudo bem professora... (risos) agora dOUtora ( <b>EI</b> ) ele trazia todo esse pessoal e esse pessoal e ele que dava cobertura pra ele em função de::: de de::: montagem de instituto.... porque ele sempre fazia né? A::: uma universidade que que ela teria que ter... alguns professores já eleitos...bem eleitos já...e...esses professores... esses professores dariam depois dariam muita ...dariam muita visão para o reitor... por que o reitor ( <b>EI</b> ) (roubava muito) o reitor sabia todo mundo... ele era terrível... a pessoa .... o Zeferino... era terrível... que ele chegava...chegava assim... olha.... pode cortar estas coisas aqui... já que eles estão cortando este negócio aqui.... tá dando... não professor... só um professor( <b>EI</b> ) vai receber agora... agora não vai receber outro....outro... aí meu Deus....		124.
<b>Trecho 4</b>			
<b>Tópico discursivo: Como era Zeferino Vaz</b>			
<b>Ea</b>	ele era bravo?		125.
<b>AJ</b>	não... ele era... ele era terrível... o professor Zeferino? você já conheceu ele ?	Olha para Irc	126.
<b>Irc</b>	hum....humm	faz aceno com a cabe	127.
<b>AJ</b>	nossa....o professor Zeferino era terrível... era terrível pra... ele fazia toda... vamos dizer... toda ....a::: em função da biologia que ele tava lá... ele trabalhava lá biólogo... ele era		128.

biólogo... era tudo esse negócio aí ... ele não trabalhava tudo na função... a função dele... tanto é ... que a biologia tá aí...aí mexendo... mexendo ...mas não sai ...não sai disso... fica /tem... é um elefante branco a ... a::::: biologia é ba/ é branco ta::::: do::::: a::::: aquele negócio branco.... é tudo a biologia né? (EI) o professor fundado lá né? E e::::: esse professor num/não não mexeu.. pra subir a::::: universidade... tanto quer a universidade..hoje em dia.... ele tem só uma... uma... cantiga que seria bom de de vocês quem é bom de...de...alertar para o pessoal...por que quem quem mexeu com burro otas coisas... foram os outros... os outros institutos boca...a... copiaram (EI) ah... fulano fuLAno... só dava fulano lá... lá lá cês nunca tem... nunca tinha a::::: a moção de voc... tanto é que a a biologia hoje em dia ... a biologia... ela começa ...ela vai ...vai começa ver co... a::::: fase dotas coisa... da da muita... muita cobertura... para aquilo que não tem na universidade...aquilo que não tem na universidade vai ter agora... agora da agora em diante vocês vão mexer ... e vai traze a::::: então vai trazer coisas... na universidade...então você vai ter... vai haver hoje... quem mexe com... quem mexe com o nariz ouvido papapa'... só na mão na mão de de brasileiro ... só de brasileiro..... esses que ficam ã::::: não... a::::: professor Rada (EI) professor Rada...hoje você vai vai encontrar gente que:::::professor Rada sem não me engana já morreu... não morreu não... mas o professor Rada era uma juventude que vinha da::: da universidade do::: do Zeferino Vaz ..professor Rada... professor...vo citá algum nome vô citá Rada...Parada outro que vem vem junto .. Parada é::: mEi:::o... né lá ...lá quase... mas o::: Parada ffoi mexeu outras coisa...então... ele já mexer com estudante

suspira

risos

risos

	<p>mexer com estudante também... então ele... totoda esta turma que vocês vão (EI) professor Rada professor Rada ...esses são/ os ...que veio lá de cima sabendo alguma coisa ...certo? aí vocês ssssabendo mexendo nisso daqui e dali...Rada... hoje vocês vão mexer vai mexer em muita gente.... vocês (EI) só sobra aquilo/ só sobra aquele negócio cão e foi embora... nunca mai foi tsss agora aaaa Unicamp vai vai mexer vai começar a mexer com a parte de::: de corpo.... que a universidade...a:::</p>		
<b>Irc</b>	com a saúde o senhor fala?		129.
<b>AJ</b>	<p>- é... a saúde ....a::: de... mexendo... a::: cada a cada coisa vai puxar... então... daqui a pouco daqui a pouco vai haver lá uma::: uma situação de Rada Rader Maria Maria passou lá no Rada e mexeu disso esqueceu disso assim asssim ...a Aline mexia nisso assim assim... essa daqui essa aqui não... essa aqui é fogo... essa aqui é fogo... não fala agora...então é é a pessoa... só mexia... só mexia no no corpo humano que agora vocês vão mexer...a::: tanta coisas que vocês tão mexendo na parte do fonologia vocês vão mexer muito na muito na parte do::: vai mexer na parte do vão mexer na parte de guturrar ... vai descer vai descer mais daqui desceu mais aqui... igual eu coitado.. me me alguma coisa eu acerto muita coisa muita coisa eu acerto muita coisa e acertam e e iam o/ guturrar e pega toda esta parte e o pessoal mexê... tanto é::: que ...o afásico essas coisas você pode vê em afasicos essas coisas... vocês vão só vê na ...na você vai ver mesmo no::: no quarto.... não...é::: na hora que cês vão a::: descobrir alguma alguma coisa... vai ser só...mente de alguém... lá... alguém</p>	<p>Se referindo a <b>Irc</b></p> <p>risos</p> <p>apontand o o pescoço</p>	130.

	<p>falou isso assim assim ...vem vem trazendo aqui ai ... vocês vão saber aquilo que entrou aquilo que faltou aquilo que vão entrar... ta gente...ah guturrar vai entrá e fase e fase a::: a Unicamp ela vai dar... a unicamp vai dar muita fase de ...de :::: muita fase... ela vai... lutar muita fase do do- do -do cultural... ela vai trazer... mUlta fase trazer muita fase a respeito do cultural que vinha::: vinha do::: cultural que era o::: português do inglês que que era a saída...agora... eu vou contar a:::uma coisa (EI) tem muita muita coisa pra mexe sabe...vai ter muita coisa.... muita coisa pra vocês que vão vão caminhar... vão vão ...ser...</p>	risos	
<b>Irc</b>	- vão se formar?		131.
<b>AJ</b>	vão se se formar ... vão ficá nãO .. não ...ou...ou.... cês faziam assim ... não..porque faziam assim. e::: papapapa e ia descobrir.... certo? Ia descobrir pra jogar as coisa em função do que ele vai ser ...em função daquilo que está ouvindo...Agora aa:::....		132.
<b>Irc</b>	o senhor acha então que aqui o ensino é muito bom?não é? que não fica só na teoria que elas podem ver..		133.
<b>AJ</b>	- elas vêm ver .. vem ver e .vai mostrar para os aluno... aquilo que tá errado... ta errado... ta errado por que que é fase... o que não é o que é fase (EI) porque o::: reitor (EI) asSIM assim assim...depois ele passava um tempo ele ia pra casa e (EI) eu falei bobagem tem que ser assim vou mudar assim assim assim então..... era muita muita ..a:::..	RISOS	134.
<b>TRECHO 5</b>			
<b>Tópico discursivo: Empreendedorismo de Zeferino</b>			
<b>Irc</b>	-o Zeferino era muito empreendedor?		135.
<b>AJ</b>	não... cê sabe que... ele pode... até ser empreendedor.... ce	Olha	136.



	<p>pra vale ...se vai vê...que como se chama ..os os...como se chama aqueles professores que ... que dão nota só a:::: é esse professores que dão nota do::::eles pegam toda aa::::os (EI) e vai vai lutar que é que aqueles... aqueles que fazem a conta... então ele vai saber por que fazem isso e aquilo outro e saber quAl aquele que esta mais adentro daquele negócio...então estudam bastante e dá o empreend/empreendimento daquele ... daquele ... daquele ffffulano que vem.... o resultado da da da Unicamp é muito é muito im/impossível... ce/cê imagina só...esta daqui..... tava tava tossindo e aliás eu até fiquei com dó e:::la ela num tava tossindo... ce levanta ...os braços levanta os braços... essa é a mesma que os cara/que os professores da dá pros caras que faz tossindo e levanta levanta os braços...tá? levanta os braços..</p>	<p>Irc tosse</p> <p>aponta <b>Irc</b></p> <p>Irc tosse</p>	
<b>Irc</b>	Vou ter que andar com os braços levantados....	risos	139.
<b>AJ</b>	<p>abaixa os braços que já então ce levanta ce vai levantar os braços e nem vai perceber... nem perceber... levanta os braços quando você percebe ... já tá longe... mas e:::la é bacana... ela é bacana eu vejo ela... vvvô chama aqui ela pra sabe como é que fala... como joga os braços ( EI) mas isso eu aprendi mais com um irmão/ filho meu...um filho meu ..ele vai ..ele vai ... é:::torcer pela a Ponte Preta ele vai tocar né? Ponte Preta ele vai lê vê aquilo que os médicos fazem com a criança que está .....com... outras vezes eles mandar levantar os braços.... tira todo mundo... e levanta os braços e depois está bom a bom aqui... ... então....iSSo levanta os braços... levanta os braços levanta os braços quando ela acorda ela acorda...você (EI) já tá completamente diferente... a</p>	<p>referindo a <b>Irc</b></p> <p>risos</p> <p>faz gesto de levantar os braços</p>	140.

	Unicamp...a Unicamp de maneira geral... ela tem... ela tem uma ... uma beleza... física ... uma beleza física que são aqueles que que estudam... vão estudar e vão da todas as fases a/ universidade vão dá todas as fases... quer dizer...vocês tão ai (EI) vai vai ... dizer... ENTÃO FULANO.. então fulano falou isso ... então fulano falou aquilo...oh... fulano falou isso ... fulano falou aquilo... ah fulano vai sabê que me/... que merda é aquilo lá (EI) fulano... saiu... se ela fala eu conto pro cês coitada... brincadeira com ela... ela sabe que é brincadeira...	Irc levanta os braços  olha pra Irc  risos risos	
<b>TRECHO 6</b>			
<b>Tópico discursivo:Logotipo da UNICAMP</b>			
			141.
<b>Ea</b>	o senhor viu que tem a história do logotipo da Unicamp aí?		142.
<b>AJ</b>	logotipo? conheço o logotipo. ... você conhece o logotipo também?		143.
<b>Ea</b>	aqui ó... o senhor conhece esse símbolo não é? tem até a história dele que eu achei no site da Unicamp.	Mostra o simbolo	144.
<b>AJ</b>	começou o fono/fono... né?		145.
<b>Ea</b>	este é o da fono e outro é da Unicamp... universidade inteira	Mostra o simbolo	146.
<b>AJ</b>	surge aqui... esse...eei... esta lenda que fala sobre ... lenda né?	Pergunta para Irc	147.
<b>Irc</b>	não é lenda... eu acho que é uma história... Por que tem esses círculos assim...	Aponta para a figura	148.
<b>AJ</b>	mais vai só isso ...só ...o circulo acontece em toda a história e toda história vai .....monta um circulo correto?		149.
<b>Irc</b>	a própria Unicamp são vários círculos não é?		150.
<b>AJ</b>	você sabe que a::: a própria a própria		151.
<b>Irc</b>	geografia da Unicamp		152.

<b>AJ</b>	se você vai...ano/ anotar a como é que fala... a:::: a.... a unicamp se fica se fica per pensando pensando na história... então se você vai pegar pouco na história..a::: a unicamp de maneira geral... ela ela ela traz toda história daquelas daquelas coisas que ela seguia ...que ela pego então ela pega toda história que vai em tempo dessa...	Gesto de “caminho” Faz gesto na mesa	153.
<b>Irc</b>	então qual que é o logotipo, o senhor lembra? uma bola branca dentro das três listras		154.
<b>AJ</b>	estas três listras ... conhece estas três listras?		155.
<b>Irc</b>	não o que são as três listras? não o que que é?		156.
<b>AJ</b>	então a senhora vai aprender o que é as três listras...as três listras...as letras listras são as três dificuldades as três dificuldades...		157.
<b>Irc</b>	faculdades?		158.
<b>AJ</b>	dificuldades ...são as dificuldades para o homem analisar que ele vai plantá pensá pensá pensá e trazer coisas... pra cá ... então cê vai cê vai acontece as três listras... é o saber...é o saber o conhecer... conhecer realmente...e::: o::: a técnica a técnica pra se chegar.... então você .. você pega a três listras ....		159.
<b>Irc</b>	três?		160.
<b>Ea</b>	são treze		161.
<b>AJ</b>	da universidade ...eu to pensando nas três listras... agora ceta....		162.
<b>Irc</b>	aqui está escrito treze ó...Uma bola branca dentro das treze listras que representa a bandeira paulista.		163.
<b>Ea</b>	vamos pegar na blusa da Aline pra gente vê..Aqui ta falando que tem treze listras		164.

TRECHO 7			
Tópico discursivo: As Faculdades da Unicamp			
<b>AJ</b>	aí na verdade são a::: as faculdades que... que	risos	165.
<b>Ea</b>	representam as faculdades estas listras então? realmente iniciaram pela Unicamp pela universidade		166.
<b>AJ</b>	estas listras representam as faculdades...		167.
<b>Ea</b>	e as bolinhas? eu não sei...o senhor sabe o que são estas três bolinhas elas são vermelhas na verdade aqui elas estão da cor do agasalho...		168.
<b>AJ</b>	as bolinhas são vermelhas mesmo por que elas... estariam ... estariam re/realmente pra trazer..		169.
<b>Ea</b>	estas bolinhas significam as áreas do conhecimento é as áreas de humanas ... exatas e biológicas.		170.
<b>Irc</b>	aqui oh... ta vendo oh... é uma bolinha branca muito pequenininha? Com treze listras e três bolinhas vermelhas o senhor lembra?	Irc entra na sala com um agenda que contém o logotipo	171.
<b>AJ</b>	recordar estas coisas é fogo viu.... vai busca... vai busca...nos conhecimentos nos conhecimentos...no conhecimento da::: de/de prever que ele existe...então a/aqui se você v:::vai descobrir diversas que não tem aqui na universidade aqui na universidade não tem...você vai entender aqui... por exemplo faculdade de engenharia por exemplo ela começou agora ... a pouco tempo a::: faculdade de vamos dizer...de a:::fásicos de oh afásico e coisa e tal então tem lá uma parte de afásico ( <b>EI</b> )vocês bonito vocês vai ver e tal...é::: e a/aa cada a cada coisa que vai abrindo abrindo... tanto é que você vai parecer pode parecer uma	Enquant o olha o desenho	172.

	<p>coisa que quando você percebe...hoje quando a professora falou sobre o:::: Pinoti ...sabe porque o Pinoti ele fez aqui na universidade na universidade um afásico... ele começou com afásico ...ele começou com um negocim pequenim pequenim e já ta lá lá... ele começou no afásico lá... então o Pinoti é é fogo... porque o Pinoti ele qué:::: vamo dizê ... ele qué ele qué buscar dentro da/da/da universidade dele atrás do conhecimento ... ele vai trazer o pessoal pra isso isso e aquilo outro vai dá o conhecimento... vai dar o conhecimento... lógico... ele não vai ele não vai fazer nem engenharia por que engenharia ele ta lá... né ?</p>		
<b>Ea</b>	<p>ele acha que tomando conta das universidades ele vai adquirir o conhecimento?</p>		173.
<b>AJ</b>	<p>então... ele pode ter o conhecimento daquela fazem que a universidade não paga...por exemplo a::::: ..... agora ela falou a pouco tempo ai... quando você:::: você ... dá um uma a a fásico cê dá pro afásico pro....</p>		174.
<b>Irc</b>	<p>uma aula?</p>		175.
<b>AJ</b>	<p>o afásico sem nada ... pro afasico sem nada quando ela ela começa a ter noção que aquilo lá ...que aquilo que ela qué...tem que se... tem que ser anotado aquilo lá... por exemplo ... hoje... hoje hoje você pega sssai sai...da de uma afase tá... como diz a professora vou dá:: só conhecimentos pro cês hoje vou conhece todo mundo muito bem i::::sso.....</p>	<p>Aponta para outra sala</p> <p>se referindo a Irc</p> <p>Irc tosse e levanta</p>	176.

		os braços Olha para Irc	
<b>Ea</b>	ela lembrou... viu seu A.?	risos	177.
<b>AJ</b>	e:::: coitada... mas... então... cada..... cada..... conhecimento... ooo cê... vai vai aprontando até vai vai encontrar é:::: conceito... alguma coisa que cês que cês vão dà uma coisa que vai dá certo..muita coisa vai dar certo...muito cês faz isso....	Olha para Irc	178.
<b>TRECHO 8</b>			
<b>Tópico discursivo: Unicamp ( idade)</b>			
<b>Irc</b>	e a Unicamp é uma universidade nova né ? é a mais recente que a gente têm.		179.
<b>AJ</b>	se você:::: é:::: tiver permissão... não é ..... a Universidade nova...		180.
<b>Irc</b>	quantos anos a universidade tem?		181.
<b>AJ</b>	a::: universidade tem... na realidade... na realidade ela começou em trinta e cinco..começou em trinta e cinco quando ela começou a mexer com é meu tempo heim? É meu tempo.....		182.
<b>Irc</b>	em trinta e cinco...mas quantos anos o senhor tem?		183.
<b>AJ</b>	não ....(EI).... já começava...	risos	184.
<b>Irc</b>	e quando é que ela foi fundada o senhor lembra?		185.
<b>AJ</b>	ah... fundada.... ela foi....tss...em noventa:::ntos e ....qué vê...trinta e cinco.... trinta e cinco ela...ela andou para... ela andou muitos anos...		186.
<b>Irc-</b>	antes de ser fundada?		187.
<b>AJ</b>	é ... ela andou muitos anos antes de ser realmente		188.

	fundada... ela tem.... eu .... eu vou vou lembrar o nome dela...		
<b>Irc</b>	o ano passado teve a festa... a festa dos quarenta anos... o senhor lembra?		189.
<b>AJ</b>	não ... aqui quarenta anos da universidade né		190.
<b>Irc</b>	e a Unicamp é uma universidade nova né seu A.? é a mais recente que a gente têm.		191.
<b>AJ</b>	se você:::: é:::: tiver permissão... não é a universidade nova...		192.
<b>Irc</b>	quantos anos a universidade tem?		193.
<b>AJ</b>	a::: universidade tem... na realidade... na realidade ela começou em trinta e cinco..começou em trinta e cinco quando ela começou a mexer com é meu tempo heim? É.... meu tempo.....	risos	194.
<b>Irc</b>	em trinta e cinco...mas quantos anos o senhor tem?		195.
<b>AJ</b>	não ....(EI) já começava...	risos	196.
<b>Irc</b>	e quando é que ela foi fundada o senhor lembra?		197.
<b>AJ</b>	ah... fundada.... ela foi....tss...em noventa:::ntos e ....qué vê...trinta e cinco.... trinta e cinco ela...ela andou para... ela andou muitos anos...		198.
<b>Irc</b>	antes de ser fundada?		199.
<b>AJ</b>	é ... ela andou muitos anos antes de ser realmente fundada... ela tem.... eu .... eu vou vou lembrar o nome dela...		200.
<b>Irc</b>	o ano passado teve a festa... a festa dos quarenta anos... o senhor lembra?		201.
<b>AJ</b>	não ... aqui quarenta anos da universidade né		202.
<b>Irc</b>	então da universidade ... é da Unicamp		203.
<b>ÂJ</b>	à Unicamp ... ela ela começa... vô té.... dizer ela começa ... o reitor chamado vô chama assim... movimento de reitor...		206.

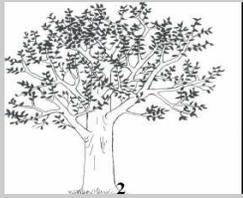
movimento de reitor... lá em mil novecentos e cinquenta e oito por aí... mil novecentos e cinquenta e oito havia mais... muito mais o:::: movimento aqui do que.... o movimento era (EI) greve... não o movimento era pra fundar uma universidade .... em cinquenta e oito tinha...tinha muita muita gente é:::: mexido em quere a cidade de Campinas como como foco.... de uma de uma faculdade... pa/pra dizer a verdade a você ..aqui em Campinas.... aqui em Campinas em mil novecentos e cinquenta e oito ..era::::vo dize pra você ...na verdade era o fuco... que vinha de São Paulo pra cá... São Paulo pegava todas a::: as coisas que pegava... era geralmente... tinha uns grandes artistas que falavam o.. não... sou eu eu que ssse (EI )

então... você tinha tinha grandes médicos aqui grandes médicos aqui ....em mil novecentos e cinquenta e oito foi quando começou a surgir a::: faculdade...a faculdade .... começou aos cinquenta e oito... ela começou com ao básicas ... com as ....eeeu posso dize .... deixo vê... é com o::::os uns apóstolos.... na verdade quem tava surgindo coisa aqui ... sabe... então cê tinha naquele tempo o;;; aquele Bento Correia... Bento Correia que chamava.... Beto bento ... você tinha diversos artistas aqui... e no meio de de São Paulo você não p podia nada nada pra eles porque:::: ficava.... então vovocê tem queda alguma coisa pra eles surgi...então você vai Bento ....

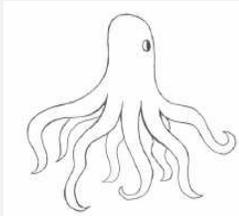
suspira  
mostra um lado  
mostra outro lado

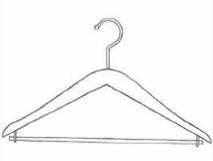
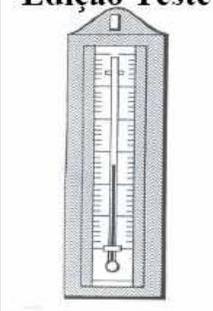
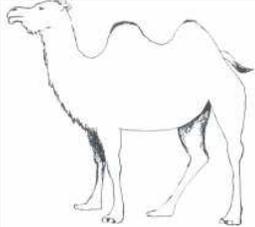
## ANEXO II

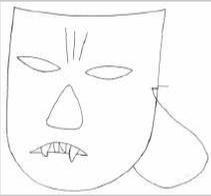
### Teste de Nomeação de Boston (TNB)

	Figura	Fala do sujeito AJ	Observações
1.	<p>Cama</p> 	AJ- É uma cama	
2.	<p>Árvore</p> 	AJ- É uma arvore	
3.	<p>Lápis</p> 	AJ- É um lápis	
4.	<p>Casa</p> 	<p>AJ- É um...um bordó...é o que faz a casa</p> <p>Irn- o que? Um bordó?</p> <p>AJ- é um bordô...é...</p> <p>Irn- é uma casa</p> <p>AJ- é</p>	
5.	<p>Relógio</p> 	AJ- Relógio	

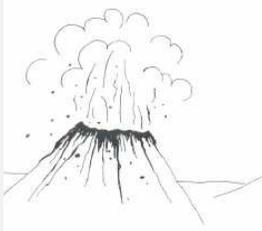
6.	<p>Tesoura</p> 	<p><b>AJ-</b>Tesoura</p>	
7.	<p>Pente</p> 	<p><b>AJ-</b> Pente</p>	
8.	<p>Flor</p> 	<p><b>AJ-É</b>...aqui é....a a minha senhora que sabe essas coisa...</p> <p><b>Irn-</b> mas não precisa dizer exatamente qual é.</p> <p><b>AJ-É</b> uma flor</p>	<p>suspira</p>
9.	<p>Martelo</p> 	<p><b>AJ-</b> Martelo</p>	
10.	<p>Apontador</p> 	<p><b>AJ-Pi</b>...picape di...di..dijunto</p> <p><b>Irn-</b> o que que faz com isso aqui. Fazem... dois três quatro...</p> <p><b>Irn-</b> um dois três quatro o que?</p> <p><b>AJ-</b> Dois três quatro... cópia...</p> <p><b>Irn-</b> cópia? Não é pra fazer nada com isso aqui</p> <p><b>AJ-</b>Com lápis eu não sei não ...não vejo não..</p> <p><b>Irn-</b> o senhor tinha falado uma picape,depois o senhor falou de cópia... isto aqui serve pra que?</p> <p><b>AJ-</b> serve pra que?</p>	<p>Bate os dedos na mesa</p> <p>mostrando um lápis</p>

		<p><b>Irn-</b> se eu falar pro senhor que ele serve pra apontar lápis...</p> <p><b>AJ-</b> apontar lápis...apontar lapis</p> <p><b>Irn</b> –dá pra ver que é pra apontar lápis?</p> <p><b>AJ</b>-só se pegar...</p> <p><b>Irn-</b> então se ele serve pra apontar lápis ele é um?a...pon...</p> <p><b>AJ</b>-apontador</p>	
11.	<p>Helicóptero</p> 	<b>AJ-</b> helicóptero	
12.	<p>Vassoura</p> 	<b>AJ-</b> Vassoura	
13.	<p>Polvo</p> 	<p><b>AJ-</b>Tesoura...tesoura não...é... um montão... um monte de carde ... sei lá eu...um monte de coisa...</p> <p><b>Irn</b>-é um bicho...</p> <p><b>AJ-</b> um bicho...</p> <p><b>Irn</b>-é...um bicho do mar</p> <p><b>AJ-</b> nossa senhora...</p> <p><b>Irn-</b> não parece...não conhece...tem muitas pernas...</p> <p><b>AJ-</b> é um peixe do mar... tem muitas pernas...</p> <p><b>Irn-</b> é...começa com po</p> <p><b>AJ-</b> po... um polvo</p>	Suspira

14.	<p>Cenoura</p> 	AJ- cenoura	
15.	<p>Cabide</p> 	AJ- cabide	
16	<p>Termômetro</p> 	<p>AJ- Ésse...é apontador d... de de lápis..</p> <p><b>Irn</b>- este é apontador de lápis?</p> <p>AJ- senhora disse que era apontador...(EI)</p> <p><b>Irn</b> esse aqui era apontador de lápis</p> <p>AJ- já não é mais?</p> <p><b>Irn</b>- este é apontador, mas esse o que é?</p> <p>AJ -esse ai é...medidor de pressão...sei lá eu...</p> <p><b>Irn</b>- Isso. Não é pressão ...mas mede tem...</p> <p>AJ- temperatura</p> <p><b>Irn</b>- então ele é um ter...</p> <p>AJ- termômetro</p>	mostrando a figura
17.	<p>Camelo</p> 	<p>AJ- esse um bodi...</p> <p><b>Irn</b>-ai sr.antonio... tem certeza que é um bode?</p> <p>A única coisa que em comum com o bode é que eles tem quatro patas...uma cabeça..</p> <p>AJ- nossa senhora....ch:::::</p> <p><b>Irn</b> -olha isto aqui..... característica de que animal é esse aqui? se eu falar pro senhor que</p>	<p>Risos</p> <p>Risos</p> <p>Suspira</p> <p>aponta para o desenho</p>

		<p>este animal não tem no brasil...é um animal do deserto...</p> <p><b>AJ</b> -acho que é um animal assim...animal de... a::é um monte de coisa....</p> <p><b>Irn</b>- se eu falar pro senhor que ele é do deserto... olha aqui que ele tem nas costas dele ...tem aquela corcova...né?é <b>AJ</b>- um ca....camelo</p> <p><b>Irn</b>-olha direito, não parece um camelo</p> <p><b>AJ</b>- poxa... agora é camelo ....</p> <p><b>Irn</b>- o bode...pensa bem ... o que o bode tem de diferença?</p> <p><b>AJ</b>- o que que o bode tem...</p> <p><b>Irn</b>- olha a cabeça...não é bem diferente da cabeça do bode... bode não tem chifre?</p> <p><b>AJ</b>- não sei se tem chifre..ou não</p>	<p>risos</p> <p>risos</p>
18.	<p>Máscara</p> 	<p><b>AJ</b>- -isso aí... é uma careta...</p> <p><b>Irn</b>- ok..olha isto aqui... para por atrás da cabeça</p> <p><b>AJ</b>- é??</p> <p><b>Irn</b>- as pessoas usam no carnaval...põe no rosto...</p> <p><b>AJ</b>- é uma...não sei...</p> <p><b>Irn</b>- uma mas...</p> <p><b>AJ</b>- - mascara</p>	
19.	 <p>Doce</p>	<p><b>AJ</b>- aí um sorvete</p>	
20.	<p>Banco</p>	<p><b>AJ</b>- aí...um ...assentador...</p> <p><b>Irn</b>- um assentador? o que aponta lápis é um apontador...mas aonde senta é um assentador?</p>	<p>risos</p>

		<p><b>AJ-</b> ei lá eu...</p> <p><b>Irn-</b> o que tem na praça? Serve pra sentar... lógico..como chama o lugar de sentar...</p> <p><b>AJ-</b> sentar um ...um apontador... sei lá eu...</p> <p><b>Irn-</b> um ban...banco</p>	
21.	<p>Raquete</p> 	<p><b>AJ-</b> raquete</p>	
22.	<p>Caramujo</p> 	<p><b>AJ-</b> tesoura</p> <p><b>Irn-</b> tesoura?</p> <p><b>AJ-</b> esse ai é...é uma ....(suspira)</p> <p><b>Irn-</b> É um bicho...não parece um bicho?como chama o bicho que tem essa concha...</p> <p><b>AJ-</b> parece? parece...apontador. .apontador não...poxa vida...eu não sei...não sei não...</p> <p><b>Irn-</b> esse bicho que tem essa concha pode ser chamado de caracol..</p> <p><b>AJ-</b> caracol...</p> <p><b>Irn-</b> o senhor conhece algum outro nome pra esse bichinho que anda devagarinho...meio se arrastando...</p> <p><b>AJ-</b> se arrasta... não sei não...</p> <p><b>Irn-</b> é uma lesma....</p> <p><b>AJ-</b> uma lesma... pode sê... sei lá eu...</p>	<p>Risos</p> <p>suspira</p>
23.	<p>Vulcão</p>	<p><b>AJ-</b> i:::::agora vai complicar...</p>	



**Irn-** vai complicar... como chama aquela montanha que solta fogo?

**AJ-** pega fogo...seilá eu... pega fogo...

**Irn-** como é que chama? não é que ela pega fogo...ela solta fogo...né de dentro.. na Itália tem no havaí tem...

**AJ-** aqui não tem...

**Irn-** no brasil acho que eu saiba não...tem mas está extinto...lá em poços de caldas tem uma parte que era o que um vu...

**AJ-** um viveiro

**Irn** um viveiro não...um vul...

**AJ-** a... eu não sei não

**Irn-** um vul...

**AJ-** voador

**Irn-** vulcão

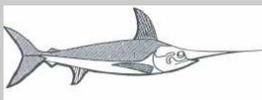
**AJ-** vulcão???

**Irn-** não conhece esta palavra?

risos

risos  
acena que não  
com a cabeça

24. Peixe-espada



**AJ-** é um avião... assim sei lá eu... um a::vião:::  
um avião de pi..

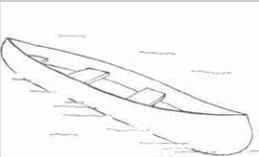
**Irn-** é um avião? Olha bem.tem bico..bom avião também tem bico... mas tem olho...tem boca nadadeira

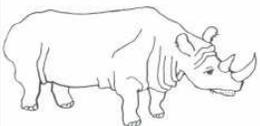
**AJ-** tem muita coisa... eu não sei o que é não...

**Irn-** não ta parecendo um peixe seu antônio?

**AJ-** um peixe voador...

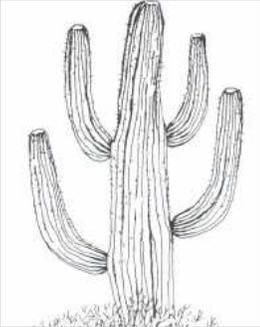
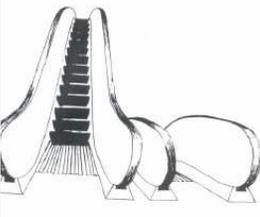
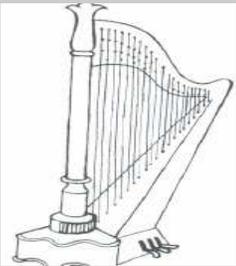
**Irn-** é um peixe espada...

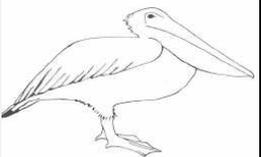
24.	<p>Dardo</p> 	<p><b>AJ</b>_é...</p> <p><b>Irn</b>- sabe pra que serve isso aqui?</p> <p><b>AJ</b>- pra pode pinça:: ...da um ...</p> <p><b>Irn</b>- pra pode acertar um alvo... já viu aquele jogo que as pessoas miram no alvo e tentam acertar no alvo... alguma coisa assim...de várias cores... é branco ...preto e aqui no centro tem m alvo..eles pegam esse dardo(risos )e tentam acertar o alvo... o senhor sabe como chama??</p> <p><b>AJ</b>-não sei</p> <p><b>Irn</b>- é um dardo..</p> <p><b>AJ</b>- eu conheço dado ...mas é outra coisa...</p> <p><b>Irn</b>- não é dado... é dardo</p> <p><b>AJ</b>- dardo... ta certo...</p>	<p>desenha um alvo</p> <p>escreve a palavra</p>
26.	<p>Canoa/barco</p> 	<p><b>AJ</b>- agora um barco</p>	
27.	<p>Globo terrestre</p> 	<p><b>AJ</b>- agora um vestido...um (suspira)</p> <p><b>Irn</b>- tinha um aqui...pra que serve...</p> <p><b>AJ</b>- pra dar orientação pra turma...</p> <p><b>Irn</b> isso mesmo...pras pessoas verem os países.. como é que chama isto aqui ....é um globo....</p> <p><b>AJ</b>- globo anular... sei lá eu...</p> <p><b>Irn</b>-te... não é o mapa da terra... do planeta terra...</p> <p><b>AJ</b>- mais ou menos..</p> <p><b>Irn</b>-não é um mapa aberto... por isso que se chama globo... é um globo terres...</p>	

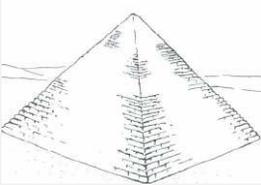
		AJ- Terrestre	
28.	<p>Coroa</p> 	AJ- coroa	suspira
29.	<p>Castor</p> 	<p>AJ-rato...</p> <p><b>Irn</b>-é um rato? Olha direito ...é um ratão heim?... olha o rabo dele... o rato tem esse rabo? parece um rato mas tem um outro nome...ele roi arvore.. é um roedor também...tem uma marc de colchão que tem o nome dele... ca...</p> <p>AJ-camelo...camelo não ...camelo já falou lá...</p> <p><b>Irn</b>- cas...não tem muito aqui no Brasil...ese bicho...</p> <p>AJ- não tem? então a gente não conhece mesmo...</p> <p><b>Irn</b>- castor</p> <p>AJ-é castor isso aí?</p>	
30.	<p>Gaita</p> 	<i>Esta figura não foi testada</i>	
31.	<p>Rinocerante</p> 	<p>AJ-bode é alguma coisa do bode.</p> <p><b>Irn</b> -olha ...eu já vi bode de vários jeitos mas assim com cara daquela outra figura e assim eu nunca vi...esse tem chifre ...mas não é bode...é um bicho bem grande ...tem em zoológico...normalmente ele fica na água...</p> <p>AJ- na água? poxa vida...</p>	risos

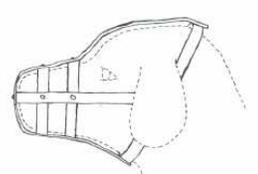
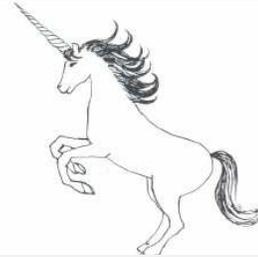
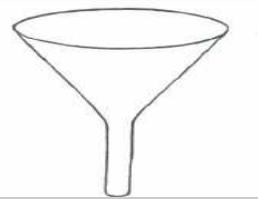
		<p><b>Irn-</b> ele gosta de água... ri....</p> <p><b>AJ-</b> eu não sei</p> <p><b>Irn-</b> rino...</p> <p><b>AJ-</b> ceronte</p>	
32.	<p>Avelã\castanha</p> 	<p><b>AJ-</b> uma semente</p>	
33.	<p>Iglu</p> 	<p><b>AJ</b> -é uma é uma cesta...cesta pra receber a semente...vai receber a semente</p> <p><b>Irn</b>-á um rolo... vai receber a semente?mas como isso...</p> <p><b>AJ-l</b> ....a turma entra ai pra guarda a semente</p> <p><b>Irn</b>_ a turma vai entrar aqui...</p> <p><b>AJ</b>-a semente...põe a semente ai e F:::((EI)</p> <p><b>Irn</b>- aquelas coisas de fazenda.... aquelas estufas....tem alguma outra coisa que parece isso aqui...alguém pode morar dentro num negocio assim...?</p> <p><b>AJ</b>-não...</p> <p><b>Irn</b>- o senhor nunca ouviu falar que no pólo norte os esquimós moram num negócio assim...chama iglu</p> <p><b>AJ</b>- nossa senhora...</p> <p><b>Irn</b>- iglu é o nome da casa onde os esquimós moram...tem gente que olha pra essa figura e dizem que é um forno de pizza...num parece um forno de pizza?</p> <p><b>AJ</b>- um forno de pizza.. .como é que fala??</p>	risos

		<p><b>Irn</b> o certo? tem gente que fala que é iglu...outras falam que é forno de pizza... senhor achou uma outra utilidade pra isso aqui não é? um lugar de colocar semente...um tipo de uma estufa...</p>	
34.	<p>Perna de pau</p> 	<p><b>AJ</b>-esse aí... é uma imagem de::::suj::: fica mais alto...</p> <p><b>Irn</b>- pra ficar mais alto...como que chama então...perna de ...</p> <p><b>AJ</b>- perna de pau</p>	
35.	<p>Dominó</p> 	<p><b>AJ</b> -é..dados...</p> <p><b>Irn</b>- é dado?</p> <p><b>AJ</b>-DAdos</p> <p><b>Irn</b>- eu sei... tem três mas não é dado.....o dado é quadrado... um cubinho que a gente joga...esse daqui é diferente...esse é outro jogo... que tem pecinhas e a gente joga li...</p> <p><b>AJ</b>-i::: ta feio isso aqui...</p> <p><b>Irn</b>- o senhor sabe ... eu tenho certeza que o senhor sabe...é do...</p> <p><b>AJ</b>- eu sei...mas não...falar assim...</p> <p><b>Irn</b> domi...</p> <p><b>AJ</b>- -dominique...dominique...</p> <p><b>Irn</b>- dominó</p> <p><b>AJ</b>-ah...dominó é::::tá certo</p> <p><b>Irn</b>- isto é dominó...dominós...</p>	risos

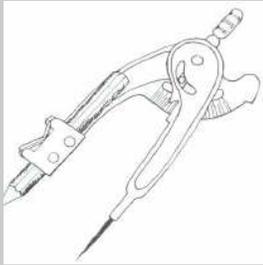
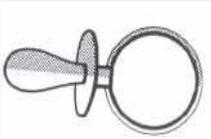
36.	<p>Cactus</p> 	<p><b>AJ</b>-esse aqui são ...cactus</p>	
37.	<p>Escada rolante</p> 	<p><b>AJ</b>- esse aqui...agora agora ...acertei aquele lá... nossa senhora...</p> <p><b>Irn</b> é que uma desce e uma que sobe... no shopping dom pedro tem elevador...se não é elevador... como que a gente sobe de um andar pro outro... como é que chama isto aqui então...</p> <p><b>AJ</b>- depende da maneira de ir e de voltar...</p> <p><b>Irn</b>- na casa do senhor tem escada?</p> <p><b>AJ</b>-tem escada...sim senhora..</p> <p><b>Irn</b>-.então como que chama isto aqui? não é uma escada é ma escada ?que tipo de escada?</p> <p><b>AJ</b>-rolante</p>	
38.	<p>Arpa</p> 	<p><b>AJ</b>--é um... vai ser um...</p> <p><b>Irn</b>- é um instrumento musical...</p> <p><b>AJ</b>- é um instrumento musical?</p> <p><b>Irn</b>- dá pra ver que é um instrumento ...? as pessoas sentam e tocam aqui nestas cordas..</p> <p><b>AJ</b>- eu sei que fala harpa.. bairro....num sei o que ...</p> <p><b>Irn</b>- harpa... isso mesmo.</p> <p><b>AJ</b>-ainda bem...</p>	suspira

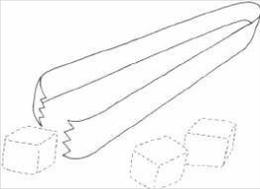
39.	<p style="text-align: center;">Rede</p> 	<p><b>AJ-</b> esse aí...cada vez mas... tA LOco...</p> <p><b>Irn-</b> aqui as pessoas deitam pra descansar um pouco..</p> <p><b>AJ-</b> lugar de descansar...</p> <p><b>Irn</b> mas na onde? ode ser na cama no sofá... mas onde as pessoas também gostam de deitar pra descansar...não...</p> <p><b>AJ-</b> nossa senhora...não</p> <p><b>Irn-</b> os índios gostam muito de dormir na..</p> <p><b>AJ-</b> eles gostam de dormir mesmo... eles gostam de dormir...</p> <p><b>Irn-</b> como que se chama ... o senhor não lembra? amarra em dois pontos... balança...re...começa com re...rede.</p> <p><b>AJ</b> -nossa senhora...rede.... ta certo...</p>	
40.	<p style="text-align: center;">Fechadura</p> 	<p><b>AJ-</b> mais coisa já...</p> <p><b>Irn-</b> isto aqui é onde põe a chave... é uma ...</p> <p><b>AJ-</b> fechadura...fechadURA?</p>	risos
41.	<p style="text-align: center;">Pelicano</p> 	<p><b>AJ-</b>é um cativo...</p> <p><b>Irn-</b> é o que?</p> <p><b>AJ-</b> é um pássaro cativo...</p> <p><b>Irn-</b> é um pássaro cativo ...de onde?</p> <p><b>AJ</b> -ta pregando la em::: vai lá::: em mi....</p> <p><b>Irn-</b>cativo é que fica preso em algum lugar?</p> <p><b>AJ-</b>exato</p> <p><b>Irn-</b>e esse pássaro fica preso?</p> <p><b>AJ-</b>fica preso...</p>	

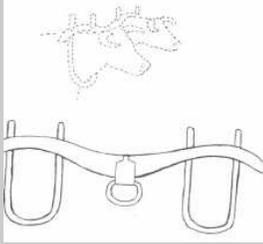
		<p><b>Irn-</b> que bicho que parece? olha o bico ... os pés dele i..tem loja com o nome dele...começa com pe... peli.... <b>AJ-</b> licano...po::xa...</p>	
42.	<p>Estetoscópio</p> 	<p><b>AJ-</b> olha ai... cada coisa...que::::... <b>Irn-</b> pra que serve? <b>AJ-</b> já sei... é pra medir pressão da turma aí... <b>Irn-</b> pra medir a pressão? o medico que usa isto... o senhor sabe como chama? <b>AJ-</b> não....como é que chama... <b>Irn-</b> estetoscópio.... <b>AJ-</b> nossa senhora...estetoscópio....</p>	
43.	<p>Pirâmide</p> 	<p><b>AJ-</b> a::::é rede... rede... <b>Irn-</b> isso não é rede... isto é outra coisa... <b>AJ-</b> ta bom ... isto é outra coisa...ai meu deus do céu... <b>Irn-</b> isto é famoso lá no egito.. no deserto...aonde eles enterravam os faraós... começa com pi... <b>AJ-</b> pi? <b>Irn-</b>pirã... <b>AJ-</b> pirâmide... <b>Irn-</b> isso...pirâmide...já ouviu falar das pirâmides... <b>AJ-</b> não... eu vejo falar em...la perto de casa tem pirâmide <b>Irn</b> -tem mesmo... um restaurante ali... pirâmide... e chama pirâmide porque tem uma pirâmide... eu sei e de cristal lá por isso que</p>	

		chama pirâmide...	
44.	<p>Focinheira</p> 	<p><b>Irn-</b> tudo bem ..isto aqui é um cachorro...como é que chama esse negócio pra ele não morder?</p> <p><b>AJ-</b> é::::mordedura...alguma coisa...</p> <p><b>Irn-</b> mordedura? é um negócio pra ela NÃO morder. como chama esse negocio que põe no focinho dele?</p> <p><b>AJ-</b> no focinho dele é fogo...heim? perto do focinho não é mole não...é?</p> <p><b>Irn</b> -se é um cachorro bravo não é fácil não...é uma foci...</p> <p><b>AJ-</b>cinheira ... ta loco...so...</p>	risos
45.	<p>Unicórnio</p> 	<p><b>AJ-i</b>:::-esse é um cavalo</p> <p><b>Irn</b>-esse cavalo tem o que aqui?</p> <p><b>AJ</b>-tem um nego::::tem visão só esse cavalo...</p> <p><b>Irn</b>- ele tem um chifre...não tem...então ele não é um cavalo de verdade... ele é um cavalo mitológico... existe nas histórias...só...não conhece? uni.... unicórnio..</p> <p><b>AJ</b>- unicórnio... nossa senhora...</p> <p><b>Irn</b>- já tinha ouvido falar desse nome??</p> <p><b>AJ</b>- já vejo falar...</p>	
46.	<p>Funil</p> 	<p><b>AJ</b>-esse é funil</p>	



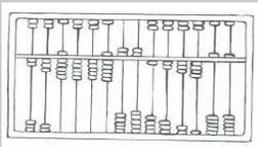
		<p>mesmo...isso aqui é pra come...</p> <p><b>AJ</b>-pra come....</p> <p><b>Irn</b> -vem em vidro assim...parece palmito...</p> <p><b>AJ</b>- é??...</p> <p><b>Irn</b>-as.....</p> <p><b>AJ</b>-não sei não...não sei...</p> <p><b>Irn</b> -aspargo...</p> <p><b>AJ</b>- nossa senhora...aspargo? é ? cada coisa....</p>	suspira
50.	<p>Compasso</p> 	<p><b>AJ</b> -apontador... não não é apontador...é:::pré\presta bem atenção que você vai falar...(risos) é:::apontador...</p> <p><b>Irn</b>- não não é apontador...ele serve pra fazer aqueles círculos....você coloca a ponta assim no papel.. e faz assirn.... chama com....</p> <p><b>AJ</b>- conversa....</p> <p><b>Irn</b>- compa</p> <p><b>AJ</b>- compasso.</p> <p><b>Irn</b> usou muito compasso na escola....</p> <p><b>AJ</b>- não ...não usa não...</p>	faz o gesto de fazer um círculo
51.	<p>Chupeta</p> 	<b>AJ</b> —chupeta	
52.	 <p>Tripé 52</p>	<p><b>AJ</b>- Ah... isso é um MONte de coisa...</p> <p><b>Irn</b>- á acabando falta só mas sete...</p> <p><b>AJ</b>- só ...olha ó:: a ainda bem que ta acabando... é:::um apontador...um apontador ...pode dizer...</p> <p><b>Irn</b>- isso serve pra colocar em cima uma câmara... uma máquina fotográfica...uma</p>	

		<p>filmadora...o que que é? tem três pés... tri?</p> <p><b>AJ-</b> não...</p> <p><b>Irn</b> tripé</p> <p><b>AJ-</b> tripé....</p>	
53.	<p>Pergaminho</p> 	<p><b>AJ-é:::</b> um monte de de de apontador...sei lá eu....</p> <p><b>Irn-</b> ta isso aqui era pra mostrar algumas mensagens... é per?..... pergã....</p> <p><b>AJ-</b>pergaminho...</p>	
54.	<p>Pegador de gelo</p> 	<p><b>AJ- é:::</b> ta ruim.... isso aqui é:::....diaco\diaco</p> <p><b>Irn-</b> pegar....pegar o que?</p> <p><b>AJ-</b> de pegar de pegar qualquer coisa...</p> <p><b>Irn-</b>isso aqui o que que é</p> <p><b>AJ-</b>isso é dado...</p> <p><b>Irn-</b> isso é gelo... então isto aqui é um pegador de...</p> <p><b>AJ-</b> de gelo</p>	faz gesto de pegar
55.	<p>Esfinge</p> 	<p><b>AJ-</b> ai meu deus do céu... mais ai tem coisa heim...</p> <p><b>Irn-</b> ta acabando... isto aqui é lá do egito...es....</p> <p><b>AJ-</b> pergaminho...não sei...não to sabendo...</p> <p><b>Irn-</b> esfin...</p> <p><b>AJ-</b> pergaminho...pergaminho...</p> <p><b>Irn-</b> esfinge...esfinge..</p> <p><b>AJ-</b> suspira.. taMBÈm</p>	expressão de surpresa
56.	<p>Cabresto\canga</p>	<p><b>Irn-</b> este aqui é pra colocar no gado... pra ele andar na linha reta...</p> <p><b>AJ-</b> como é que chama esse troço? isso aqui usava muito no::; nos...nos meu::ti...tios lá la..</p>	

		<p>em mi... mi...em guaxupé...ele...usava muito isso aqui...</p> <p><b>Irn-</b> na fazenda? como é chama isso aqui? ca...</p> <p><b>AJ-</b> camelo...</p> <p><b>Irn-</b> cabre...</p> <p><b>AJ--</b> cabresto</p>	
57.	<p>Regador</p> 	<p><b>AJ-</b>camelo...</p> <p><b>Irn-</b> nÃO... pra que serve isto aqui?</p> <p><b>AJ-</b> pra jogar água...</p> <p><b>Irn</b> -jogar água nas plantinhas ...então como é que chama?... re...</p> <p><b>AJ-</b>regador</p>	
58.	<p>Paleta</p> 	<p><b>AJ-</b> é:::da cor de de busca um... o::::</p> <p><b>Irn-</b>isto aqui é de pintar ... de pinta as telas e como chama este lugar de por as tintas... o sabe o nome disso?é pa... pa...le...</p> <p><b>AJ-</b> palitó??sei lá eu...</p> <p><b>Irn-</b> paletó... já serve qualquer coisa...né? é paleta...</p>	
59	<p>Transferidor</p> 	<p><b>AJ-</b>é::: isso é::::</p> <p><b>Irn-</b> é outro da família do compasso....</p> <p><b>AJ-</b> outro?</p> <p><b>Irn-</b> é da família... Serve pra fazer desenho também...</p> <p><b>AJ-</b> ah.nossa senhora ...tem tanta... a:::..nÃO..</p> <p><b>Irn-</b>trans...</p> <p><b>AJ-</b>cheta?prancheta...</p> <p><b>Irn-</b>prancheta... transfe....</p> <p><b>AJ-</b>feridor</p>	

60

## Ábaco



**Irn**-é o último esse...

**AJ**-ultimo.... (suspira) não sei...

**Irn**- sabe pro que serve?

**AJ**- serve pra::::quando joga um... dois... três...  
quatro ...cinco...não é?

**Irn**-pra marcar os pontos de um jogo... chama  
a.....ábaco

**AJ**- ábaco?

**Irn**-... já ouviu esse nome???

**AJ**- não....

## ANEXO III

### TESTE DE COMPREENSÃO DE FRASES E HISTÓRIAS CURTAS

Ordem do teste:

Identificar se havia alguma coisa “estranha” nas frases que seriam ditas pela examinadora.

Nº	Enunciado	Observações:
1-	<p><i>Irc - Cada time de futebol tem uma mascote, a mascote do Santos é o peixe e o da <u>Ponte Preta</u> é a raposa.</i></p> <p><b>AJ-</b> da ponte preta é a macaca</p>	
2-	<p><b>Irc</b> - <u>no ano de 1500</u> bem perto de uma ponte de madeira pintada de negro, nasceu a Ponte Preta.</p> <p><b>AJ-</b> a ponte preta nasceu em... mil... a:::: noves/ mil novecentos e pouco...</p>	
3-	<p><b>Irc-</b> <i>Moises Lucarelli foi um dos mais <u>importantes jogadores da Ponte Preta.</u></i></p> <p><b>AJ-</b> não... ele foi/ simplesmente deram o nome ...pra ...pra ele...a:::: deram o nome pra ele... ..de ...de... ah...dERam o nome pra ele de moises lucareli no..no...(suspira) a:: nu\neu...</p> <p><b>Irc-</b> estadio...</p> <p><b>AJ-</b> estádio</p> <p><b>Irc-</b> mas por que puseram o nome dele...não foi porque ele foi um bom jogador?</p> <p><b>AJ-</b> não não foi por causa disso...é que parece que ele foi um dos... batalhadores e tal... é:::: ponte preta..pra\ponte preta ....ele</p>	<p>Suspira suspira</p>

	num...num..eu não sei que ele... que ele seja um bom jogador..	
4-	<p><b>Irc</b> - <i>O time do Guarani era chamado veterano campineiro</i></p> <p><b>AJ</b>- nOSSa senhora... esse não...</p> <p><b>Irc</b>- por que não... ele não era chamado de veterano campineiro?</p> <p><b>AJ</b>- não era pra dá o nome de veterano não ...por que ...os vetERAno ... seria gente do esporte...(EI) batalharam pelo futebol...</p> <p><b>Irc</b>...veja o gUARAni era chamado de veterano campineiro...</p> <p><b>AJ</b>- o guarani é também...não...não é veterano campineiro.. não... eu não sei...eu não sei di...di campineiro...ele só pode ser...é:::</p> <p>(suspira) não... não é veterano...não é...</p> <p><b>Irc</b>- tem algum time que o senhor conhece que era chamado de veterano campineiro?</p> <p><b>AJ</b>- campineiro.. si... si...tivesse algum algum time assim...poderia entra (EI) a:::por exemplo... si... a si...a: do a dogoa do guarani tem um monte de nome que eu não vô lembrá ....</p>	risos
5-	<p><b>Irc</b>- <i>Walter Hadler foi o primeiro reitor da Unicamp.</i></p> <p><b>AJ</b>- não...o primeiro reitor da unicamp...o primeiro reitor da da unicamp não foi o valter não sei o nome... não ...não foi</p>	
6-	<p><b>Irc</b> - <i>A unicamp foi oficialmente instalada no ano de 1866.</i></p> <p><b>AJ</b>- mil oitocentos e sessenta e seis? não ... ela foi instalada em mil novecentos e alguma coisa...</p>	
7-	<p><b>Irc</b>-<i>Dos meios de transporte atuais, os mais velozes são: avião, carro, charrete e ônibus.</i></p> <p><b>AJ</b>-. eles não são os mais velozes...não .... só pode ser os aviões...</p>	
8-	<p><b>Irc</b>- <i>Em 1968 é inaugurado o primeiro edifício do campus da Unicamp que aloja o Instituto de Educação.</i></p> <p><b>AJ</b>- alojou... não... o::: instituto.... não ... só pode ter sido</p>	

	<p>algum..... a::::problema d de educação ... não sei...</p> <p><b>Irc-</b> vou repetir ... em 1968 é inaugurado ....</p> <p><b>AJ-</b> não foi alojado o... instituto de educação...não...foi alojado primeiro a facudade de medicina que seria a medicina</p> <p>e::: e nem...nem..dodo educação veio depois...</p>	
<p><b>9-</b></p>	<p><b>Irc-</b> <i>Plano Collor é o nome dado ao conjunto de reformas econômicas e planos para estabilização da <a href="#">inflação</a> .O plano foi oficialmente chamado Plano Brasil Novo, mas ele se tornou associado fortemente a figura de Collor, e "Plano Collor" se tornou seu nome <a href="#">de fato</a>.Este plano desenvolvido durante o <u>mandato de Getúlio Vargas</u> visava a estabilização da moeda. O plano Collor combinava liberação fiscal e financeira com medidas radicais para estabilização da inflação. A principais medidas de estabilização da inflação foram acompanhadas de programas de reforma de comércio externo, a Política Industrial e de Comércio Exterior, mais conhecida como PICE, e um programa de privatização intitulado Programa Nacional de Desestatização</i></p> <p><b>AJ-</b> sinceramente::::.... o plano color... o plano color... de maneira geral ...tinha um fato economico ... dava um fato ecomomico... mas ...não tinha é:::: essa\ essa alvadesa de de plano plano... não era plano color...ele ...plano color ele tinha muita... muita ele não...(EI)</p>	
<p><b>10-</b></p>	<p><b>Irc-</b> <i>Cada vez que me "alembro" do amigo Chico Mineiro, das viagens que eu fazia era ele meu companheiro. Sinto uma tristeza, uma vontade de chorar, se "alebrando" daqueles tempos que não há mais de voltar.</i></p>	

*Apesar de ser patrão, eu tinha no coração o amigo Chico Mineiro, caboclo bom e decidido, na viola delorido e era peão dos boiadeiros.*

*Hoje porém com tristeza recordando as proezas das viagens e motins, viajamos mais de cem anos, vendendo queijo e goiabada e quindim. Mas porém, chegou o dia que o Chico apartou-se de mim.*

**AJ-** é... só pode ter sido ...o apartou-se de mim...de momento assim eu acho que todos os chico mineiro ... toda a rota do chico mineiro ...tinha um companheiro que ficava perto dele...era um companheiro pra pode narrar a viagem dele...passava a viagem... passava pelo pelo chico mineiro ... mas eu não vejo...

Risos

**Irc-** (repete a passagem) Hoje porém com tristeza recordando as proezas das viagens e motins, viamos mais de cem anos, vendendo queijo e goiabada e quindim. Mas, porém, chegou o dia que o Chico apartou-se de mim.

**AJ-** é chegou o dia que...

**Irc-** foi embora..

**AJ-** é ta tudo certo...

risos

- 11-** **Irc-** Sérgio Reis, nome artístico de Sérgio Basini, (São Paulo, 23 de junho de 1940) é um cantor sertanejo brasileiro, famoso pelo seu repertório diversificado. Seguiu-se o sucesso de "Menino da Porteira", "Adeus Mariana", "Disco Voador", "Panela Velha", "Filho Adotivo", "Pinga ni Mim" e várias outras canções. O grande sucesso do menino da porteira fala sobre a história de vida do cantor Roberto Carlos.

**AJ-** roberto carlos? é ...fala do chico mineiro...é... tinha uma viagem...tinha uma viagem mais prolongado do que o chico

	<p>mineiro porque:: ele... ele não tinha tanta... fala sobre o:: chico mineiro... sobre... a:::sobre ochico mineiro... que ele queria... mandou pra frente o chico mineiro...</p>	
<p><b>12-</b></p>	<p><b>Irc-</b> <i>Devido o seu grande progresso também ficou conhecida como a "Princesa d'Oeste", referência esta por estar a oeste da capital do estado. Se destaca na agricultura pela produção de café. Campinas se destaca devido um moderno parque industrial e tecnológico - fruto de um plano de instalação de "tecnopólos", e renomadas instituições de ensino superior, como a Universidade Estadual de Campinas e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas.</i></p> <p><b>AJ-</b> bom... que se bem que que... eu acho que existe.... uma uma grande diferença entre a puc de campinas e a unicamp são inversas..... são... esse se....pp por razão de ser... havia uma certeza entre a puc e a unicamp... a puc e a unicamp... a unicamp era :::geral... de maneira gera... ia::: a::: puc era de maneira inquisitiva (<b>EI</b>) a::: aa .....a puc tinha certos planos que.. não chocavam com a unicamp..a unicamp tinha planos completamente diferentes da puc...</p>	

## ANEXO IV

### SISTEMA DE NOTAÇÃO USADO SÍMBOLOS PARA A TRANSCRIÇÃO DE DADOS<sup>94</sup>

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Enunciados Ininteligíveis	(EI)	gente que ele trouxe do (EI) ...reitor...
Truncamento ou interrupção brusca	/	vai sabê que me/.... que merda é aquilo lá
Entonação enfática	Maiuscula	asSIM assim assim...
Prolongamento de vogal	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	a::: a unicamp
Silabação	-	então vo-você tem que da alguma coisa pra eles surgi...
Interrogação	?	ele não vai ele não vai fazer nem engenharia por que engenharia ele ta lá... né ?
Qualquer pausa	...	o afásico sem nada ... pro afasico sem nada ...

<sup>94</sup> Os sinais usados foram baseados nas normas de transcrição do Projeto NURC – Norma Urbana Culta de São Paulo com algumas modificações para se adequar aos enunciados de sujeitos afásicos. A tabela utilizada baseia-se naquela do BDN (Banco de Dados de Neurolinguística), coordenado por Coudry desde 1992.

## ANEXO V

### DADO PONTE PRETA

Neste dado, sujeito AJ comenta com o grupo III do CCA, o trabalho feito com a fonoaudióloga, na sessão individual, sobre a Ponte Preta<sup>95</sup>.

Sigla	TRANSCRIÇÃO	Obs:	Enunc
<b>AJ</b>	A Ponte Preta é: ...da gente... é::...praticamente uma:: uma visão bem ortodoxa daqui:...daquela:: da;; que temos hoje dentro da Ponte Preta. Na verdade, é... existe...na ..gente... uma ...preocupação de querer fazer a Ponte Preta vira... as coisas..bem...		1.
<b>Irn</b>	Vamos mostrar pro grupo , o que o sr. Fez quinta feira!		2.
<b>AJ</b>	Eu trabalhei um pouco na ponte Preta porque eu fui tesoureiro da Ponte Preta há um tempo... e .. tesoureiro da Ponte Preta e tinha...a gente... alguma atividade.. a gente tinha...eu fui primeiro tesoureiro dentro da Ponte Preta e tinha..que:: sabe.... é..tinha uns cruzeiros, os cruzeiros...		3.
<b>Irn</b>	Era cruzeiro naquela época??		4.
<b>Ec</b>	Quando foi? Há quantos anos?		5.
<b>AJ</b>	Foi em 1954. Era cruzeiro sim... É::: a gente tinha... tinha uma certa vantagem de tirar..a::alguma coisa muito mais é::: difícil para a Ponte Preta. Tinha...tinha uma...uma..preocupação em fazer a Ponte Preta treinar em alguma coisa pra podê estar.. no...no...		6.
<b>Irn</b>	Entre os melhores?		7.
<b>AJ</b>	É ... entre os melhores...		8.
<b>Irn</b>	Nesta época a Ponte Preta era boa.... era um bom time?		9.
	Não...não era... em setenta e quatro não..ela vivia sempre		10.

<sup>95</sup> A sigla **Ea** refere-se à Estagiária “a”, **Ec** à Estagiária “c” que prepararam a atividade para desenvolver com AJ, SR refere-se a um sujeito do grupo e **Irn** refere-se a Prof. Rosana Novaes, coordenadora do grupo III do CCA e orientadora desta dissertação. O tema Ponte Preta foi escolhido, tendo em vista o fato de que AJ foi tesoureiro da Ponte Preta .

	na:: na :: procurando...		
<b>Irn</b>	MeLHORar		11.
<b>AJ</b>	O tempo...era muito difícil a gente era::era muito difícil.A gente tinha::tinha muito o que fazer lá dentro da ponte Preta para alguma coisa...era muito difícil a gente dizer tal coisa...mais a Ponte Preta realmente era uma...		12.
<b>Irn</b>	Era o amor da vida do senhor....	risos	13.
<b>AJ</b>	não...nã::o/ na verdade eu eu vim conhecer a ponte preta em seten::ta e quatro por aí...porque eu estava...eu estava no/ em São Paulo e::: eu não tinha razão para a ponte preta nem nada/ na..		14.
<b>Ea</b>	nem conhecia a ponte preta??		15.
<b>AJ</b>	conhecia/não conhecia... na verdade não conhecia ponte preta mesmo/só fui conhecer aqui através de uns amigos ...		16.
<b>Irn</b>	convenceram o sr...pra que time o sr torcia antes de conhecer a ponte preta? ou não torcia pra time nenhum?		17.
<b>AJ</b>	na verdade...não...não torcia pra nenhum time aqui não... aqui é ::: difícil é:::a minha o meu valor era era ... eu tinha uma razão muito grande pelo São Paulo. São Paulo eu tinha muito muito amigo. Tinha muitos amigos, inclusive era diretor da...da...da São Paulo...e::: quando eu vim pra Campinas eu não... uma obra sei lá...Eu fui tesoureiro da Ponte Preta...fui primeiro tesoureiro...		18.
<b>Ec</b>	Quanto tempo o sr. Foi tesoureiro da Ponte Preta? Quantos anos?		19.
<b>AJ</b>	Olha, na verdade... foi poucos meses....na verdade a gente muito o que fazer...muito mesmo que fazer e não dava tempo...		20.
<b>Irn</b>	È porque naquela época o senhor trabalhava na Unicamp...		21.
<b>AJ</b>	É trabalhava na Unicamp.E:::e... o professor Zeferino ...ele autorizou que a gente tivesse....		22.
<b>Irn</b>	Essa atividade		23.
<b>AJ</b>	Essa atividade na Ponte Preta...		24.
<b>Irn</b>	O Zeferino foi reitor aqui na Unicamp, ele era ponte pretano ou torcia pro guarani....o senhor sabe?		25.
<b>AJ</b>	Não...Na verdade, eu não sei.		26.
<b>Irn</b>	Acho que pra deixar ele devia ser da Ponte Preta .... senão ele iria falar... não senhor... não vai fazer nada....	risos	27.
<b>AJ</b>	Ele..ele...dizer assim eu não posso dizer pra sra.ele era muito		28.

	fechado...muito fechado em termos de futebol...		
<b>Irn</b>	È... ninguém sabia... e o que mais o sr. escreveu ai com a Carol?		29.
<b>Ec</b>	Como quer era o nome do estádio. Será que todo mundo sabe o nome do estádio da Ponte Preta?		30.
<b>Irn</b>	Como era o nome do estádio?		31.
<b>AJ</b>	IH... agora pegou..agora sim... Porque o estádio da Ponte Preta...o estádio da Ponte Preta.... <b>(EI)</b> ...jogava na ponte Preta fizeram o estádio da Ponte Preta... mas deram o nome de...	Longa pausa	32.
<b>SR</b>	Moises Lucareli..	fala bem baixinho	33.
<b>AJ</b>	Deram o nome de Ponte Preta porque.. era só ali.. que ..a ... pessoa		34.
<b>Ec</b>	Tinha um grupo de amigos . Como é que é?		35.
<b>AJ</b>	Tinha um grupo de amigos que jogavam ali...na ... dentro da Ponte Preta e deram o nome de Ponte Preta...		36.
<b>Irn</b>	Mas tinha uma ponte ali perto? Porque chama Ponte Preta?		37.
<b>AJ</b>	A ponte...a ponte existe...já existia uma ponte preta. Mas, na verdade surgiu primeiro na..Ponte Preta...foi justamente este grupo de amigos que jogavam lá em 1580...		38.
<b>Irn</b>	Em 1500 não pode ser... Cabral chegou ao Brasil em 1500.	Brincando com AJ para ver se ele percebia que não podia ser esta data	39.
<b>AJ</b>	Se bem que ...é bom lembrar que já existe...(EI) que a Ponte Preta nasceu em 1500 e pouco...		40.
<b>Irn</b>	Então nós vamos ter que pesquisar... Veja o sr SR falou que o estádio da Ponte Preta se chamava Moises Lucareli...		41.
<b>AJ</b>	Não..Moises Lucareli...Moises Lucareli surgiu depois...porque deram o nome de Ponte Preta e Moises Lucareli...		42.
<b>Irn</b>	Quem foi Moises Lucareli?		43.
<b>AJ</b>	Moises Lucareli foi... mais um grupo de amigos que..que... realmente torceu pela Ponte Preta..ele era torcedor da Ponte Preta...		44.
<b>Irn</b>	Ele era torcedor. Um dos torcedores fanáticos, um dos primeiros fundadores...		45.
<b>AJ</b>	Exatamente...ele foi um dos primeiros fundadores do		46.

	clube...do clube		
<b>Irn</b>	Então ... se ele tivesse dito que era o guarani surgiu em 1500....Não...porque o guarani é bugrino, é dos índios, né? [...] O senhor jogava também? ou não?	risos	47.
<b>AJ</b>	O tempo ... a gente jogava bola...naquele tempo... meu filho...o pessoal já jogava ...jogava futebol...		48.
<b>Irn</b>	O senhor tem idéia de quantos torcedores tem a Ponte Preta? Aqui?		49.
<b>AJ</b>	Olha... na verdade...		50.
<b>Irn</b>	A torcida é maior que a do guarani?		51.
<b>AJ</b>	Na verdade...se diz que é...realmente Diz que Ponte Preta é bem maior...bem maior que o guarani... Agora o Nhô Kim	se referindo ao sujeito OJ	52.
<b>Irn</b>	Mais alguma informação?		53.
<b>AJ</b>	Então ... na verdade...na verdade a Ponte Preta surgiu daquele grupo de amigos que a::: deu o nome de Ponte Preta para a::: a..		54.
<b>Irn</b>	E a macaca?		55.
<b>AJ</b>	Macaca...o pessoal dava o nome de macaca... dizem...dizem uma lenda... né? Que tinha ...tinha uma...um ...assistente que levava uma macaca...dizem que ele levava umas macaca		56.
<b>Irn</b>	É? Pra dar sorte?		57.
<b>AJ</b>	e no fim ...parece ... e dizem...que surgiu lá... um problema e ele pôs um... alg - alguma coisa contra a macaca,né? Surgiu a macaca... e aí o torcedor da Ponte Preta ...surgiu o nome de macaca...é:::		58.
<b>Irn</b>	Um apelido carinhoso.		59.
<b>AJ</b>	É.....um apelido carinhoso.....		60.